



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES TERRITÓRIOS E IDENTIDADES
(PPGCITI)

ROSANE CASTRO PINTO

O *FLÂNEUR* EM DALCÍDIO JURANDIR: A VIVÊNCIA DO CHOQUE EM
BELÉM DO GRÃO-PARÁ E PASSAGEM DOS INOCENTES

ABAETETUBA – PA

2019

ROSANE CASTRO PINTO

**O *FLÂNEUR* EM DALCÍDIO JURANDIR: A VIVÊNCIA DO CHOQUE EM
BELÉM DO GRÃO-PARÁ E PASSAGEM DOS INOCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cidades, Territórios e Identidade, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Interdisciplinares no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades UFPA/ Campus Universitário de Abaetetuba, sob orientação do Prof. Dr. Augusto Sarmiento-Pantoja.

ABAETETUBA – PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)**

P659f Pinto, Rosane Castro

O flâneur em Dalcídio Jurandir: A vivência do choque em Belém do Grão-Pará e Passagem dos Inocentes. / Rosane Castro Pinto. — 2019.
89 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-pantoja

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2019.

1. Flâneur. 2. Cidade. 3. Vida expropriada. 4. Agregado. I. Título.

CDD 809.93355

ROSANE CASTRO PINTO

O *FLÂNEUR* EM DALCÍDIO JURANDIR: A VIVÊNCIA DO CHOQUE EM
BELÉM DO GRÃO-PARÁ E PASSAGEM DOS INOCENTES

Banca examinadora

Prof. Dr. Carlos Augusto Sarmiento-Pantoja (UFPA)
Presidente

Profa. Dra. Viviane Dantas Moraes (UFMA)
Membro Externo

Profa. Dra. Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja (UFPA)
Membro Interno

Abaetetuba, 24 de setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer a Deus pela vida, pois ele é a razão maior de prosseguir em tudo.

Aos meus pais, pelo carinho, dedicação, apoio e exemplo de humildade.

Aos meus amores, o meu filho Alisson Matos e o meu esposo, Vandson Matos, pelo amor e compreensão na minha ausência, em função da dedicação aos estudos

Aos meus irmãos, por torcerem por mim e acreditarem que eu poderia alcançar meus objetivos. Em especial quero agradecer a minha irmã, Rosinelma Castro, por cuidar do meu filho, todas as vezes que precisei durante essa trajetória.

Ao meu professor e orientador Carlos Augusto Sarmiento-Pantoja, por toda a confiança, dedicação e pelo auxílio na realização deste trabalho.

A minha amiga, Dyellem Silva, pela paciência, ajuda e carinho em relação a esse trabalho.

A capes, pela concessão de bolsa de estudos.

Ao programa de pós-graduação, Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI) e aos professores que sempre desempenharam um bom trabalho educativo.

A todos que fazem parte direta e indiretamente da construção desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho realiza um estudo comparado entre as obras *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* de Dalcídio Jurandir. No qual, procura-se verificar de que forma essas obras dialogam com a realidade social da primeira metade do século XX, considerando os conflitos do personagem principal, Alfredo, ao chegar e passar a viver na cidade de Belém. O contato com novos ambientes citadinos mostrando as angústia e ansiedades do personagem diante da percepção da cidade e dos indivíduos. Observando os conflitos que norteiam os romances buscamos compreender como o narrador representa o universo amazônico arruinado posterior ao declínio econômico produzido pelo fim do ciclo da borracha (1879-1912). Dessa forma, procura-se verificar como essas narrativas dialogam com a realidade social da cidade de Belém, uma vez que observaremos os reflexos sociais e econômicos inerentes às camadas sociais mais pobres. Serão analisados os indivíduos, divididos entre o deslumbramento diante dos atrativos e o estranhamento em relação aos principais problemas da cidade. Para abarcar tais considerações utilizaremos como chaves de leituras as ideias de Charles Baudelaire o *Flâneur*, Flávia Gieseler e Tânia Sarmiento-Pantoja sobre a figura do agregado. Nosso olhar se volta, em especial, para as crianças agregadas na casa da família Alcântara em *Belém do Grão-Pará* e de Dona Celeste em *Passagem dos inocentes*.

Palavras-chave: *Flâneur*. Cidade; Vida expropriada; Agregado.

ABSTRACT

This work makes a comparative study between the works “*Belém do Grão-Pará*” and “*Passagem dos Inocentes*” of Dalcídio Jurandir. In which, we look to verify how these works dialogue with the social reality of the first half of the twentieth century, considering the conflicts of the main character, Alfredo, when arriving and living in the city of Belém. The contact with new city environments showing the anguish and anxieties of the character according to the perception of the city and the individuals. Observing the conflicts that guide the romances, we seek to understand how the narrator represents the ruined Amazon universe after the economic decline produced by the end of the rubber cycle (1879-1912). Thus, we seek to verify how this narrative dialogues with the social reality from the city of Belém, once we will observe the social and economic reflexes inherent to the poorer social level. The individuals will be analyzed, divided between the dazzle before the attractions and the strangeness regarding the main problems of the city. To pursue such considerations we will use as a reading keys the ideas of Charles Baudelaire the “Flâneur”, Flávia Gieseler and Tânia Sarmiento-Pantoja about figure of the aggregate. Our view turns especially the children in the Alcântara’s family house in “*Belém do Grão Pará*” and Dona Celeste in “*Passage dos Inocentes*”.

Keywords: *Flâneur*. City environment. Expropriated life. Aggregate.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. MODERNIDADE BAUDELARIANA: FORMAS E REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NO ROMANCE DE DALCÍDIO.....	14
2.1 A Cidade pelos olhos de Dalcídio Jurandir.....	23
3. CIDADES: O ESPAÇO DE VIVÊNCIAS DO CHOQUE	33
3.1 A Cidade como Ficção e História.....	37
3.2 Ânimo e desânimo de Alfredo no ambiente citadino	51
4. VIDA AGREGADA EM DALCÍDIO JURANDIR.	64
4.1 A infância roubada: os expropriados em Dalcídio.	70
Considerações Finais.....	83
Referências	86

1-INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado faz parte da linha de pesquisa Identidades: Linguagem, Práticas e Representações, vinculadas ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cidades Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará. Esta pesquisa constrói um diálogo entre literatura e sociedade a partir da análise de dois romances modernistas: *Belém do Grão-Pará e Passagem dos Inocentes*, ambos do escritor paraense Dalcídio Jurandir.

O presente trabalho intitulado *O flâneur em Dalcídio Jurandir: A vivência do choque “Belém do Grão-Pará” e “Passagem dos inocentes”* traz a partir da construção do pensamento literário de Dalcídio Jurandir as marcas da experiência urbana da modernidade na Amazônia paraense.

Em *Belém do Grão-Pará e Passagem dos inocentes*, analisamos de que maneira o ambiente citadino influenciou às escolhas de Alfredo, protagonista dos romances. Dessa forma, procuraremos então através do olhar e das vivências do protagonista, narrados nos romances, compreender como o deslocamento da personagem para a cidade de Belém proporciona a experiência do choque. Uma vez que partindo de um nível infantil de percepção e compreensão da realidade, vai aos poucos amadurecendo e se tornando capaz de questionar as coisas que observa. Portanto, a partir do olhar do protagonista pobre, mestiço e questionador, que transitamos pela realidade do povo. Para além disso, a história se descortina para o leitor ao longo dos romances suas emoções e sentimentos transmitidos aos leitores, isso porque ressalta em seus livros como a migração de Alfredo impõe-lhe desilusões, expectativas em relação às classes sociais e seu local de origem.

Procuraremos, então, através desse percurso, explorar o deslumbramento e desilusão de Alfredo a partir do processo de deslocamento ocasionados pelas dúvidas e incertezas geradas a partir das experiências do personagem na metrópole. Para tanto, focalizamos as múltiplas vivências de Alfredo em busca de explicar e compreender a realidade que o cerca, que se apresenta como constructo essencialmente social, modificada a cada nova experiência do jovem na cidade de Belém. Por meio do olhar do narrador, observamos como as ilusões do personagem são edificadas por um lado, e se desmoronam por outro. Tal reflexão nos permite perceber que o imaginário do menino é formado, tanto por influência do meio (paisagem), quanto dos conceitos e pré-conceitos emitidos pelos adultos com quem convive.

Sob esse viés analisa-se como a cidade é visualizada por Alfredo, pois trata-se de dois romances que retratam a cidade de Belém dos anos 1920. Por isso, observaremos como ocorre

esse olhar inquietante, ora apaixonado pelos espaços da cidade, ora com o sentimento de repulsa, causado pelo choque diante daquilo que observa.

Para aprofundamento teórico deste trabalho elegemos autores como: Charles Baudelaire com uma de suas mais famosas personas, o *flâneur*. Um andarilho contemplativo, explorador urbano, que traz a marca do artista e possui um olhar mais apurado sobre a modernidade; Flávia Gieseler de Assis e Tânia Sarmiento-Pantoja, com o conceito de agregado relacionado à ideologia do favor; e Walter Benjamin, quando nos apresenta o choque com a modernidade, indagando a figuração tortuosa da posição do homem na sociedade bem como a percepção em relação ao espaço urbano, percebido como fascinante e ao mesmo tempo, ameaçador a partir da persona, *flâneur* de Baudelaire. Sem deixar, é claro, de considerar a linha teórica de outros autores sempre que a escritura de *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* suscitarem algumas dessas formulações no trabalho em questão.

Belém do Grão-Pará, é o quarto romance do Ciclo do Extremo Norte (CEN), publicado em 1960, pela Martins Editora, a mesma ganhou uma nova edição em 2004 chefiada pela Fundação Casa Rui Barbosa do Rio de Janeiro. Nesta obra é apresentada a cidade de Belém na época do declínio depois do boom da borracha, da perspectiva de uma família de classe média, os Alcântaras. Essa família, após a queda do senador Antônio Lemos tem de abrir mão da vida luxuosa repleta de eventos, beneficiada pelo ciclo da borracha. Alfredo chega à cidade de Belém para estudar e morar na casa dos Alcântaras, (o casal seu Virgílio e Inácia e a filha Emilinha). A chegada do menino à capital do Pará foi marcada pelo choque ao se deparar com as consequências do ostracismo político do intendente Antônio Lemos e a derrocada do ciclo da borracha, responsável pelo empobrecimento não somente econômico, mas também culturalmente. O garoto ao caminhar pelas ruas observa a decadência de uma cidade que se encontrava saqueada de princípios humanos, um lugar em que as pessoas com quem morava só se preocupavam em manter o status social com intuito de continuar cultivando os privilégios que tinham anteriormente durante o governo de Antônio Lemos.

O romance personifica a decadência da cidade de Belém, por meio da família Alcântara, a qual nos é concedido acompanhar o seu itinerário trágico, pois termina igualmente os covões, a periferia lamacenta, sem alternativa para esconder a decadência. Dessa forma, isso acontece porque Emília, inconformada com o local em que moravam, resolve promover a mudança da família, saindo da rua do anonimato, para outra central, na estrada de Nazaré, região nobre da cidade. Todavia a casa está em ruína e acaba desabando.

Um exemplo disso é o padrinho Barbosa, que assim como a família Alcântara, vive em um presente decaído. Uma decadência tanto financeiro quanto pessoal (estava falido e “doente

do peito”). Por isso, devido essas situações não podia acolher Alfredo em sua residência, como um dia sonhara o protagonista.

Em meio a essas mudanças de lembrança e inconformismo pós economia da borracha que o protagonista Alfredo, vem do Marajó com a intenção de estudar. Para ele, morar na cidade significava a possibilidade de realizar todos os seus sonhos. No entanto, ao se deparar com a cidade dos “sonhos” seus sentimentos se misturam causando-lhe um choque. Devido a isso, se sentirá dividido entre Cachoeira e Belém, sem estar fixo em nenhum dos lugares.

Passagem dos Inocentes é o quinto romance do Ciclo do Extremo Norte¹, o romance dá continuidade à trajetória de Alfredo, “personagem central do ciclo” (SANTOS, 2005, p.6). Podemos considerar que esse romance se desenvolve a partir de dois núcleos dramáticos. O primeiro, refere-se aos anseios de Alfredo em voltar a morar na cidade de Belém para continuar seus estudos; o segundo, centraliza-se nas memórias de dona Cecé, fazendo-a transitar entre o passado em Muaná e o presente em Belém, numa casa localizada na passagem dos Inocentes. Por isso, possui duas ambientações: uma na cidade de Muaná e outra em Belém. A narrativa inicia fazendo menção a visita que major Alberto, D. Amélia e Alfredo fazem a Areinha, pequena vila nos arredores de Muaná, lugar onde morava o avô de Alfredo, o velho Bibiano, pai de D. Amélia. Neste capítulo o leitor fica sabendo da origem de D. Amélia, o local onde foi criada e também o convite de D. Cecé para que Alfredo morasse em sua casa na cidade de Belém. O período histórico do romance corresponde ao ano de 1923, ano em que Alfredo desce a escala social, quando vai morar na passagem dos inocentes, na casa de dona Cecé. Contudo se os tempos não eram bons, no mundo devido o pós-guerra (1914-1918), na Amazônia paraense não era diferente, no romance *Passagem dos inocentes* Dalcídio apresenta o tempo histórico como forma de denunciar os problemas sociais enfrentados por uma população empobrecida.

Neste romance é narrada a segunda estadia de Alfredo na cidade Belém e a sua iniciação nos espaços periféricos. A narrativa analisa o mundo dos personagens, D. Celeste e Alfredo focando as desventuras de Alfredo, um garoto cheio de questionamentos sobre a cidade e as pessoas que o cercam. Sendo assim, se torna relevante analisar o homem e os problemas que o ambiente lhe impõe, além de suas relações com o outro.

¹ Expressão usada pelo professor e filósofo Benedito Nunes para se referir à vasta produção literária do escritor Dalcídio Jurandir. Uma nomenclatura que não se encontra nos depoimentos do próprio escritor e também não foi usada para caracterizar a obra romanesca pela crítica contemporânea, mas uma sigla que facilitou a via interpretativa dos críticos e estudiosos recentes. (PRESSLER; NETO; MENEZES, 2014 p.554)

A dissertação está dividida da seguinte forma: Um capítulo, intitulado “Modernidade: Formas e representações da cidade...” em que serão apresentadas as teorias que nortearam esse estudo, é um capítulo de exposição teórica através do olhar de Baudelaire sobre a modernidade, observando as descrições sobre a cidade por meio do fascínio da observação. Explorando com profundidade o espaço social em que as pessoas estão inseridas, o qual determinam a formação de suas identidades. O conceito de *flâneur*, enquanto tema constante do imaginário urbano, acaba atuando como metáfora da cidade, uma vez que a análise dessa figura permite desvendar múltiplas percepções acerca da metrópole e de sua história, em determinadas épocas, principalmente, quando levamos em consideração às mudanças ocasionada pela urbanização que de alguma forma mexem com o cotidiano daquelas pessoas.

Maria de Nazaré Sarges, em sua pesquisa sobre a cidade de Belém do início do século XIX e XX, apresentou um levantamento documental interessante na dissertação *Belém: riquezas produzindo a Belle époque (1870-1912)*, nos apresentando como os automóveis, prédios e a sociedade burguesa recém-formada configuravam a imagem da cidade de Belém naquela época. O início dessa modernização foi possível por causa da produção e exportação do látex na cidade.

Belém nasce, em meados do século XIX, como um espaço de sedução para atrair capital estrangeiro, e se torna grandiosa e moderna em sua arquitetura e traçado de avenidas largas. Segundo Sarges, o principal responsável pela condução na mudança da estrutura urbana de Belém daquela época fora Antônio Lemos, intendente de Belém que governou entre os anos de 1887 a 1910.

O intendente Antônio Lemos, ao adotar uma política saneadora preventiva, propunha não somente a zelar pelo “bem estar social”, como também cuidar de certos aspectos da vida urbana, como saneamento, saúde pública, estética da cidade etc., para que não fossem prejudicados pelos maus hábitos de uma população indisciplinada e fétida. (SARGES, 2010, p. 160)

Durante a intendência de Lemos, no início do século XX, a paisagem urbana de Belém sofreu modificações decorrentes do apogeu da economia do ciclo da borracha, mas além do ordenamento político, do embelezamento, Lemos também procurava civilizar a população pobre, que ele entendia como tendo costumes bárbaros e atrasados responsáveis pelas quebras de regras impostas pelo governo, uma vez que a intenção de Antônio Lemos era que a capital paraense se assemelha-se a Paris.

Os romances nos chamam a atenção pelas formas e representações que descrevem da cidade de Belém, decodificando-o a partir do campo físico das ruas, praças, becos e baixadas. Vemos uma construção bi-temporal nas narrativas, pois elas permite trazer à tona um presente

na narração, quando apresenta a decadente cidade de Belém do final do ciclo da borracha, mas ao mesmo tempo se reporta ao passado da Belle époque, quando Lemos esteve no poder. Permitindo trazer à tona o estranhamento de Alfredo, em relação ao ambiente da cidade ao observar espaços sociais diferenciados, onde culturas díspares se encontram, chocando-se geralmente com a presença forte do domínio e da subordinação, num cruzamento cultural. Neste sentido, discutiremos como a cidade é construída e desconstruída. Se tratando de uma análise do personagem principal, Alfredo, é necessário levar em consideração o menino como adolescente, mestiço, pobre atormentado pelo choque sociocultural ao se deparar com um ambiente ora encantador, ora ameaçador.

No capítulo seguinte, apresentar-se-á a cidade a partir das contribuições da pesquisadora, Sandra Jatahy Pasavento, em *o Imaginário da Cidade*, uma obra que propõe estudar a cidade através de suas representações. A autora se apropria das representações literárias como meio de investigação do passado, percebendo, nas metáforas e nas imagens mergulhadas em seu seio, o imaginário das sensibilidades de uma época que procura se construir a partir do pensar e do agir dentro de um parâmetro de urbano, preso na ideia que chamaríamos de modernidade. Nesse sentido, levando em consideração que a literatura é um elemento que recria e reexplica uma determinada sociedade, um determinado período histórico. Examina-se como os romances de Dalcídio Jurandir recriam a cidade de Belém atravessada pela economia da borracha; a modernidade de Antônio Lemos; e a decadência econômica, metaforizada pela família Alcântara e o padrinho Barbosa.

Nesse contexto, analisa-se uma Belém em ruínas, por meio das vivências da personagem Alfredo. Dessa forma, para compreendermos a ruína na narrativa *Belém do Grão-Pará e Passagem dos Inocentes*, utilizaremos o estudo de Marlí Tereza Furtado, que pode ser considerada uma das mais representativas estudiosas de Dalcídio Jurandir quando se trata do tema ruína. Já no título de sua tese, atenta não somente para as ruínas que marcam o contexto histórico subjacente ao romance, mas também o mesmo aspecto no plano dos personagens: *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Portanto, analisa-se a ruína da idealização de um modo de vida burguês que fracassou, através do olhar de Alfredo.

Em nosso estudo, o cenário arruinado da cidade de Belém começa a ser exposto descerrando aos olhos do leitor uma relação ao mesmo tempo de encanto e conflito. Nesse sentido, ao caminhar tal como um *flâneur* nas ruas da cidade de Belém o personagem experimenta uma mistura de sensações: espanto e desconforto, paixão e repulsa diante de uma Belém por ele desejada e sonhada durante muitos anos.

No último capítulo, intitulado *Vida agregada em Dalcídio Jurandir*, abordaremos a figura dos agregados, segundo as postulações de Flávia Gieseler de Assis e Tânia Sarmento-Pantoja que discutem esse conceito a partir da ideologia do favor entre o servo e o senhor. Nas narrativas observaremos como as crianças levavam uma vida desqualificada sem direito de brincar e estudar, vivendo de maneira desumana sendo comparadas inúmeras vezes a bichos, em uma condição análoga à escravidão. Portanto, a partir da análise do cenário que as crianças são apresentadas nas narrativas é possível afirmar que essas pessoas tratadas como animais levam uma vida desqualificada, sem direitos, a margem de uma vida qualificada. O capítulo traz a reflexão sobre a condição das crianças agregadas que numa condição servil, análoga à escravidão, trabalham em troca de alimentação e moradia. Dessa forma, como um *flâneur* a personagem Alfredo que também é um agregado observará a condição servil de cada agregado, inclusive a sua, marginalizados socialmente por uma sociedade excludente. Crianças analfabetas, abandonadas pela lei, humilhadas em um contexto de exceção.

Desse modo, este trabalho convida o leitor a conhecer as obras *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* através da figura do *flâneur*, que observa os mínimos detalhes de uma cidade em decadência. Portanto, são narrativas que o autor Dalcídio Jurandir, um dos mais instigantes ficcionistas brasileiros modernos trouxe elementos que denotassem a cidade em ruínas depois da decadência do fausto dos bons tempos de Antônio Lemos. A cidade da denúncia das mazelas, das condições precárias de quem mora nos subúrbios de Belém, em ruas mal iluminada, cheio de lama e do descaso com os mais necessitados. Sendo assim, analisa-se esse cenário esvaziado pela derrocada do ciclo econômico que trafegam os personagens de Dalcídio.

Dessa maneira, ao pensar em contribuir com as pesquisas no mestrado em Cidades Territórios e Identidades (PPGCITI), lancei-me na tentativa de fazer uma análise comparada de duas obras de Dalcídio Jurandir, *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes*. À vista disso, a comparação ilumina um objeto ou situação, a partir de outro mais conhecido, procurando estabelecer analogias, identificar semelhanças, diferenças e peculiaridades entre duas ou mais realidades. Desta forma, essa pesquisa constrói um diálogo entre literatura, Cidade e Identidade. Pois o palco desses dois romances é a cidade de Belém, ou seja, a história transcorre nessa cidade, fundada nas descrições e narrativas do autor acerca das vivências que o menino constrói nos múltiplos espaços citadinos e em face de sua interlocução com diferentes sujeitos e contextos sociais.

A relevância da pesquisa consiste, fundamentalmente, na contribuição que poderá trazer a discussão e análise interdisciplinar, pois dialoga com várias áreas do conhecimento e que por

isso possibilita um novo aprendizado para o pesquisador, uma vez, que aborda tanto o contexto quanto a análise literária.

2- MODERNIDADE BAUDELARIANA: FORMAS E REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NO ROMANCE DE DALCÍDIO

Durante os séculos XIX e XX a sociedade estava passando por intensas mudanças, entre elas a transição entre a ordem burguesa à capitalista. Esse período de grandes mudanças na estrutura da sociedade ocidental, acabaram por chocar o sujeito daquele tempo. A Paris, do segundo império no século XIX, também como as outras cidades, sofreu com as grandes transformações, construção de grandes avenidas, mercados, teatros etc. Segundo o pesquisador, Marcos Antônio de Menezes, em seu trabalho, *Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire*, essa modernização não mudou apenas a cidade, mas as relações entre as pessoas.

Entre 1853 e 1870, durante o império de Napoleão III e a administração do barão George Eugène Haussmann, – funcionário público por profissão, engenheiro, homem ambicioso, foi o escolhido pelo Imperador Napoleão III para realizar as reformas urbanas na capital francesa – Paris passou por uma grande reforma planejada, que mudou as concepções de urbanismo. Esta modernização transformou profundamente não só os lugares, mas também as pessoas e as relações entre elas. (MENEZES, 2004, p. 5)

Durante o século XIX o homem enfrentou várias mudanças ocorridas na sociedade. As crenças e tradições desse indivíduo foram quebrado para ceder espaço para um novo tipo de vida que se organizava, a sociedade capitalista. Dessa maneira, as formas de sociabilidade foram rompidas dando lugar a um novo processo de organização da sociedade, como pontua Menezes:

A partir da Revolução Inglesa e, em especial, no século XIX, o desenvolvimento das cidades muda de ritmo não mais para acompanhar as badaladas dos sinos nos mosteiros, mas o tic-tac do relógio mecânico. Agora, o crescimento ou refluxo obedecem às normas ditadas pelas necessidades econômicas de produção de mercadorias, e não simplesmente de trocas. Aparece, então, a cidade moderna: afastada do mundo religioso dos mosteiros e das igrejas, mas condenada a se erigir à beira dos muros da fábrica, com a fumaça das chaminés a encobrir os campanários das antigas igrejas e o relógio das indústrias a regular o tempo nas ruas. A arquitetura do passado cede rapidamente terreno a formas e contornos do mundo da produção e do trabalho. (MENEZES, 2004, p. 61)

Dessa maneira, a realidade que cercava Charles Baudelaire (1821-1867), apontado pela maior parte dos críticos como o fundador da poesia moderna, era de choque diante das intensas mudanças vividas pela cidade de Paris, a qual estava sendo urbanisticamente transformada. A construção dessa metrópole além de expor os contrastes sociais, também contrastava o indivíduo com a multidão. Em seus textos de crítica de arte, Baudelaire compreende a

modernidade como algo efetivamente contraditório. Por isso, a modernidade pode ser entendida como uma série de mudanças que ocorrem na sociedade e alteram a forma como o indivíduo pensa e observa o mundo. Walter Benjamin, ao refletir sobre a obra de Baudelaire no livro, *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*, analisa criticamente a sua poética pelo fato da modernidade de sua obra ser vista na abordagem realista, com aversão à subjetividade exagerada. Por isso, podemos dizer que adentrar na obra e o pensamento Baudelairiano é o mesmo que enxergar o mundo pelos olhos de suas personas. Na imensidão das movimentadas ruas de Paris, Baudelaire funda o seu olhar sob a efemeridade trazida pela modernidade. Nesse contexto, no século XIX, Baudelaire aparece como criador de um paradigma da cidade moderna, ao assimilar, principalmente, o caráter brusco e inesperado que caracteriza a vida transitória do homem moderno. A poesia *Confissão* ilustra esse pensamento de Baudelaire e revela as contradições da modernidade, tanto as formas de beleza quanto as monstruosidades criadas pela modernização.

CONFISSÃO

Uma vez, uma só, graciosa e doce amante,
Teu suave braço sobre o meu
Pousou (no fundo em trevas de minha alma, o instante
Que então vivemos não morreu);

Era bem tarde; qual efígie luminosa,
A lua cheia se exibia,
Enquanto a noite, como um rio, majestosa,
Sobre Paris em calma fluía.

E junto às casas, por debaixo dos portais,
Gatos furtivos se moviam,
O ouvido alerta, ou, como sombras fraternais,
A passo lento nos seguiam.

Súbito, em meio àquela intimidade franca
Nascida a luz ainda escassa,
De ti, rico instrumento ao qual nunca se arranca
Senão a mais vibrante graça,

De ti, alegre e clara como uma fanfarra
Imersa na manhã radiante,
Uma nota queixosa, uma nota bizarra
No ar oscilou toda hesitante

Qual menino franzino e macilento e imundo,
A quem os pais, por pejo ou medo,
Longo tempo escondessem aos olhos do mundo,
Como se esconde um vil segredo.

Anjo infeliz, ela trauteava a nota aguda
"Aqui na Terra é tudo engano,
E mesmo que a si próprio alguém sempre se iluda,

Revela-se o egoísmo humano;

Ser bela é ofício cujo preço se conhece,
É o espetáculo banal
Da bailarina louca e fria que fenece
Com um sorriso maquinal;

Semear nos corações é sucumbir ao pranto;
Finda-se o amor, vem a saudade,
Até que o Esquecimento os arremesse a um canto
E os lance, enfim, à Eternidade!"

Muita vez evoquei esta lua encantada,
Este silêncio noite afora,
E esta medonha confiança sussurrada
Ao coração que a escuta agora. (BAUDELAIRE, 2015, p.25)

Marcos Antônio de Menezes, aponta em seu estudo que “o que nos atrai na leitura de as flores do mal é com certeza, já de pronto, a violência temática dos poemas. O livro todo, do primeiro ao último verso, apresenta-se como confissão de uma pessoa original vacilando entre luz e trevas” (MENEZES, 2004, p. 8). São poesias permeadas por contradições, ora se regozija com a vida, ora a detesta, a humilha, deseja a morte. Impressões extraídas das impressões e situações vivenciadas no dia-a-dia durante seus passos pela cidade.

Essas mudanças com as reformas no espaço urbano, tendo como modelo a Paris de Haussmann, vão propiciar um maior acesso ao *flâneur* para observar os conflitos da cidade grande favorecendo a sua descrição através da literatura.

A literatura surgida a partir de meados do século XIX é tipicamente cidadina. Isso já começa a ser percebido com o romance romântico, que, por se deter no modelo de vida burguês, tende a se concentrar mais nos espaços urbanos, mas sem perder vista a concepção de que o campo é o lugar ideal, que concentra uma forma idílica de pureza original. Talvez pelos mesmos motivos que fizeram com que os românticos “guardassem” o desejo do campo, os realistas do fim do século XIX se afastaram cada vez mais dele, concentrando sua atenção primordialmente na vida da cidade. (MENEZES, 2004, p. 63)

Dentro dessa perspectiva o enredo das narrativas *Belém do Grão-Pará e Passagem dos Inocentes* de Dalcídio Jurandir retratam os anos vinte, quando Belém já havia presenciado um dos momentos áureos da economia da borracha, mas os rastros da modernidade ficaram expostos no chão da cidade de Belém. Dessa forma, é interessante observamos como os aspectos paisagísticos (paisagem urbana), os costumes, os tipos humanos se cruzam trazendo à tona a história e a memória da cidade. Dalcídio representa a cidade de Belém em decadência, fazendo lembrar que alguns anos antes, na administração de Lemos ela passou por profundas mudanças e que ainda era capaz de sentir o espírito afrancesado no meio dessas ruínas.

Como podemos ver no estudo de Maíra Oliveira Maia, *Para além da decadência - A "aristocracia do pé no chão" na Belém de Dalcídio Jurandir*, ao afirmar que:

Nos romances de Dalcídio Jurandir, ao buscarmos compreender a cidade de Belém da virada do século XIX para o século XX, durante o nosso processo de modernização e embelezamento baseados nas teorias higienistas burguesas, assim como durante a suposta "decadência", os anos de 1920, vamos nos encontrar com esta multidão amotinada, a qual sofre no seu cotidiano com as consequências deste progresso burguês seletivo. A população que foi excluída da modernização do centro de Belém vai pagar caro por não conseguir se inserir neste processo, porém, também vai resistir, amotinando-se, contestando, desagregando as coisas. (MAIA, 2017, p.262)

Conforme pontua a pesquisadora, a população carente sempre esteve numa condição inferiorizada. Durante o processo de modernização e embelezamento da cidade, Lemos procurava alinhar a cidade aos padrões da civilização europeia com uma política voltada para os interesses da elite, trazendo uma mudança radical nos costumes e hábitos da população. Por isso, o discurso do governo pautava-se na ideia de que era necessário educar politicamente as massas populares. Sendo assim, seguindo o modelo da França através das políticas urbana da administração de Haussmann, Antônio José de Lemos reproduziu na cidade de Belém esse modelo de urbanismo moderno, com o discurso que era necessário manter as concepções de ordem, harmonia e civilização, conceitos associados ao mundo europeu. Dessa forma, com a missão de embelezar a cidade o poder público criou mecanismos que interferiu na vida cotidiana das camadas populares. Logo, durante o período de decadência da cidade de Belém a população carente que não tinha se inserido nesse processo de modernização, passará a residir em lugares afastados e de péssima higiene, onde as pessoas adoecerão e por isso, irão para as ruas reivindicar melhores condições de vida.

Essa modernização não estava restrita a melhorias urbanas, incluía o "modo de vida" das pessoas. Zygmunt Bauman (2001), em seu trabalho intitulado *Modernidade líquida*, esclarece que a modernidade é chamada de líquida porque as formas de vida se assemelham a vulnerabilidade e fluidez, incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça um estado temporário e frágil das relações sociais e dos laços humanos. Os valores, que antes eram sólidos e fixos, tornam-se maleáveis e fluidos. Todavia, dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que a desconstrução, a reconfiguração e reformulação dos valores tradicionais inauguram uma nova fase da vida humana: a modernidade. A era moderna, diante dos conflitos cada vez mais globais, foi marcada pela segregação de classes, indivíduos e, principalmente, de nações, por isso:

Classificar consiste nos atos de incluir e excluir. Cada ato nomeador divide o mundo em dois: entidades que respondem ao nome e todo o resto que não. Certas entidades podem ser incluídas numa classe — *tornar-se uma classe* — apenas na medida em que outras entidades são *excluídas*, deixadas de fora. (BAUMAM, 1999, p.11)

Observa-se que a modernização transforma a cultura da população, expressas pelo modo de vida e organização social. Logo, a modernização através de implementação de infraestruturas e construção de belos edifícios altera a cultura e os hábitos sociais da população. Dessa maneira, de acordo com Dalcídio Jurandir os moradores mais abastados da cidade de Belém atraídos pela cultura da modernidade e conseqüentemente com a ideia de manter um status social, se esforçavam para residir nos palácios, chalés, nos novos bairros modernos da cidade de Belém. É notório salientar que enquanto a classe dominante deleitava dos benefícios dos projetos modernos, a classe desfavorecida por não se enquadrar nos padrões da modernidade sofria nos bairros periféricos de Belém. Portanto, de acordo com Maia (2017), “a cidade de Belém da virada do século XIX para o século XX não pode ser descrita apenas como ‘moderna’, ‘bela’, ‘civilizada” (MAIA, 2017, p. 167).

Como a sociedade moderna trouxe várias mudanças em vários aspectos da cidade, o poeta Charles Baudelaire participando desse processo de modernização, pois viveu na Paris oitocentista em seu momento de reforma urbana, sob o governo de Napoleão III, mostrava-se capaz de captar a poesia em qualquer lugar, ou seja, em cada canto. Procurou na imensidão das grandes cidades, a efemeridade que caracterizou sua época. Tal vivência urbana pode ser entendida pela leitura do texto *o pintor da vida moderna*, em que ele fala do caricaturista Constantin Guys.

Ele pensa a modernidade como dissonante; faz do negativo algo fascinante. O artificial, o mal e o decadente são materiais estimulantes; contêm mistérios que guiam a poesia a novos caminhos. Ele perscruta um mistério no lixo das metrópoles, bane a natureza de sua poesia para celebrar o artificial. Para ele, “as massas cúbicas de pedras das cidades são sem natureza, elas pertencem – embora construído o lugar do mal – à liberdade do espírito, são personagens inorgânicos do espírito puro” (MENEZES, 2004, p.104)

Em sua obra *O pintor da vida moderna*, Baudelaire afirma: “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente. É a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e imutável” (BAUDELAIRE, 2010, p. 36). Nesta assertiva Baudelaire estabelece a representação do transitório, do fugitivo, como alvo a ser atingido e atribui a este o valor de metade da arte, pois a outra parte reside no eterno, no imutável. Dessa forma, sua intenção é construir a imagem do pintor da vida moderna trazendo os espaços, as pequenas mudanças, os detalhes, como coisas que parecem insignificantes, mas que para o pintor da modernidade isso tem uma importância

significativa para a composição das suas poesias. É essa especificidade de sempre buscar o novo que Baudelaire, em *o Pintor da vida moderna*, denomina de modernidade. Como afirma Maria Gorete de Almeida em sua dissertação, *A modernidade poética em Charles Baudelaire e Walter Benjamin*, que cabe ao artista buscar incessantemente a beleza de seu presente, observar e captar este “algo” novo, visto como a própria modernidade.

Cabe ao artista estar atento e buscar incessantemente a beleza do seu presente, e o logro dessa tarefa só será possível se a imaginação se impor. Se o próprio artista não for dotado de uma imaginação ativa, se não for capaz de preencher este “algo” novo, visto como a própria modernidade, presente nos fenômenos passageiros, ela jamais será encontrada. (ALMEIDA, 2005, p. 30)

Dessa forma, a arte para Baudelaire seria uma constante busca do novo, no qual se leva em consideração o ousado, o inovador como algo importante para ser transportado para sua poesia. Como salienta o autor Marcos Antônio de Menezes em sua tese intitulada, *um Flâneur perdido na metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire*.

Circulando pelas convulsas ruas da metrópole em transformação, o poeta não só anota na memória o que vê, como também tudo transporta para sua poesia: uma passante, um velho, uma velha transformam-se em personagens que o ajudam a descrever Paris. A relação do poeta com a cidade é mediada por metáforas que transfiguram a imagem da cidade. Nas ruas, em meio à multidão, o poeta se transforma no *flâneur* que tudo observa sem se contaminar. (MENEZES, 2004, p. 69)

Para representar essa contradição proporcionada pela modernidade, Baudelaire cria uma personagem que será a base para a compreensão das obras de Dalcídio, sendo ela o *flâneur*. Essa figura é responsável pela compreensão das representações da cidade e da constituição da identidade do homem moderno em constante mudança, uma vez que a experiência da modernidade urbana e a cidade é o tema principal do pintor da vida moderna. Como observamos através do poema *spleen*, de as flores do mal de Charles Baudelaire. Neste poema Baudelaire apresenta todo o tédio e uma constante sensação de estranhamento, inconformismo do homem perante esse tempo sombrio e confuso de uma sociedade contraditória em constante mudança.

SPLEEN

Sou como um rei sombrio de um país chuvoso,
 Rico, mas incapaz, moço e no entanto idoso,
 Que, desprezando do vassalo a cortesia,
 Entre seus cães e outros bichos se entedia.
 Nada o pode alegrar, nem caça, nem falcão,
 Nem seu povo a morrer defronte do balcão.
 Do jogral favorito a estrofe irreverente
 Não mais desfranze o cenho deste cruel doente.
 Em tumba se transforma o seu florido leito,
 E as aias, que acham todo príncipe perfeito,
 Não sabem mais que traje erótico vestir
 Para fazer este esqueleto enfim sorrir.

O sábio que ouro lhe fabrica desconhece
 Como extirpar-lhe ao ser a parte que apodrece,
 E nem nos tais banhos de sangue dos romanos,
 De que se lembram na velhice os soberanos,
 Pôde dar vida a esta carcaça, onde, em filetes,
 Em vez de sangue flui a verde água do Lestes.
 (BAUDELAIRE, 2015, p. 43)

Baudelaire vislumbra o herói moderno nos limites da cidade grande. O pintor do mundo moderno deve ser dotado da capacidade de observação e investigação a respeito daquilo que observa a fim de adentrar de forma minuciosa na multidão e revelar o significado mais profundo. Nesse sentido, a figura emblemática que se mistura à multidão e observa cada detalhe chamado de *flâneur* é considerada uma das *personas* mais comentadas nos estudos sobre a modernidade.

O *flâneur* ainda não está condicionado pelo hábito que automatiza a percepção e impede a apropriação da cidade pelo cidadão. Seu contato com a massa urbana é aquele do olhar, ele vê a cidade, e este método o faz criar em torno de si um escudo. Não sendo um autômato, ele é o ocioso que mapeia a urbe, fazendo referência ao labirinto emocional despertado pela modernidade. Desenraizado, o *flâneur* pode ir a todos os lugares, mas não está “em casa” nem na sua própria cidade – para ele, ela é apenas um mostruário. (MENEZES, 2004, p. 69)

O errante e misterioso *flâneur* teve origem em Charles Baudelaire quando Paris passava por profundas transformações devido à chegada das indústrias. O *flâneur* de Baudelaire é descrito como um observador arquetipo da esfera pública das grandes cidades europeias do século XIX. Uma figura que caminha sem pressa pelas ruas, percebendo cada detalhe e, conseqüentemente acompanhando as mudanças que permeiam as ruas.

Para o perfeito flanelador, para o observador apaixonado, eleger domicilio no número, no ondeante, no movimento, no fugitivo e no infinito é um imenso prazer. Estar fora de casa, e sentir-se contudo em casa onde quer que se esteja; ver o mundo, estar no centro do mundo, e permanecer escondido no mundo, tais são alguns dos menores prazeres destes espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem dificilmente pode definir. O observador é um príncipe que anda incógnito por toda parte. O amador da vida faz do mundo a sua família, tal como o amador do belo sexo compõe a sua família de todas as belezas encontradas, encontráveis e inencontráveis; tal como o amador de quadros vive numa sociedade encantada de sonhos pintados na tela. Assim o apaixonado da vida universal entra na multidão como se ele fosse um imenso reservatório de eletricidade. (BAUDELAIRE, 2010, p. 29-30)

Dessa maneira, flunar é andar sem destino pelas ruas, sem ser notado, não sabendo dizer de onde vem ou mesmo para onde vai, sem disfarces, considerado o detentor de todas as significações urbanas. Desta feita, o *flâneur* perambula com inteligência pelas ruas da cidade com intuito de captar com o seu olhar atento os lugares e as pessoas. Para Charles Baudelaire o

flâneur percorre pela cidade observando os habitantes citadinos e suas atividades diárias com a intenção de mostrar a história social da cidade e desvendar múltiplas percepções acerca da metrópole e de suas histórias em determinadas épocas.

Quando G., acordar, abre os olhos e vê a luz resplandecente do sol subindo ao assalto dos vidros das janelas, diz de si para si com remorso e pena: “Que ordem imperiosa! que fanfara de luz! Há já algumas horas, luz por toda parte! Luz que perdi dormindo! Quantas coisas iluminadas eu teria podido ver e que não vi”! E põe-se a caminho! Comtemplo o rio da vitalidade que corre, tão majestade e brilhante. Admira a eterna beleza e a espantosa harmonia da vida nas capitais, harmonia tão providencialmente conservada no tumulto da liberdade humana. Comtempla as paisagens da grande cidade, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou violentadas pelo sol às chapadas. Dão lhe prazer os belos trens, os cavalos orgulhosos, a limpeza ofuscante dos grooms, a destreza dos lacaios, o andar das mulheres onduladas, das belas crianças, felizes de andarem bem vestidas numa palavra, a vida universal. (BAUDELAIRE, 2010, p. 31)

Caminhar, observar, imaginar e absorver a realidade da cidade moderna era a intenção do *flâneur*. Percebe-se que ele fica impressionado, fascinado, atento aos mínimos detalhes e aos menores gestos das pessoas que transitam pela rua, com a intenção de desvendar os segredos da metrópole.

Para Charles Baudelaire a modernidade pode ser compreendida como algo efetivamente contraditório, uma série de mudanças que ocorrem na sociedade que alteram a forma como o homem moderno pensa e observa o mundo que o cerca, causando uma angustia de se viver em uma incansável busca pela identidade do outro e de sua própria identidade, uma vez que as contradições do espaço moderno influenciam na forma como o indivíduo observa as pessoas e o ambiente que o cerca. Logo para Baudelaire a modernidade é marcada pela ambiguidade.

Benjamin no livro, *Um lírico no auge do capitalismo*, apresenta a relação privilegiada de Baudelaire com a cidade de Paris. Na análise benjaminiana, descortina toda uma nova cidade que, aos poucos, vai se erigindo dos destroços. Essa forma de ver a cidade cheio de contrastes se torna o cerne de nossa argumentação. Walter Benjamin tomando a poesia de Charles Baudelaire como ponto de partida, desenvolveu e analisou mais profundamente o conceito de *flâneur*. Entretanto, apesar de utilizar o ponto de vista de Baudelaire, que traz, pela primeira vez a metrópole (Paris) como temática da poesia lírica; destacando os vários aspectos que permeavam a vida dos indivíduos rejeitados pela nova Paris. Benjamin observa através de um olhar de estranhamento o impacto que a cidade moderna tem sob aquele que passeia e explora a vida urbana. O *flâneur* age como um *detetive*, interessado por tudo que vê ao seu redor.

Aquela embriaguez anamnésica em que vagueia o *flâneur* pela cidade não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo

experimentado e vivido. Esse saber sentido se transmite sobretudo por notícias orais. (BENJAMIM, 1989, p. 186)

O *flâneur* é alguém que divaga e caminha pelas ruas da cidade sem pressa e sem rumo, observando e interiorizando aquilo e aqueles por quem passa. É não só um passeio físico como emocional, uma nova forma de estar, sentir e pensar o mundo e ao mesmo tempo se sentir oculto ao mundo. Segundo, Greicy Pinto Bellin, em *Modernidade, Identidade e MetrÓpole cosmopolita de Poe, Baudelaire e Machado de Assis*, “O *flâneur* é também um fisionomista nato, que percorre a história social da cidade, deixando-se levar pelos seus artefatos de consumo e pelas suas mais variadas atrações. (BELLIN, 2015 p. 32). Dessa maneira, o *flâneur* sente-se bem no meio da multidão e, no entanto, é aquele que vê a cidade sem disfarces, considerado o detentor de todas as significações urbanas, por isso, é alguém que apesar de se misturar à multidão, não chega a fazer parte dela.

Para o *flâneur*, um véu cobre essa imagem. A massa é esse véu; ele ondeia nos “franzidos meandros das velhas capitais”. Faz com que o pavoroso atue sobre ele como um encantamento. Só quando esse véu se rasga e mostra ao *flâneur* “uma dessas praças populosas que, durante os combates, ficam vazias de gente” — só então, também ele, vê a cidade sem disfarces. (BENJAMIM, 1989, p. 56)

Conforme podemos observar o *flâneur* está ligado a essa capacidade de percorrer e observar os habitantes citadinos em suas diversas atividades diárias com a intenção de mostrar a história social da cidade e desvendar múltiplas percepções acerca da metrÓpole e de suas histórias em determinadas épocas.

Sua existência social se torna possível por conta não só da reestruturação do espaço público, mas também pela existência da própria multidão, geradora de uma consciência coletiva centrada no anonimato e na impessoalidade, o que permite que o *flâneur* circule pela cidade sem ser incomodado. (BELLIN, 2015 p. 32)

Se a cidade é o local onde o *flâneur* fixa residência, logo é necessário compreendê-la, captar a sua essência, pois o passeio para um *flâneur*, não pode ser delimitado. No que concerne à proposta ilustrada no título, os aspectos elencados para a abordagem sobre a representação da figura do *flâneur* numa perspectiva dalcidiana e como ela se caracteriza a partir da visão do personagem Alfredo sobre a cidade de Belém. Busca ao mesmo tempo a contribuição de Dalcídio para a literatura brasileira na construção de um pensamento crítico sobre a Amazônia e a sociedade.

Suas obras se descortinam para o leitor através de personagens como Alfredo, que participando de nove dos 10 romances que compõem o Ciclo do Extremo Norte (CEN)

problematiza a história de vida dos demais personagens. Nas duas obras que serão analisadas neste trabalho, procuraremos apresentar através da persona de Baudelaire, *flâneur*, as contradições da cidade de Belém através do olhar do personagem Alfredo sobre um ambiente em decadência.

2.1. A Cidade pelos olhos de Dalcídio Jurandir

A construção do CEN é resultado do domínio da técnica de composição romanesca e de pesquisas realizadas acerca da história e da cultura das populações amazônicas, além de sua própria experiência enquanto caboclo ribeirinho da ilha do Marajó e morador dos subúrbios de Belém. No intuito de compreender melhor a construção literária desse escritor, tomamos como base o livro *Dalcídio Jurandir, romancista da Amazônia*, organizado por Benedito Nunes, Ruy Pereira e Soraia Reolon Pereira, importante estudos a respeito da conturbada vida do escritor, além de fotos, transcrições de arquivos como cartas, dedicatórias, bilhetes e artigos de crítica aos romances publicados.

Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, nasceu dia 10 janeiro de 1909, em Ponta de Pedras, ilha do Marajó, e morreu em 16 de junho de 1979, no Rio de Janeiro. Atuou como jornalista, mas, além disso, durante sua juventude em Belém, como escritor, participou de movimentos políticos e sociais. Assim, assumindo uma ideologia de esquerda logo na juventude, Dalcídio é preso duas vezes (1935 e 1937), e mantido incomunicável por sua participação nas lutas antifascistas, contra a ditadura getulista, como ativista da Aliança Nacional Libertadora. José Elias Pereira Hage, afirma que “seu posicionamento político em defesa dos menos favorecidos está presente em toda a obra, demonstrado uma visão clara a respeito da sociedade” (HAGE, 2015, p.35). Maíra Maia colabora com esse argumento ao afirmar que a luta de Dalcídio Jurandir era em prol dos menos favorecidos, pois

O projeto político e literário de Dalcídio Jurandir era justamente o inverso, nadava contra a corrente do projeto político das elites, da permanência das estruturas coloniais na Amazônia. A luta do literato era por relações sociais democratizantes e por possibilidade de oportunidades para todos. (MAIA, 2017, p. 56)

Seu trabalho como escritor começa a ser reconhecido Em 1940, foi agraciado com o Prêmio Dom Casmurro de Literatura, concedido pelo jornal de mesmo nome e pela Editora Vecchi, com o romance *Chove nos Campos de Cachoeira*. Faziam parte do júri, entre outros, Oswald de Andrade, Rachel de Queiroz e Álvaro Moreira. Considerado pelo autor e pela crítica

como o romance embrião, funcionará como uma caixa de onde saem os fios temáticos, aos poucos aprimorados nos demais romances. Depois dessa premiação com a publicação de *Belém do Grão-Pará*, em 1960, Dalcídio recebe dois prêmios: Paulo de Brito, da Biblioteca do Estado da Guanabara, e Luiza Cláudio de Souza, do Pen Club. Outra premiação importante foi dada pela Academia Brasileira de Letras, que concedeu o prêmio Machado de Assis à Dalcídio, pelo conjunto da obra. Todavia, devido a doença do escritor ter se agravado, ele não pode mais comparecer nas duas últimas homenagens oficiais que lhe foram entregues ainda em vida. No ano de 1979, a medalha do Conselheiro de Cultura do Pará, foi recebida por sua irmã, Alfredina Ramos Pereira. E a amiga Maria de Belém de Meneses o representou na cerimônia de entrega da comenda Ordem ao Mérito Grão-Pará, concedida pelo governador Clóvis Silva de Moraes Rego em janeiro de 1979.

Os romances de Dalcídio Jurandir defendia as classes dos oprimidos, dos que a história havia calado. Por isso, ao evidenciar a condição em que vivem os marginalizados através de seus romances, Dalcídio lhes concede voz. Como descreve Maia:

Dalcídio Jurandir, o cronista do cotidiano das classes populares, pensava o tempo como uma construção social, e era nesse tempo dos “*agoras*”, do presente, em que ele escrevia os romances, que, ao desagregar a história oficial e escrevê-la a contrapelo, libertava todos os miseráveis da “condescendência da posteridade”. (MAIA, 2017, p. 279).

Dessa maneira o escritor Dalcídio Jurandir procurou mudar o rumo da história sobre a cidade de Belém. Nos seus romances ele escreveu sobre as contradições, os conflitos e a miséria de uma população que sofria constantemente com a falta das necessidades básicas, pois o projeto de estado beneficiava apenas a elite.

Por isto mesmo, Dalcídio Jurandir, nas suas histórias sobre a cidade de Belém, buscou “desagregar as coisas”, propor um novo começo, escrever a história a contrapelo, enchendo nos tempos do “*agoras*” os cidadãos de Belém de esperança, em uma contínua reelaboração multifacetada do passado, do passado Cabano, do passado da rebelião do roceiro de São Miguel do Guamá, do passado onde as classes populares tomaram o protagonismo na história e tocaram fogo no projeto de progresso burguês que a excluía. (MAIA, 2017, p.283, 284)

As temáticas questionadoras da condição humana foram discutidas recentemente por Viviane Dantas Moraes, em sua tese de doutorado *A vida nua em Dalcídio Jurandir: Metamorfoses do estado de Exceção*, (2017), comparando a Amazônia descrita por Dalcídio Jurandir aos campos de extermínio de judeus, a partir do pensamento de Giorgio Agamben. Segundo este filósofo o campo é um espaço de violação e vida nua e, portanto, um estado de exceção. Ela faz um paralelo entre a obra testemunhal traumática do sobrevivente judeu, Primo Levi e as obras de Dalcídio, pontuando que ambas constroem, em diferentes gêneros literários,

narrativas convergentes, pois há vários pontos em comum, no que concerne ao impulso criativo e a reflexão sobre a sociedade: a denúncia social, indignação com as injustiças, o ódio, o questionamento sobre a importância da vida, oprimida pelo poder de um soberano que decide sobre a vida das pessoas. Vejamos a seguir:

A obra de Dalcídio não aponta para um possível acontecimento ruim ou supõe uma realidade futura desastrosa. Na verdade, ele já nos apresenta uma narrativa construída de forma dialética, no sentido de se constituir, desde o romance de estreia, pautada em uma estética do grotesco, da ruína, ou seja, não se trata mais de possibilidades, pois a angústia do vazio já salta paulatinamente no decorrer dos acontecimentos narrados. (MORAES, 2017, p. 17)

Nesse mesmo trabalho a autora explica que Dalcídio se encaixa no romance de 30, por possuir essa postura resistente, se afastando da utopia modernista e também por se negar a dar continuidade nesse ideal, indo contra a visão homogênea e totalitária getulista. No qual construiu romances alinhados a decadência, a forte crítica social e a denúncia das mazelas:

Portanto, ressaltando os pontos cruciais da obra de Dalcídio que foram discutidos até o momento, com destaque para a ruína e o grotesco, em parâmetro com a Exceção e a *vida nua*, não há dúvida de que o autor faça parte desse grupo e até o supera em alguns pontos. Um deles, por exemplo, é a forma como o autor constrói a ideia de pobreza, solidão e miséria humana, que nada tem a ver com a natureza ou com fatores que escapam ao domínio do homem, mas com uma questão política que se entrelaça sutilmente no seu discurso, sem arrefecer a qualidade literária do texto que inova em técnicas narrativas enobrecedoras da estrutura do romance. (MORAES, 2017, p. 43)

Conforme pontua Viviane Dantas, os conceitos de vida nua e grotesco são pontos cruciais dos romances de Dalcídio, pois ao escrever sobre a Amazônia o autor se dedicou em descrever e não ignorar uma série de acontecimentos que evidenciam a pobreza e a miséria em um espaço arruinado pelos problemas sociais.

Se por um lado, na condição de sobrevivente, Primo Levi ressalta o valor do seu testemunho enquanto verdade e registro incontestado da capacidade destrutiva do ser humano em causar dor, do outro, temos Dalcídio que não menos se isenta de contar a dor da fome, da morte, da destruição, do isolamento, da desilusão e da solidão, no entremeio de uma narrativa que explora com acuidade a faceta social e introspectiva de um povo, sua linguagem, seus costumes, seu pensamento sobre a vida e os questionamentos pouco esperançosos sobre o futuro. (MORAES, 2017, p. 18)

Dessa forma, a autora pensou a Amazônia como um campo com a intenção de discutir os problemas sociais em decorrência do descaso dos órgãos públicos em relação à população subalternizada. E afirma que é importante que haja novos olhares sobre a Amazônia. Olhares que venham desvendar que por de trás de toda essa imensidão aquática e verde, houve e ainda

há muito sofrimento, causado não por dificuldades que a natureza impõe, mas pela ganância do homem em relação ao que ela tem a oferecer. Como afirma:

A tensa realidade que assolava Belém e a Amazônia como um todo, provocada pelo devassamento dos seringais e a derrocada do projeto de exploração da borracha criavam um cenário de fome, de crise na educação, de flagelo das camadas sociais desfavorecidas e de inchaço populacional por causa do fim da exploração humana nas florestas, que constituíram uma condição de emergência que configurava uma crise nas necessidades mais básicas. (MORAES, 2017, p. 144)

Refletir sobre os problemas sociais e existentes na obra de Dalcídio Jurandir foi uma forma de o autor denunciar as mazelas sociais e as hipocrisias dentro do romance. A temática da fome é um dos problemas que transcorre pela obra do escritor. Um sentimento de solidão e abandono que perpassa nos romances de Dalcídio, onde o desamparo fruto do esvaziamento de direito faz com que os recursos básicos para a sobrevivência, como alimento, moradia, educação venham, a não existir. Por isso, é necessário olhar com outros olhos o Ciclo do Extremo Norte.

Para isso, é necessário desromantizar ainda mais a Amazônia, devemos olhá-la com mais crueldade e desromantizar, inclusive, a própria obra do autor, que ao nos inebriar com um estilo literário pautado na construção de imagens e em uma poesia sinestésica, demonstra o sofrimento humano em um movimento natural que escorre da beleza melancólica da dor ou em situações tragicômicas. (MORAES, 2017, p. 34)

Nesse sentido, o escritor Dalcídio Jurandir, através das considerações da autora, descortinou um drama humano, ao explorar as angústias do depauperamento de uma cultura, ao inverter e subverter a ordem, mostrando a ruína e as consequências de um ciclo econômico falido, espelhando uma sociedade brasileira de desigualdades e estratificação social. Tais formas de ler Dalcídio justificam mostrar nesse trabalho o conflito de Alfredo como um *flâneur*, que vai do choque diante da paisagem citadina em ruínas à idealização juvenil.

As novidades que descortinam para Alfredo têm como consequência o deslumbre do menino em relação ao espaço citadino. No entanto, esse ritmo da cidade lhe impõe a experiência do choque, ocasionado tanto pelos aspectos paisagísticos quanto pela observação da hipocrisia das pessoas com quem passa a conviver. Desta feita, o primeiro romance a ser analisado é *Belém do Grão-Pará*, uma narrativa que retrata a história da família Alcântara que durante a alta exploração da borracha no Pará era de classe média e gozava de prestígio social, mas que decaiu e que por causa da decadência a família passa a viver apenas de aparências, com intuito de manter o status social, que era o que mais preocupava a família, principalmente no que concerne à moradia. Em consequência disso, para manter as aparências, a família muda-se da Avenida Gentil Bittencourt para um local onde moravam os ricos fazendeiros, na Avenida Nazaré.

Entretanto vivem numa casa em ruínas, corroída pelos cupins e que a qualquer momento poderia cair sobre suas cabeças.

Nesse cenário de decadência que chega o menino Alfredo. O personagem trazia em sua memória uma cidade desenhada a partir de histórias contadas e através do álbum de fotos de seu pai. No entanto, quando chega à capital entra em conflito por observar tantas situações que se contradizem com aquilo que imaginava encontrar. Devido a isso, percebemos um Alfredo aflito, ao revelar constantemente seus questionamentos e reflexões durante o seu processo de amadurecimento. Um menino que busca constantemente identificação com um lugar construído por ele, mas que não consegue encontrar. Paulo Jorge de Moraes Ferreira em *De Cachoeira a Belém: A Inflexão das Ilusões de Alfredo* (2008), faz um apanhado das ilusões da personagem desde Cachoeira até a cidade de Belém, precisamente sobre o comportamento do herói frente aos problemas existenciais, como a fome, a miséria, a utilização de mão-de-obra de crianças e adolescentes. Dessa forma, pode-se observar que a experiência da cidade torna-se um processo doloroso para Alfredo, pois o espaço citadino foi de certa forma um choque para o garoto, mostrando-se o contrário do que imaginava e sonhava. Belém passou a representar mais do que uma mudança, um amadurecimento.

A cidade dos “sonhos”, meio previsto de realização pessoal, apresentar-se-á mais como um instrumento incisivo, aparador das arestas, através da quebra ou desmonte gradual das ilusões alimentadas e acumuladas ao longo do tempo pelo personagem e uma significativa aprendizagem e doloroso amadurecimento narrado em Belém do Grão-Pará. (FERREIRA, 2008, p. 48)

O deslumbramento de Alfredo ao desembarcar em Belém foi imediato, uma vez que o personagem trazia em sua memória o discurso de pessoas que relatavam feitos positivos sobre a cidade de Belém, o que lhe levou a acreditar que quando chegasse na capital as suas fantasias se tornariam realidade. Contudo, o que encontra são resquícios de uma cidade que havia passado por um processo de modernização, mas que no momento encontravam-se no solo da cidade e nos espaços abandonados a ruína, a decadência de uma época de grande *glamour*.

Dessa forma, ao caminhar pelas ruas da cidade de Belém e observar as pessoas e o ambiente, se assemelha a figura do *flâneur*. No entanto, é um *flâneur* diferente daquele postulado por Charles Baudelaire, pois em Dalcídio temos o relato da ruína, por meio do deslumbramento e do estranhamento de um espaço que estava aos poucos se corroendo. Uma cidade que apresentava através de lugares, espaços, casarões a decadência, restando apenas os resquícios da modernidade finissecular de Antônio Lemos.

Alfredo como um *flâneur* era curioso e atento ao caminhar pelas ruas da cidade de Belém e percebe os detalhes e conseqüentemente as pessoas com os seus discursos burgueses para manter certos status.

Em *Passagem dos Inocentes* (1963), a empatia do escritor e narrador, assim como em *Belém do Grão-Pará* é com a classe dos oprimidos que permeia toda a narrativa. Na trama da *Passagem dos Inocentes* encontramos duas histórias que se cruzam: a da personagem dona Celeste e do menino Alfredo. Dona Celeste vive em uma palhoça localizada no Umarizal, local onde Alfredo passou a morar depois da ruína dos Alcântara.

Alfredo vivenciará um novo período de experiências com a cidade, bem diferente daquela vivenciada no romance anterior. O fato de ir morar na passagem será uma descoberta terrível, pois dona Celeste havia dito que morava na passagem Mac' Donald, em uma área nobre de Belém. A caminhada para a passagem, em um dia chuvoso, no escuro e na lama, revela outra paisagem, outras sensações, que até então só ouvira falar, mas não havia experimentado antes, pois, mesmo diante da percepção da decadência do centro de Belém, não conhecia os covões, mas sabia que eram terríveis. Dona Cecé, lhe revelou uma outra Belém, bem mais crua, que a dos Alcântaras, como destaca a dissertação *Um Feminino Singular, em Passagem dos Inocentes*, Dalcídio Jurandir (2005), Neilce dos Santos afirma que:

É essa Belém que começa a ser visualizada por Alfredo, ‘descobria então, uma cidade: desta ainda não sabia. ... uma cidade triste, tensa e pobre: Belém das Caldeiras, da graxa do ferro, da cova...’, provocando nele um desencantamento pela cidade que habitava seus sonhos de menino marajoara, o qual a via como um lugar para crescer e melhorar de situação econômica.” (SANTOS, 2005, p. 73)

Conforme podemos observar a cidade de Belém começa a ser visualizada de outra forma pelo protagonista, uma cidade triste, tensa e pobre. É uma narrativa que Alfredo enquanto *flâneur* atento a tudo a sua volta, observará as dores dos pobres cidadãos, que eram cuidados apenas com o conhecimento que possuíam, já que os médicos eles nunca tinham acesso. Em concordância com tais colocações Viviane Moraes afirmar que:

A narrativa consolida-se mediante o olhar cada vez mais desencantado do personagem Alfredo, uma das propostas de Dalcídio Jurandir relacionada ao seu projeto estético, que é o de escancarar as mazelas sociais e desconstruir a ideia de que o progresso e a civilização estão ligados à promessa de felicidade. (MORAES, 2017, p. 155)

Vemos que a narrativa consolida-se diante do olhar de Alfredo sobre o ambiente abandonado, um olhar voltado para a decadência e para a miséria de um povo que sofria diariamente com o descaso do poder público, alheio ao bem-estar da população pobre.

José Hage, em sua dissertação, *Figurações do pobre em Dalcídio Jurandir: Do Chalé a rua das Palhas em Chove nos campos de Cachoeira*, (2015) assevera que certas minorias socioeconômicas representam e são representados na literatura através de personagens como os moradores da passagem dos inocentes que sobreviviam com tão pouco em um lugar considerado abandonado pelo poder público. Dessa forma, o autor analisa a noção de pobreza sobre dois princípios fundamentais: Primeiro a noção de subsistência, caracterizada como uma realidade de sobrevivência que prima pelas necessidades básicas do ser humano; e segundo a noção social, que evidencia o estado de diferença a partir da observação e convivência com o outro e todas as implicações que dela decorrem, como as questões étnico-raciais, sócio financeiro, e de estratificação social.

A pobreza causa impacto e é determinado por fatores externos e não por características inatas do ser humano, e nos impulsiona analisá-la a fim de entender o motivo que leva o indivíduo a esse estado. Por ser entendida em vários sentidos: carência de bens e serviços essenciais, como alimentação, vestuário e alojamento; carência de recursos econômicos; e a carência social, que trata da exclusão, da dependência e da capacidade de participar da sociedade. (HAGE, 2015, p. 18)

O conceito de pobreza por ele enfatizado, está primeiramente vinculado às necessidades básicas do ser humano. O indivíduo pobre é aquele que vive com o mínimo necessário para manter-se vivo, visto que existem necessidades que precisam ser supridas como o ato de alimentar-se. A fome é uma das necessidades básicas que precisam ser suprida.

A pobreza por si só também é um processo de degradação, pois na ausência do mínimo para sobreviver o ser humano se aproxima do fim. Esse processo possibilita uma mudança comportamental com vistas a um rompimento com a realidade que se estabelece. Por conta disso, existe um processo de movimentação que interrompe também o fluxo da vida. Diante desse estado de ruína só há um caminho: romper com a realidade. Gerando um novo processo pessoal. A pobreza é uma forma de decadência, é uma das maneiras do ser humano decair, de se sentir menor, diminuído. Por isso é uma força modificadora. (HAGE, 2015, p. 42)

Já a dissertação de Marcos Monteiro Almeida, intitulada *Cidade e Antíteses: Uma leitura do romance Passagem dos Inocentes de Dalcídio Jurandir*, constrói uma leitura do romance, na perspectiva do materialismo histórico dialético, que investiga, não somente a maneira como o personagem internaliza as contradições do mundo ao seu redor, mas também como essa internalização é importante para que o espaço geográfico e humano da cidade de Belém dos anos vinte seja, por ele, ressignificado.

A obra *passagem dos inocentes* constrói uma espécie de antropologia cognitiva de Alfredo. No processo de construção de sua individualidade ele se vê passando da idade da inocência à idade concreta em que se dá a percepção das contradições sociais. Vê-se em meio ao trânsito de seu mundo inocente de

sonhos, passando a dura realidade do mundo em que vive: caótico, contraditório e desordenado. (ALMEIDA, 2005, p. 74)

Neste trabalho, Almeida apresenta a cidade como lugar que residem diferentes verdades, mas que de fato, apenas uma predomina: que é a classe privilegiada, onde se encontram os brancos, ricos, intelectuais, classe que Alfredo não pertencera e que a ele não dava guarida. “Alfredo começava a se decepcionar não apenas com o lugar em que iria residir — a Passagem dos Inocentes — sua decepção, com o passar do tempo, estendia-se também à cidade e às pessoas da capital” (ALMEIDA, 2005, 31). Sendo assim, o grande esforço do autor é mostrar que no romance *Passagem dos Inocentes* deve ser lido tendo como foco o espaço, o tempo, e a cognição. Uma leitura do espaço urbano como um universo que forja a construção da própria individualidade de Alfredo. Para ser mais explícita, o argumento da dissertação consiste na ilusão que Alfredo alimentou de residir em meio à burguesia da capital; a antítese se verifica no desencanto com a cidade. Por último, temos a síntese, que ocorre no final do romance, quando Alfredo deseja retornar para o Marajó.

Tanto Almeida quanto Hage nos possibilitam enxergar o romance de Dalcídio sobre o viés do indivíduo pobre, mostrando a degradação humana, uma vez que os dois concordam ao tratar sobre a figuração do indivíduo pobre e abandonado, trazendo para o leitor os personagens solitários, tristes, sem perspectiva de vida que procuram fugir da realidade por meio do sonho, da fantasia e da imaginação

Para Walter Benjamin, a “rua se torna moradia para o *flâneur*, que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes” (BENJAMIN, 1989, p. 35). Para o *flâneur*,

Os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente (BENJAMIN, 1989, p. 35)

De acordo com Benjamin, o *flâneur* perambula pelas ruas da cidade, como um estranho apreendendo a realidade que o cerca. Dalcídio Jurandir em seus romances *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* apresenta o personagem Alfredo com tais características, uma vez que o leitor passa a conhecer as narrativas a partir da apreensão e percepção que o personagem apresenta sobre a cidade de Belém. Todavia, enquanto em Baudelaire temos um *flâneur* burguês, que observava a modernidade e trazia para a sua poesia uma cidade com disfarces, escondendo a miséria e a hipocrisia de uma sociedade que se importava apenas em lucrar e oferecer benefícios para a classe considerada abastada, conforme destaca Menezes:

A Paris de Baudelaire apresenta seus disfarces: as fachadas escondem a miséria que as reformas de Napoleão III, a desintegração das formas sociais e a derrocada das hierarquias naturais mostram; exhibe problemas de relações numa sociedade que oferece apenas uma explicação falsa e hipócrita para o inter-relacionamento de suas partes. Na poesia baudelaireana, esta cidade é a metáfora pela qual se expressam tais problemas. “O poeta pertencia literal e simbolicamente às mansardas e sótãos que se escondiam furtivos por trás das imensas fachadas – não sonhado, porém, com uma cidade transfigurada, com uma nova ordem, mas tentando explicar para si mesmo por que estava necessariamente condenado numa sociedade tão convicta de sua salvação.” (MENEZES, 2004, p. 72)

Diferente de Baudelaire que olhava a Paris com disfarces. O *flâneur* das narrativas de Dalcídio se comportará de maneira contrária, com o olhar voltado para a decadência. Um *flâneur* que observa a ruína em vários aspectos, na gordura, na hipocrisia, na percepção dos explorados e nos ambientes decaídos após o declínio da borracha. A pesquisadora Viviane Moraes, ao analisar a obra de Dalcídio, afirma que ele se diferencia dos demais autores por trazer para seus romances esse olhar diferenciado sobre a Amazônia, pois enquanto a maioria dos autores se preocupou em narrar o drama dos seringais, Dalcídio apresenta as consequências sociais, culturais e humanas advindas da falência desse projeto.

A propósito da obra em questão, chamamos a atenção para um dos aspectos que tornam a percepção de Dalcídio Jurandir bem particular ao se tratar da Amazônia literária. O romance “Belém do Grão-Pará” (1960) traça um diálogo com a decadência e falência do Ciclo da Borracha na Amazônia no final do século XIX. Ou seja, enquanto a maioria dos escritores de sua época e os anteriores a ele se detiveram em narrar o terrível drama dos seringais, Dalcídio Jurandir desenha o Ciclo da Borracha em Belém, com outras tintas, desvelando as consequências sociais, culturais e humanas que a falência do projeto econômico trouxe para a região. (MORAES, 2017, p. 35)

Nesse sentido, Dalcídio em seus romances trouxe as consequências provocadas pelo declínio da borracha, apresentado ao leitor a partir do olhar de Alfredo as ruínas de uma cidade que havia passado pelo processo de modernização do Senador Antônio Lemos. Um personagem dividido, ora estranha o novo espaço citadino, ora fascina-se diante do trânsito, das pessoas e de veículos (entre os quais se destacam o trem e o bonde), situação nova que ao garoto se impõe, realidade bastante diferente daquela vivenciada por ele em cachoeira do Arari. Por isso, ao observar as pessoas e a decadência desse espaço urbano Alfredo ficará chocado, pois a apreensão desse espaço urbano fará com que o menino venha se decepcionar com a cidade que ele tanto foi ensinado por sua mãe a amar.

O tempo da narrativa representa um período de ruínas, retratam um clima melancólico, com pessoas hipócritas tentando manter uma vida de aparências em uma sociedade que menosprezava as classes inferiores. Esse cenário de decadência, retratado através da ruína das

casas e dos palácios será apresentado através do agudo olhar do protagonista Alfredo.

Portanto, o *flâneur* dalcidiano passeando pelas ruas de Belém apresentará a cidade de forma particular, sem a pretensão de explicar, mas com a intenção de mostrar, buscando constantemente identificação com a sociedade na qual convive. Alfredo é um andarilho que observa e reflete sobre a decadência e a pobreza da cidade. O personagem se entrega as percepções particulares do que vê exposto em suas andanças. Uma postura de observador e reflexivo sobre o que contempla. Alfredo retrata o espaço urbano através do olhar do estranhamento. A cidade de Belém é percorrida pelo personagem e serve para este como uma espécie de laboratório, de onde recolhe experiências e observações.

3- CIDADES: O ESPAÇO DE VIVÊNCIAS DO CHOQUE

Nos dois primeiros romances do Ciclo do extremo norte (*Chove nos Campos de Cachoeira* e *Três casas e um rio*), há o início do desenrolar do drama do personagem Alfredo. Nesses romances o protagonista é descrito pelo narrador como alguém submerso num espaço que lhe causava angústia e sofrimento. Por isso, para ele, a única alternativa para a solução de todos os seus problemas seria ir para Belém. Alfredo visava o futuro, ansiava chegar até a cidade de Belém para estudar, pois a capital representava por oposição a cachoeira, a perspectiva de sucesso e de realização.

No romance *Chove nos Campos de Cachoeira* observamos esse anseio de Alfredo em conhecer a cidade de Belém e desfrutar dos espaços da cidade. D. Rosália foi determinante para aguçar o imaginário do menino no que diz respeito a cidade de Belém, motivos das expectativas de Alfredo, pois “siá Rosália lhe contava quando vinha de Belém.” (JURANDIR, 1991, p. 41). Trazia as senhas de passagens de bonde, com isso Alfredo, “Embevecia-se olhando as senhas que siá Rosália lhe dava como se elas lhe contassem a maravilha dos bondes mágicos correndo pelos fios elétricos.” (JURANDIR, 1991, p.41). E logo a imaginação de Alfredo permitia que ele imaginasse a cidade como “um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos. (JURANDIR, p.41). Para Alfredo, Belém, a cidade do encantamento, representava um meio que permitia a realização dos seus sonhos e a felicidade.

Três casas e um rio, retoma a saga de Alfredo, na luta junto à família para ir estudar em Belém. Alfredo cresceu com esse desejo e ao observar alguns meninos morrerem por doenças que poderiam ser resolvidas se houvesse assistência aos moradores de Cachoeira, juntamente com o saneamento precário, a fome, a escola com pouco recursos, entre outras situações, ele consolida o desejo de fuga.

No início do terceiro capítulo do romance, “Alfredo perguntava-se a si mesmo: se não me levaram para Belém, por que não fujo? Que medo, que dificuldades posso ter se passam tantas embarcações pelo rio?” (JURANDIR, 1994, p.70). O plano de fuga de Alfredo é bem articulado. Deseja muito fugir daquele lugar que tanto lhe causa sofrimento. Saiu de sua casa e entrou numa embarcação que seguiria para Belém e ficou escondido. O barco saiu, o plano foi fluindo, mas o inusitado aconteceu, quando o barco passou em frente ao Chalé, começaram a gritar para a lancha parar para esperar uma montaria que se aproximava. Alfredo “ouviu então nitidamente os brados da mãe que ia e vinha como se fosse atirar-se da beirada. — Meu filho.

Tragam meu filho.” (JURANDIR, 1994, p. 153) Os planos de Alfredo havia dado errado. Alguém o revelara.

Outra forma de fuga de Alfredo foi por meio da imaginação. Diante da situação de estagnação, o personagem constantemente recorria ao mundo imaginário. Dessa forma, o caroço de tucumã se tornou um meio de fuga diante de tantos problemas vivenciados por ele. Entre os quais podemos destacar dois acontecimentos trágicos: o drama do alcoolismo da mãe e a morte da Mariinha.

Esses acontecimentos fazem com que Alfredo queira ainda mais estudar em Belém, como uma fuga de todos os seus problemas. É a mãe, dona Amélia, que o ajuda na concretização do sonho. Os dois embarcam a noite para a cidade de Belém. Durante a viagem enfrentam uma maresia muito forte que quase afundara o barco, mas conseguiram prosseguir a viagem em segurança. Todavia, ao avistar a cidade de Belém o protagonista teve um certo temor.

Prometera manter-se calmo, achando que era a coisa mais natural do mundo chegar a Belém, não passar nunca por matuto, fazendo crer, isto sim, que era habituado à cidade. Feliz e cheio de temores, doendo-lhe o desejo de logo chegar e ao mesmo de retardar a chegada, assobiava não para chamar o vento, como faziam os tripulantes, mas para enxotá-lo. (JURANDIR, 1994, p. 203)

Desde pequeno Alfredo ouvia de seus pais e de siá Rosalia histórias sobre a cidade de Belém. Por essa razão, tinha em sua memória uma cidade construída a partir do imaginário. Em função disso, o deslumbramento do menino é imediato, pois as histórias narradas sobre Belém, fê-lo acreditar, que ao desembarcar na cidade, estava transformando o mundo imaginário em realidade.

A primeira experiência na cidade será de grande choque para o personagem, não no sentido que ele eventualmente desejaria ou esperaria, mas ao contrário a cidade dos “sonhos” se mostrava diferente. Por isso, sentia-se dividido, com um pé em Cachoeira e o outro em Belém, sem estar fixo em nenhum dos lugares. No romance que inicia o ciclo urbano, *Belém do Grão-Pará*, Alfredo vislumbra uma cidade decadente, como revelado friamente pelos Alcântaras. Primeiro por dona Inácia ao afirmar “Ah, meu filho você devia ter nascido mais cedo. (JURANDIR, 1960, p. 29); e, posteriormente, Alfredo percebe através de uma conversa com seu Virgílio que “Tinha chegado tarde, como sempre. Só falavam duma cidade desaparecida.” (JURANDIR, 1960, p. 44).

Alfredo chega a Belém no contexto político do pós-lemismo. Logo o menino encontra as memórias e o legado da gestão do senador Antônio Lemos. Nos romances *Belém do Grão-Pará e Passagem dos Inocentes* Dalcídio Jurandir rememora esse período de reformas urbanas através da construção de personagens, e principalmente espaços que denunciam o declínio

social ocasionado pela queda de Antônio Lemos. No primeiro romance, os personagens, Seu Virgílio, Dona Inácia e dona Emília, família Alcântara, viviam das lembranças do apadrinhamento e dos favores concedidos pelo Senador Lemos, após dez anos da queda do intendente, a família lembrava a vida luxuosa repleta de eventos, beneficiada pelo Ciclo da Borracha. Neste romance o autor retrata as relações políticas corruptas ocorridas durante o Ciclo da Borracha, bem como a decadência da cidade de Belém, já bem distante da época áurea da borracha.

Na rotina da capatazia, diante do cais murcho, os “gaiolas” em seco e os armazéns fechados, seu Virgílio foi se convencendo de que tudo aquilo não viera apenas da queda da borracha. Mas de que mal? Ambição? Imprevidência? Castigo de Deus? Obra do estrangeiro? A cidade exibia os sinais daquele desabamento de preços e fortunas. Fossem ver a 15 Novembro com os seus sobrados vazios, as ruínas d “A Província”, os jardins defuntos, a ausência da cal e do brilho nos edifícios públicos e nos atos cívicos. O São Brás era mesmo agora um Partenon. Ingleses haviam levado para o Ceilão as sementes da borracha. Mas isso não foi em 1878? (JURANDIR, 1960, p. 9)

Nos romances observamos o retrato da mesma cidade, todavia, o romance *Belém do Grão-Pará* retrata o centro da cidade de Belém, com personagens que relembram o período que a capital vivia das benesses da economia da borracha, o fausto da borracha, embelezada através de Antônio Lemos. Um período em que Lemos priorizava apenas a elite com seu projeto político excludente. Aos poucos vemos o contraste entre o passado e o presente marcado pela descrição de uma cidade entrando em decadência. Sendo assim, os espaços revisitados pelo *flâneur* apresentam os resquícios da modernidade expressos nas ruas, nas casas e nos palacetes, os quais são vistos como símbolo de progresso e civilização, mas também de frieza e opressão. Nessa narrativa à medida que a personagem principal, Alfredo, percorre os espaços citadinos, a cidade composta dos relatos que trazia na memória vai se desfazendo. E no lugar desta, surge uma Belém mais genuína, plural e complexa, que aos poucos vai se mostrando incompreensível para o menino, que precisava decifra-la, compreende-la para aceita-la.

Na história desenvolvida em *Belém*, percebemos nítido esse caminho de reviravoltas do espaço-cidade ao espaço-memória quando, ao recolher fragmentos de seu passado, nos varadouros da memória, o menino cachoeirense revive as experiências de outrora, e é nesse ponto que acontece a desilusão, porque o perfil da Belém que se delineia no tempo presente do garoto, bem como no das pessoas que nela circulam, é marcado por uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais que fizeram daquela uma outra cidade, com formatos, ruínas e aspirações ainda da primeira. (PEREIRA, 2014, p. 82)

Devido a isso, percebemos um Alfredo aflito, pois as mudanças trazidas pela modernidade, provoca no personagem uma busca constante pelo ambiente construído por ele,

mas que no momento, não consegue encontrar devido o choque sociocultural entre Cachoeira e o solo de Belém.

Já no romance *Passagem dos Inocentes* Dalcídio Jurandir apresenta a periferia da cidade. Nesta narrativa o personagem se debruça sobre os problemas diversos da vida humana, na tentativa de entender o drama e a conduta dos que o cercam. A cidade enlameada, das barracas, das palhoças da falta de saneamento básico, das ruas esburacada, das moscas, do lixo, das doenças. Uma cidade onde as pessoas estavam vivendo de forma sub-humana, totalmente entregues à miséria. Um lugar que o surto avassalador de disenteria bacilar é responsável pela morte irrefreável de crianças, além da insatisfação do trabalhador com péssimas condições de trabalho e atrasos de salários.

Os coveiros querem ganhar mais e enterrar menos! Os eletricitistas com as chaves dos transformadores podem apagar a luz da cidade? Só a diretoria de Londres pode resolver o caso dos salários da Pará Elétrica? Gentil Nunes! A tua palavra contra essa desconformidade! Deu a peste nas crianças! O bairro de Marco está escurecendo de moscas. É um escurecer em cima das panelas, mesas, berços, das bocas no sono. Ninguém em casa pode abrir boca. (JURANDIR, 1984, p. 107)

Nota-se que a situação é tão precária que a cidade, de forma específica o bairro do marco, se encontra infestado de moscas. Nesse sentido, observa-se um cenário totalmente degradante, um total descaso com a população. Dalcídio nesse romance apresenta não somente o espaço periférico, mas o amadurecimento de Alfredo que aprofunda a desilusão sobre a cidade de Belém. Segundo Viviane Moraes:

A narrativa consolida-se mediante o olhar cada vez mais desencantado do personagem Alfredo, uma das propostas de Dalcídio Jurandir relacionada ao seu projeto estético, que é o de escancarar as mazelas sociais e desconstruir a ideia de que o progresso e a civilização estão ligados à promessa de felicidade. (MORAES, 2017, p. 155)

À luz do olhar do seu protagonista, o menino Alfredo, o cenário da cidade cheio de contradições será percebido de forma crítica, pois como um *flâneur* dalcidiano observará os espaços em decadência e aos poucos percebe que não se trata de um lugar tão fascinante assim. A penosa experiência de Alfredo no ambiente citadino causam a dolorosa desconstrução de seus ideais.

Dessa forma, é possível compreender que Dalcídio compreende a história do “fausto” e da decadência de Belém nos romances Belém do *Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* através do olhar de Alfredo, pois como um *flâneur* observará os resquícios de uma cidade que havia passado pelo auge da modernidade. Desta maneira, segundo Maia, “os romances de Dalcídio Jurandir sobre a cidade de Belém nos anos de 1920, tomavam partido, o partido das pessoas

comuns, do olhar das classes vindas de baixo, dos oprimidos, dos que a história da primeira metade do século XX havia calado.” (MAIA, 2017, p. 280). Logo os personagens que acompanham a corrosão dessa terra nos são apresentados como indivíduos igualmente corroídos.

3.1 A Cidade como Ficção e História

A literatura é permeada por textos que tematizam a cidade, representando a vida urbana e a constituição da identidade do homem moderno. Os romances de Dalcídio Jurandir são influenciados por esse contexto moderno, que será confrontado com novas concepções de individualidade, outras formas de vida, trazendo à tona esse estranhamento diante do choque ao se deparar com um ambiente diferente que muda tantas vezes, e altera a forma como o ser humano vê a si mesmo e o espaço que o cerca.

O personagem Alfredo, por exemplo, comporta-se com pasmo ou frustração, no momento de sua chegada à Belém, ao observar os espaços citadinos que em uma hora parecia-lhe encantador, na outra se converte em um lugar ameaçador. Deste modo, podemos dizer que a cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas sim um objeto de análise e tema de reflexão, é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamentos. Quando aparece através da literatura se torna ainda mais instigante, pois permite trazer nos enredos uma mistura de história (senador Antônio Lemos) e ficção (Alfredo, família Alcântara, D. Cecé e os agregados), como destaca Sandra Pasavento ao analisar a cidade em literatura:

Nossa intenção é trabalhar a cidade a partir das suas representações, mais especialmente as representações literárias construídas sobre a cidade. Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar. Há, pois, uma realidade material - da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos de cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, derrubada e transformada e sua forma e traçado. (PASAVENTO, 1999, p. 10)

Pasavento alerta sobre a importância de adotarmos uma postura que veja na literatura, uma forma de pensar e refletir sobre a história, o que colabora com esse estudo, pois nas obras de Dalcídio o personagem, Alfredo, encontra as memórias e o legado da gestão do senador Antônio Lemos (1897-1911), responsável pela construção de uma nova ordem urbanística para a cidade, buscando adequá-las aos modelos das metrópoles do velho mundo, em particular, Paris. Obras de infraestruturas foram realizadas, como a criação de avenidas largas, calçamento

nas ruas, instalação de rede de esgoto, criação de serviço de transporte público, *boulevards*, os palacetes residenciais, praças quiosques entre outras.

Maria de Nazaré Sarges, no livro *Memórias do velho intendente* (2002) propôs uma biografia do senador Antônio Lemos, na qual utiliza diferentes fontes para descortinar a história criada sobre Lemos. A autora busca desconstruir a ideia de Lemos como aquele da *Belle époque*, do progresso e da modernidade de todos os paraenses. Segundo Sarges:

Através dos Relatórios da intendência (7 volumes), do livro de detalhes, das atas do conselho municipal, dos ofícios recebidos e expedidos pela intendência, de jornais e revistas da época, entrevejo a possibilidade de alcançar o resultado desse embate que se travou entre imagens produzidas e as manipuladas pelos diferentes grupos sociais da cidade de Belém. (SARGES, 2002, p.21)

De acordo com Maia (2017, p.179) após tomar posse desse documento “Sarges afirma que a administração de Lemos pode ser encontrada tanto nas manchetes dos jornais *Folha do norte*, quanto nas colunas policiais nas quais a população contestava as normas implementadas pelo intendente”. Dessa forma, os silenciados pela história resistiam a esse projeto excludente que beneficiava apenas uma parte da população. Esse projeto e suas ações eram registrado nos relatórios dirigidos ao conselho municipal que visava propagandear suas obras administrativas. Dessa maneira, no relatório municipal de 1897-1902, o intendente expõe as medidas de prevenção sanitária adaptadas pelo poder municipal que a princípio não foi bem aceito pela população.

Muitas das medidas de prevenção sanitária adaptadas pelo poder municipal encontraram, no início de sua execução, certa hostilidade por parte dos cidadãos colhidos sob a alçada da lei, para a respectiva observância. Como exemplo do asserto, citarei as visitas domiciliares e as inspeções obrigatórias para os empregados em hotéis, botequins, mercearias, açougues, padarias e estabelecimentos congêneres. Houve, ao princípio, um verdadeiro clamor, que á primeira vista espíritos menos refletidos consideraram justificável. Bem depressa, porém, prevaleceu o bom senso e, aos poucos meses, a opinião pública era unanime em acatar a lei municipal. (RELATÓRIO, 1902, p. 20)

No entanto, ainda segundo Sarges, as medidas saneadoras de Lemos prejudicava as classes populares e, que por conta disso, estavam em constante conflito com a ordem municipal.

As medidas saneadoras baixadas pela intendência eram vistas de maneira extremamente antipática pela população, considerando que sempre representavam taxas a serem pagas pelos trabalhadores, como, por exemplo, as latas de lixo que custavam 20\$000 a unidade, além de serem facilmente deterioráveis (SARGES, 2002, p. 70)

A riqueza produzida por meio da comercialização da borracha favoreceu a implementação desse projeto político de Antônio Lemos. Modas, costumes e valores eram

experimentados em Belém. Essa prática fazia parte de um acelerado projeto de modernização da cidade. Antônio Lemos procurou modernizar e expandir apenas nos lugares mais altos, no centro da cidade, deixando de lado as áreas mais antigas, que conseqüentemente entraram no processo de ruína. Dessa forma, é possível afirmar que essa ideia de progresso, beneficiava apenas uma determinada classe, enquanto que as outras sobreviviam ao entorno da cidade moderna.

A história da cidade é também um pouco a história de seu interventor, seja no traçado urbano ou no poder constituído. Assim, Belém tornou-se a partir da administração lealista, um canteiro de obras que deveria ser atrelado aos parâmetros estéticos de países europeus, o que em parte se tornava possível graças ao aquecimento da economia produzido pela exportação do látex. Durante décadas, a cidade foi orgulhosamente chamada de a “Paris Tropical”, ou então a “Francesinha do Norte” refletindo a construção de um imaginário que as elites tentavam imprimir através da moda, de comportamentos, hábitos e sobretudo pela nova feição que assumia a cidade na administração lealista. (SARGES, 2002, p. 115)

Dessa forma, segundo Maia, “para Dalcídio Jurandir, o projeto político de progresso e modernização empreendido por Antônio Lemos era mecânico, automático, acrítico, excludente, era, portanto, um “fausto” falso, uma vez que as classes populares dele não participaram.” (MAIA, 2017, p.234). Portanto, conforme pondera a autora, o progresso pode ser falso, mas o sentimento de modernização e civilização não o é, ele está presente na narrativa, assim como a decadência e a ruína personificados por meio da família Alcântara.

Conforme salienta Maia, Dalcídio procurava mostrar através das entrelinhas dos romances a história sob olhar dos menos favorecidos, diferente da história dos livros didáticos, que traziam apenas a versão do colonizador.

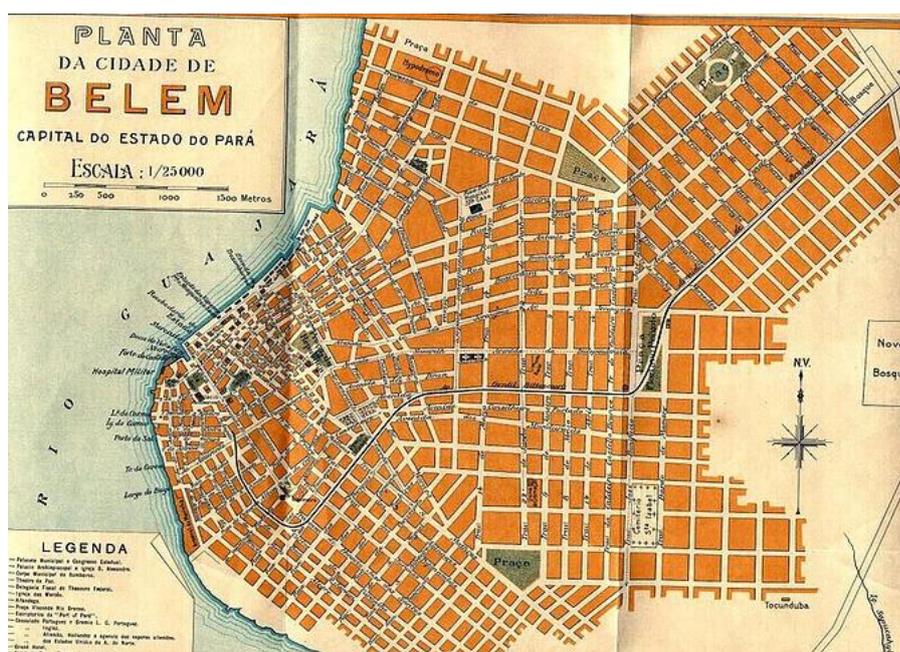
As versões de história dos livros didáticos da região amazônica na primeira metade do século XX, que traziam apenas a versão do “vencedor”, isto é, o colonizador branco europeu que, para o bem do progresso e da civilização da Amazônia e do Brasil vinha “apagando” as diferenças étnicas e transformando a sociedade em um *locus* mais homogêneo, são completamente divergentes da perspectiva histórica de Dalcídio Jurandir nos seus romances, os quais ele começou a construir a partir 1929, embora Dalcídio, possivelmente, tenha estudado a história a partir da versão do vencedor nas escolas de Belém nos anos de 1910 e 1920. (MAIA, 2017, p. 48)

Os romances de Dalcídio Jurandir retratam a vida daqueles que foram calados pela história no século XX. Dentro dessa perspectiva, Carla Soares Pereira (2014), afirma que é necessário que se observe não só as semelhanças entre a literatura e história, mas, para além disso, que se reflita sobre o que levou alguns escritores a se afastar ou estreitar a relação entre essas duas áreas.

No decorrer do século XX, no entanto, percebe-se que houve uma mudança de postura: passou-se a observar diferenças, semelhanças e, principalmente, relativizar as fronteiras entre o literário e o histórico para entender o porquê de um andar par-e-par com o outro. Nesse diapasão, historiadores mudaram sua visão sobre o lugar da literatura na historiografia e pesquisadores em literatura direcionaram o olhar para o papel da historiografia, da sociologia, da antropologia nos textos literários. (PEREIRA, 2014, p. 23)

Tendo em vista estes pressupostos, chegamos às primeiras linhas do romance *Belém do Grão-Pará*, que informam a respeito do tempo histórico, quando faz referência “a queda do velho Lemos”, que ficara no poder entre 1897 e 1911, responsável pela então modernização da cidade.

Com a queda do velho Lemos, no Pará, os Alcântaras se mudaram da 22 de Junho² para uma das três casas iguais, a do meio, de porta e duas janelas, n. 160, na Gentil Bittencourt. Era no trecho em que passava o trem, atrás do quartel dos 26 Caçadores. O toque de alvorada acordava o seu Virgílio para a Alfândega. (JURANDIR, 1960, p 2.)



Mapa Belém, 1920

FONTE: <https://alinerocharl.wixsite.com/belempara/blank-c10fk>

Essas informações, presentes nos dois primeiros parágrafos do romance *Belém do Grão-Pará* nos faz entender a caracterização dos personagens e, principalmente, o espaço que denuncia o declínio social da família Alcântara, pois passou a morar após a linha do trem, que no mapa poderia representar a linha imaginária entre o centro e a periferia, essa seria a justificativa para o destaque feito por Dalcídio em relação a essa mudança.

² Atual avenida Alcindo Cabela (PEREIRA, 2014, p. 40)

Após a queda do velho Lemos a família se mudou da rua 22 de junho para uma das três casas iguais, a do meio, de portas e duas janelas, nº 160, a Gentil Bittencourt. Percebam que o narrador em terceira pessoa situa o leitor sobre o contexto histórico e político que a cidade de Belém estava passando e a nova posição social e econômica da família Alcântara, ao narrar a mudança de uma casa situada em um lugar requintado da cidade, na vinte e dois de junho, para um lugar mais afastado na Gentil Bittencourt.

Para a personagem Dona Inácia a queda do senador Antônio Lemos, era a causa da ruína e da decadência da família. Esta questionava que a borracha foi comercializada graças ao intendente e que o fato de ter sido traído, escorraçado, fez com que a borracha perdesse o valor comercial. Dessa maneira, nota-se que em nenhum momento a personagem preocupa-se com o bem estar da cidade, em relação a saneamento básico, infraestrutura e sim a situação econômica e social da família depois da queda de Lemos.

Natural como aquele ir e vir numeroso de navios, subindo abarrotados de mercadorias e cearenses, descendo carregados de “peles” logo baldeadas para os navios internacionais. Normais eram as obras de fachada do Governo, os luzimentos do Senador, as companhias teatrais desembarcando da Europa, a importação de bacharéis do nordeste que traziam do Recife, entre anedotas de Tobias Barreto, essa novidade: o direito; (...) Mas os banquetes no Bosque, seu Virgílio? Os grandes bailes? São Brás em estilo românico? (...) Para as mulheres a queda do Senador era a causa de tudo. A borracha subira a tanto, graças ao Senador, em Palácio. Rolara a tão baixo preço graças ao Senador no chão, traído e espezinhado. (JURANDIR, 1960, p. 8-9)

A família Alcântara vivia das lembranças do apadrinhamento e dos favores concedidos pelo Senador Lemos, representando a elite que depois da queda do velho lemos encenavam o processo de decadência, pois a derrocada do líder político provoca à mudança da família, que passa habitar as margens daquilo que então era a área nobre da cidade. Assim, encontramos não só o período áureo da borracha, mas a queda do leimismo de Belém.

A visão do leimismo a partir da análise não é muito diferente da maioria dos historiadores que apresentam uma visão crítica do fato histórico. Lemos, em sua administração, concilia o fausto e modernização, que ressaltam aos olhos de todos, com o empobrecimento e a desigualdade social da população. Delcídio Jurandir (1960), como escritor atento à vida e os movimentos sociais, não deixaria de atentar criticamente para as marcas que se acabam por consignar mais como estigmas da administração lemista. (FERREIRA, 2008, p. 50)

Dessa maneira, Delcídio Jurandir trás na escrita de seus romances a história da cidade de Belém a partir do olhar das camadas populares, que conheciam a opressão e a luta, mas resistiam na busca de um bem maior para a humanidade. Conforme aponta Maíra Oliveira Maia, “Dalcídio Jurandir tem uma perspectiva de história semelhante à perspectiva de história do

filósofo alemão Walter Benjamin, a história vista como um campo aberto de lutas, de conflitos sociais, de ‘atritos’ (MAIA, 2017, p. 38). O escritor apresenta uma história a partir do olhar do colonizado, do dominado que sofria constantemente com o projeto lealista de urbanização da cidade. Conforme pontua Maria de Nazaré Sarges, no livro, *Memórias do velho intendente*. “A fala do intendente menosprezava as ‘camadas inferiores’ considerando as camadas trabalhadoras como as únicas responsáveis pela quebra de regras estabelecidas pelo poder público” (SARGES, 2002, p.142). Dessa maneira, a autora vem ratificar que esse processo de modernização com uma série de construções, como prédios, jardins, quiosques só beneficiava a população privilegiada, enquanto que a população mais pobre estava extremamente desagradada com as decisões tomadas pela intendência municipal, que os obrigava a pagar impostos, enchia-a de deveres e proibições, o que causava confrontos cotidianos entre a população e os representantes da Municipalidade.

Além do controle sobre a circulação dos espaços públicos da cidade, era preciso também controlar a vida privada da população. Sendo assim, os cortiços passaram a ser assunto prioritário das discussões do poder público e da imprensa local. Estes eram uma ameaça à salubridade e também à moral da sociedade belemita, uma vez que seriam um antro de sujeira física e criminalidade, além de esteticamente serem considerados inadequados ao novo padrão arquitetônico estabelecido pela modernidade. (MAIA, 2017, p. 168)

Numa perspectiva histórica, Aldrin Moura, afirma que “Lemos aparece como o ‘*agente patrocinador da modernização*’ mediando os interesses das elites políticas locais” (MOURA, 2002, p. 07) (grifos do autor) Essa modernização pressupôs um amplo projeto direcionado para as ideias da civilização que objetivava a mudança de hábitos e costumes da população local. Segundo Paulo Jorge de Moraes Ferreira:

A visão do lealismo a partir da análise literária não é muito diferente da maioria dos historiadores que apresentam uma visão crítica do fato histórico. Lemos, em sua administração, concilia o Fausto e sua modernização, que ressaltam aos olhos de todos, com o empobrecimento e a desigualdade social da população. Dalcídio Jurandir (1960), como escritor atento a vida e aos movimentos sociais, não deixaria de atentar criticamente para as marcas que se acabam por consignar mais como estigmas da administração lealista. (FERREIRA, 2008, p. 51)

Dalcídio crítico e atento aos problemas sociais escreve o romance Belém do Grão-Pará, fazendo várias referências a esse período. O teatro da Paz repleto de atividades, os bailes, as festas cívicas, as celebrações no Bosque. O lealismo era marcado pelas lembranças da pequena corte. Como observamos através deste trecho que o narrador fala de Emilinha, como uma pertencente da corte. Vejamos:

De suas lembranças do lealismo preferia a das paradas escolares, as aulas de

piano, aquela viagem para o Bosque no bonde de luxo entre flores, fitas e muitas bandeiras do Pará e do Brasil; as duas pirâmides de lâmpadas policrômicas com as armas do município, as piras de gás, o redondel do Parque Batista Campos, onde viu os touros; a grande boneca alemã e o trem que corria na 22 pelo corredor (JURANDIR, 1960, p. 72)

Sim, Emília desejou que as janelas da vizinhança ficassem repletas para ver o piano chegando; dava a medida das posses e da educação das Alcântaras. “... Nunca o piano a servira tanto como naquela tarde” (JURANDIR, 1960, p. 73)

Nas casas dos antigos cortesãos havia piano que era mantido como um símbolo do gosto da corte, também demonstrado nos trajes à moda francesa e nas relações entre senhores, damas e servos. Porém, a época descrita era de aparências repletas de imagens e símbolos da corte ou do progresso, vistos já como sinais da decadência. Os sentimentos de muitos personagens refletiam o fim de um sonho ou de uma era. Para o menino Alfredo, a cidade representava a oportunidade de se educar, de definir sua posição social e isto era o que importava ao garoto. Nada, entretanto, o impedia, nos anos 20 de se decepcionar com Belém - a Paris decadente do Senador Antônio Lemos, o ex-intendente (ex-prefeito) Municipal de Belém, - e com uma sociedade, enriquecida anteriormente com a borracha, agora (década de 1920) em ruínas e de retratá-las com olhares críticos e irônicos.

Ainda nesse mesmo cenário, Marli Tereza Furtado, apresenta em sua tese de doutorado, *Universo Derruído e Corrosão em Dalcídio Jurandir*, as ruínas que marcam o contexto histórico, e também o mesmo aspecto nos personagens dos romances, *Chove nos campos de cachoeira*, *Belém do Grão-Pará* e *Ribanceira*. Nesse trabalho ela apresenta que o universo derruído é responsável pela corrosão dos personagens, principalmente Alfredo e Eutanázio.

Ao se propalar cantor de "uma aristocracia de pé no chão", Dalcídio nos dá a tônica de sua obra: uma literatura empenhada, consoante à produzida na época em que se lançou escritor. Como os bons autores dos decênios de 30 e 40, ele transcende a fronteira do mero enquadramento como escritor regionalista menos pelo enfoque do regional do que pela análise crítica das relações sociais, ao plasmar heróis agônicos em tensão contínua, seja com o universo derruído em que se encontram, seja com eles mesmos, devido às dores universais humanas. (FURTADO, 2002, p. 8)

A pesquisadora dá ênfase para produção de Dalcídio como representante de uma Amazônia em ruínas. “Pobres e decaídos, produzidos e cerceados pela própria sociedade burguesa em que se inserem, eis os principais personagens dalcidianos que trafegam, corroídos, num ambiente também corroído, a Amazônia pós-auge do ciclo da borracha.” (FURTADO, 2002 p.7). Em vez de apresentar uma Amazônia com paisagens idílicas, naturais, Dalcídio dá ênfase para escrever um lugar mais social, dialogando com o contexto histórico e sociocultural trazendo para a composição dos personagens a falta de perspectiva causada por um ambiente

decadente, onde se padece de fome e de doença. “Uma Amazônia derruída, sem perspectivas, atônita após a derrocada de um ciclo econômico que ergueu palácios, teatros, palacetes; que deu ares europeus às altas temperaturas locais” (FURTADO, 2002 p. 12). Neste trabalho a professora segue os passos do personagem Alfredo em seu trânsito desde Cachoeira³, no romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, onde se inicia o trajeto de Alfredo, passando por *Três casas e um rio*, narrativa que narra o “real fictício”, simbólico e social de Alfredo quando começa a entrar na adolescência. *Belém do Grão-Pará*, livro que Alfredo completa a adolescência e também recupera os áureos tempos da borracha⁴ e o lemismo⁵ em Belém. *Ribanceira*, narrativa que fecha o ciclo e que ratifica o propósito dalcidiano de retratar a derrocada paraense pós-ciclo da borracha.

A partir dos estudos de Marli Furtado, inúmeros autores começaram a ter outras visões a respeito das obras de Dalcídio, como o estudo de Paulo Jorge Martins Nunes, *Útero de areia, um estudo do romance ‘Belém do Grão-Pará’*, de Dalcídio Jurandir 2007, também discutirá a cidade de Belém em ruínas no início do século XX, como útero de areia, metáfora a filha da família Alcântara, a jovem Emilinha. “Esta expressão singularizada no texto dalcidiano está associada, em primeira instância, a Emilinha, que a própria mãe, dona Inácia (inadaptada à sua condição feminina numa sociedade falocêntrica) a fim qualificar sua filha como inútil, usa para desqualificá-la.” (NUNES, 2007, p.7). Para a compreensão da obra o autor faz o seguinte comentário “ler **Belém do Grão-Pará** sem considerar o drama econômico advindo da queda da borracha no mercado internacional é suprimir uma instigante possibilidade de leitura.” (NUNES, 2007, p.87, **grifo do autor**). Assim o autor nos elucida da importância da contextualização histórica para a compreensão da narrativa, no caso, o drama vivido pela classe média belenense, representado pelos Alcântaras, no início do século XX, escancara, segundo o autor, os resultados da comercialização da borracha no mercado internacional.

Assim, a metáfora *útero de areia* desliza o sentido para ampliar reiterativamente o discurso enunciativo do texto que aponta para o declínio: afinal, em certo sentido, as cidades são as pessoas que nelas habitam; e este pensamento pode ser trasladado às personagens de determinados romances, dentre os quais **Belém do Grão-Pará** é expressão privilegiada. E a “Emilinha útero de areia”, sem deixar de caracterizar-se como metáfora, configura, por deslocamento de significado, uma metonímia da Belém-cidade-agônica. (NUNES, 2007, p. 161)

³Mesorregião do Marajó e microrregião do Arari, no estado do Pará.

⁴Segundo Marcio Vianna e Marcílio Sudério, Para a Amazônia o ciclo da borracha é compreendido entre os anos 1880 a 1912 delimitou uma época divisora de águas. As transformações foram indelévels no âmbito mais amplo das esferas econômicas e culturais; foram apenas três décadas, aproximadamente, que por assim dizer ‘refundaram’ a região inteira. (SOUZA, 2016, p. 60)

⁵ Passado recente de luxo e de ostentação vivido pelos apoiadores do governo de Antônio Lemos.

A expressão *'útero de areia'*, proferida por D. Inácia para a filha Emilinha, amplia-se metonimicamente no sentido de designar a própria situação da capital do Pará, que, então, conforme se sabe, mergulhava em profunda crise político-econômico-social. Desse modo, o autor procura discutir a cidade de Belém, considerando que as personagens femininas se efetivam como síntese da própria cidade de Belém

Entre a Belém-cidade-agônica e o Universo derruído Paulo Nunes e Marli Furtado colaboram para a reflexão sobre os conflitos humanos que refletem na paisagem da cidade os conflitos contraditórios de Belle Époque amazônica, pois ambos trazem para a discussão a representação da cidade de Belém sob diversas faces, através da análise de personagens e ambientes decaídos depois que a borracha deixou de ser comercializada no exterior.

Como podemos observar através da cena abaixo que faz referência à cidade de Belém no início do século XX. Os trilhos do bonde dos elétrons que eram uma forma marcante da modernidade em *Belém do Grão-Pará*.

Até que o bonde ia vagaroso. E meio sujo, seus passageiros afundavam-se num silêncio e apatia indefiníveis. Pareciam fartos de Belém enquanto o menino seguia com uma crescente gula da cidade. O bonde, cuspidando e engolindo gente, mergulhava nas saborosas entranhas de Belém, macias de mangueiras, quintais com bananeiras espiando por cima do muro, uma normalista, feixes de lenha à porta da taberna, a carrocinha dos cachorros que os levava para o fogo, na Cremação. o moleque saltando no estribo e logo descendo como se fosse pago para aquilo, tabuleiros de pupunha que transpiravam ao sol, a bandeirinha mais roxa que vermelha de açaí, um menino de calça encarnada, o portão arriando ao peso de um jasmineiro em flor. E onde era esse Teatro da Paz? Onde morava o dr. Gurjão, médico de crianças? A mãe apontou: — Ali, a casa alta, sacada de ferro. Fechada. Ali. meu filho. Por que sua mãe não falava mais e ele mesmo não fazia perguntas? Passaram pelo Largo de Nazaré. a Basílica em tijolos ainda, a antiga igreja ao lado. Cobrindo o Largo, mais monumentais que a Basílica, as velhas sumaumeiras. A esquina da Gentil com a Generalíssimo, saltaram. A cidade balançava ainda. Ou estava tonto com os cheiros de Belém? (JURANDIR, 1960, p. 21-22)

Através do excerto acima é possível perceber os recursos narrativos descritivos empregados pelo romancista que se utiliza de um narrador, autodiegético para construir um painel baudelairiano da moderna metrópole equatorial, fascinante embora decadente. É interessante a cumplicidade que há entre o ponto de vista do narrador de terceira pessoa e a visão de Alfredo, garoto recém-chegado e chocado com a cidade. Alfredo ficou deslumbrado com a cidade e com isso experimenta nesta chegada um misto de sensações: primeiro a curiosidade em conhecer os ambientes citadinos observando cada detalhe por onde passava, segundo a preocupação em não parecer civilizado, educado, nesse ambiente que tanto almejava conhecer. Observa-se que como um *flâneur* Alfredo observa detalhes através do olhar curioso

e espantado, as bananeiras, os feixes de lenha, a carrocinha dos cachorros para serem cremados, os tabuleiros de pupunha que transpiravam ao sol. Alfredo em meio a tantas perguntas e algumas sem resposta, sente-se “tonto com os cheiros” da cidade, pois encontrava-se com dificuldade de adaptação neste ambiente estranho.

Dessa forma, dentro desse contexto de mudanças que Alfredo, narrador personagem, chegará à cidade de Belém e em vários momentos da narrativa se comportará como um *flâneur* observando os ambientes abandonados depois do declínio da borracha. Como podemos observar através desse fragmento em que o narrador descreve o olhar curioso de Alfredo sobre os espaços e monumentos em ruínas.

Desceram no largo da Pólvora. Alfredo olhou para o terraço do Grande Hotel, cheio da sociedade, que tomava sorvete, viração da noite. Na praça, sombreada e deserta, se levantavam do silêncio e do abandono os fundos do Teatro da Paz. Mal se via a estátua da República. Luz e movimento só era ali no terraço e no quiosque branco onde se aglomeravam os choferes de ponto. Na esquina da Serzedelo, com as suas grades enferrujadas, o esqueleto ainda sabrecado d’A *Província*. Alfredo observava a madrinha mãe que não olhou uma só vez para as ruínas. (JURANDIR, 1960, p. 19)

Desta feita, observa-se que flanando pelas ruas da cidade de Belém, Alfredo depara-se com vários lugares em decadência, de um lado, a praça, o grande hotel, estátua da república, cinema olímpia e o teatro da paz, sombreado e abandonado, quase esquecidos devido ao colapso da borracha que por sua vez teria afetado a vida social e cultural de um povo. De outro, na Serzedelo Correia, Alfredo identifica o edifício d’A *Província*, queimado, junto com o poder do velho Lemos. O prédio em ruína era o local em que sediava o jornal *A Província do Pará*, local que se propagava as ideias lemistas, no qual é descrito com as grades todas enferrujadas.

Através do agudo olhar do protagonista Alfredo, Dalcídio Jurandir apresenta o presente decadente da cidade de Belém depois da queda do velho Lemos e a derrocada da borracha. Personagem que se movimenta por vários ambientes da cidade observando as mudanças nos espaços decadentes e agonizantes de um passado de luxo e ostentação para a elite local. Como observa-se através da narração.

E da Dr. Morais, sem lhe dizer nada, Libânia levou ele ao ⁶Largo da Pólvora. Alfredo reconheceu velhas fotografias de sua intimidade: O Teatro da Paz, o Grande Hotel, a estátua da República, todo o “Álbum Comemorativo do Centenário de Belém” de corpo presente. Diante do cinema Olímpia, viu a mãe no chalé lhe contando: “É tanta a luz no cinema Olímpia que a gente parece que fica tonta...” E agora ali, perdida estória maravilhosa, estava ali o baixote, o fechado, o escurinho Cinema Olímpia. (JURANDIR, 1960, p. 34)

⁶ Atual Praça da República

Alfredo ao caminhar com Libânia pelas ruas da cidade de Belém reconhece alguns espaços que já conhecia através das fotografias do álbum comemorativo do centenário de Belém. No entanto, apesar do encantamento ao observar os espaços, ele percebe que o lugar que sonhava em conhecer se encontra arruinado, o que era colorido e claro se encontrava desbotado, fechado e escuro. Dessa maneira, Alfredo sente-se agoniado e as vezes até sufocado, pois imaginava encontrar os espaços de acordo com o que tinha idealizado nas imagens recortadas da/na memória.

Dessa maneira é possível perceber que na narrativa encontramos vários espaços em decadência com o fim da comercialização da borracha. A casa de seu Barbosa, padrinho de personagem Alfredo é um exemplo de um espaço em ruína. O narrador relata que o padrinho era um homem importante e que durante esse período possuía muitos bens, como descrito com detalhes na narrativa. “O padrinho possuía, então, comércio na 15 de novembro, casa de primeira, o ganso ao pé da mesa a aparar pedaços de queijo flamengo, a filha saía dos seus mil brinquedos para apanhar na rua uma tampinha suja de cerveja” (JURANDIR, 1960, p. 23).

A mãe de Alfredo contava com a ajuda do padrinho na educação escolar do filho. Ela não se preocupava, pois quando Alfredo viesse para a cidade para concluir os estudos moraria com o padrinho, como relata a narrativa. O menino crescia com essa esperança, mas com a idade de oito anos, o padrinho entrou em decadência desapontando dona Amélia. Por isso, Major Alberto, que nunca tratava o seu Barbosa de compadre, dizia: — “É o que dá quando se vai atrás das tetas duma árvore. Mamasse nas vacas e não nas seringueiras. Pensava que a borracha esticava sem rebentar um dia?” (JURANDIR, 1960, p. 23). É possível perceber que a causa da decadência do padrinho Barbosa é o declínio da borracha e que agora com Belém já em decadência, está falido vivendo em uma casa vazia com resquícios de um passado glamoroso. Um aviador com muitos bens e que no momento o que ainda possuía ia aos poucos se deteriorando.

Um dos elementos encontrados na casa do padrinho Barbosa que deixa Alfredo espantado é o gramofone mudo, porque no passado ele lembrava-se do gramofone tocando músicas com todo o refinamento europeu que o gramofone representa e agora ele chega e vê o gramofone mudo. “Olhou dentro do bocal do gramofone. Escuro, mudo, insondável. Essa escuridão e mudez enchiam a casa, mais desolada e deserta pela silenciosa quantidade daqueles discos nas estantes e este e aquele grasnar do ganso velho.” (JURANDIR, 1960, p. 24). A imagética do silêncio do gramofone revela que a decadência vivida pela família e a impossibilidade de mudar seu destino, articulam-se ao que ocorreu com as metrópoles amazônicas, com o fim da comercialização da borracha em grande escala. Mas o padrinho

Barbosa não era um caso isolado, o mesmo ocorria com a família Alcântara, que vivia a decadência depois da queda do leimismo. A diferença entre eles é que os integrantes daquela família buscavam estratégias para encobrir a real situação econômica, procurando fazer com que ninguém descobrisse que estavam falidos, por isso Emília, filha de Dona Inácia, descobre uma casa vazia na estrada de Nazaré, local onde se encontrava os palacetes, as pessoas importantes na cidade de Belém. Imediatamente Emília, cheia de vaidades resolve convencer a família a se mudar para aquele local em completa ruína só porque queria tirar a família de uma rua em anonimato.

Conseguiu o “habite-se, oitenta por mês, sem a água, vamos mudar pra a semana e é na Estrada de Nazaré. Disse “Estrada de Nazaré”, sem carregar no nome, como se fosse a travessa Francisco Caldeira Castelo Branco, a Apinajés, ou qualquer rua mais escondidinha lá pelo Marco da Léguas... Virgílio não piou, metido no prato. Parecia fora de si, lançado de súbito naquele mundo de Inácia em que não se pensa e se age sempre, como no tempo de leimismo. Como sabia ela trazer os fatos consumados! Como tudo já estava tramado, decidido, era como ele já jantasse na Estrada de Nazaré. (JURANDIR, 1960, p. 97)

Através da assertiva é possível perceber que seu Alcântara não decidia nada e nem sua opinião importava naquela casa, mas era o único que conseguia refletir sobre as condições precárias em que a família vivia. Observa-se que o nome da rua não fazia diferença nenhuma para ele, o que importava eram as condições que iam viver lá, já que estavam falidos e as despesas iam aumentar consideravelmente. Mas o próprio seu Virgílio reflete dizendo que sempre foi assim, os fatos já chegavam consumados, apenas para ele aceitar. Como percebemos tudo já estava decidido, não se preocupavam se a casa estava arruinada ou se ia desabar o que importava era recuperar o status perdido e sempre demonstrar que a decadência que atingia a cidade depois da queda de Antônio Lemos não interferia na situação econômica da família.

Para Emília, secretamente, aquela mudança era uma volta, sem cor política, do ostracismo. Era tomar contacto com a sociedade, não mais por meio de um baile de cadetes mas morando na Estrada de Nazaré. Era respirar aquele ar das ruas finas, Nazaré e São Jerônimo, fincar os cotovelos na almofada de forro bordadinho. (JURANDIR, 1960, p. 82)

Dessa forma é possível compreender que o espaço onde as pessoas moravam era determinante para designar a sua posição na sociedade. No romance em questão a ruína que assombrava a família Alcântara representa de alguma forma o poder em decadência, mas que ainda oprime e submete.

Nas últimas cenas do romance, *Belém do Grão Pará*, observamos o despojo da família postos na calçada, incluindo um piano. A casa arruinada da estrada de Nazaré, endereço nobre,

local de moradia dos sonhos de Emília. O menino Antônio, agregado da família, pergunta, preocupado:

— Madrinha Inácia, a cozinha... Cai?
 — Caindo estamos nós, meu coirão. Estamos nós, abre aquele vinho ali, meu anjo. Emília voltou-se para a mãe, enxugando a cara com a barra da anágua. Antônio, a garrafa na mão, hesitava: “Meu anjo. Ela me chamou de meu anjo”. D. Inácia encarou a filha: — Daqui da mansão vamos para o veraneio, subimos pros Covões, a residência imperial. Vamos para as pompas dos Covões, senhora dona Emília. (JURANDIR, 1960, p. 190)

Mais adiante quando o desabamento da casa é inevitável, Alfredo outro agregado da casa declara seu companheirismo a família: “— Mas eu fico até mudarem. Saio com a senhora. — Os Alcântaras desabam, meu cavalheiro. Deixa a tua lealdade, tua gratidão para os que merecem, meu filho” (JURANDIR, 1960, p. 191). Nesse fragmento dona Inácia deixa claro a ruína da família, assim como o sobrado degastado pelo tempo que não suportou o peso de uma nova família a habita-lo e aos poucos ameaça desabar. Dessa maneira, as casas descritas no romance a do Padrinho Barbosa e dos Alcântaras representam a imagem da própria cidade em decadência a qual ainda se esforçava para manter o glamour do áureo período da borracha.

Assim como em *Belém do Grão-Pará, Passagem dos inocentes* Dalcídio Jurandir também enfatizará o estado de decadência que se encontrava a cidade de Belém. Neste romance a periferia da cidade será explanado através do olhar daqueles que não tiveram acesso a vários benefícios trazidos pela modernidade. O romance expressa a área suburbana de Belém, com ênfase para os problemas de saneamento básico expresso pela passagem dos inocentes. Um lugar que as famílias lutavam para sobreviver, pois os moradores tinham que viver em meio ao abandono do poder público. Para eles restavam às doenças ocasionadas pelas ruas alagadas, às moscas e os carapanãs, como percebemos através do discurso de um dos manifestantes:

O Intendente avisou que passou a comandar pessoalmente, a grande campanha desenvolvida com o objetivo de eliminar a praga das moscas... Ora, meu Deus! A grande campanha! São as notas oficiais. Ao mesmo tempo, outra nota oficial declarou que ocorreu em Belém um surto de disenteria bacilar com alta letalidade, atacando, de preferência, infantes e crianças, subnutridas e desidratadas nos bairros pobres, onde as condições e hábitos de higiene são precários e a educação sanitária é desconhecida... Aqui está no jornal. Mas meu Deus! esses doutores! (JURANDIR, 1984, p. 91)

Percebe-se que Belém era uma cidade de aspecto físico arruinado, os serviços oferecidos pelo estado eram deficientes, os pagamentos atrasados. As ruas estavam sujas, pelos mosquitos e pelo acúmulo de lixo. Nesse fragmento, observa-se a reclamação de um manifestante que critica a posição do governo em relação a população dos bairros periféricos. Um governo que não se interessava em resolver os problemas da população que viam seus filhos subnutridas e

desidratadas morrerem por viverem em lugares precários e sem cuidados médicos.

Maíra Maia afirma que a intenção de Dalcídio ao escrever o romance *Passagem dos Inocentes* é criticar a conduta do então governador do estado.

Veremos que em *Passagem dos Inocentes* o realismo e a ação política acompanham a criação do romance, sendo possível, inclusive, inferir que uma das intenções de Dalcídio Jurandir era criticar a conduta do então governador do Estado do Pará, entre 1921-1924, que instaurou uma redução de despesas e de contenção de gastos públicos, o Decreto de nº 3.806, que fez com que todos os paraenses pagassem pela crise econômica da *débâcle* da borracha, afetando profundamente os mais pobres. (MAIA, 2017, p. 253)

Segundo Maia, durante o governo de Antonino Emiliano de Sousa Castro, as reclamações do povo em relação as péssimas condições de vida do povo eram constantes. A falta de ordenamento e limpeza da cidade era um dos graves problemas que população periférica estava enfrentando. “Embora o governador negasse a “ruína” do Pará, afirmava que eram necessários sacrifícios para que este pudesse sair da grave crise econômica que o assolava há mais de uma década” (MAIA, 2017, p. 253). Porquanto, a contenção de gastos públicos para conter a ruína da cidade, afetava profundamente os pobres, que sobreviviam com tão pouco.

Sobre o título do romance, Viviane Moraes analisando a narrativa, afirma que o título faz referência a duas situações:

O primeiro se refere ao nome da rua em que mora D. Cecé, na periferia, lugar onde Alfredo se instala. O segundo faz alusão à morte das crianças, dos recém-nascidos que, em alguns momentos da narrativa, eram chamados de “inocentes”. As duas possibilidades convergem para a mesma condição de violação, de esvaziamento de direitos, de abandono, de *vida nua* e Exceção. (MORAES, 2017, p. 158)

A tensa realidade que assolava a cidade de Belém, depois do declínio da comercialização da borracha, criou um ambiente de fome, doenças e crise na educação, como destaca Hage: “a pobreza material é um estado de fragilidade. O ser humano pobre é frágil, pois não dispõe de requisitos mínimos para suprir as próprias necessidades de suas vidas” (HAGE, 2015, p.48) Como ocorre com os moradores da *Passagem dos Inocentes* que viviam em uma situação de emergência, em um espaço degradante. Uma população que sofria de forma considerável com a falta de itens de necessidade básico, tais como: um espaço higienizado para morar, educação de qualidade e cuidados médicos para seus filhos que padeciam por não receberem a ajuda necessária para a cura da doença.

Alfredo fica espantado com essa cidade que se apresentava diante de seus olhos, pois ele foi direto para a periferia, onde as dificuldades eram mais intensas e desanimadoras. Alfredo experiência outra cidade, os subúrbios de Belém, a cidade da febre, das moscas, dos covões e

da miséria.

3.2. Ânimo e desânimo de Alfredo no ambiente citadino.

Deslumbrado com a cidade, Alfredo estabelece uma relação ao mesmo tempo de encanto e conflito, elementos que ficam evidentes através das oscilações pelos quais passa. “Solidão, remorso e desilusão eram alguns sentimentos que perpassavam suas inquietações sobre o presente, o passado e o futuro.” (MORAES, 2017, p. 139). Logo na sua chegada experimenta um misto de sensações: primeiro a curiosidade em conhecer a cidade e segundo o medo de ser ridicularizado por sua matutice⁷. Mas nada impedia Alfredo viver a tão sonhada experiência de morar na cidade, pois queria muito realizar o sonho que cresceu com imenso anseio e expectativa que era o de chegar à cidade de Belém e estudar num bom colégio. No entanto, o choque é imediato, uma vez que flanando pela cidade começa a perceber e questionar-se sobre alguns espaços e algumas atitudes de pessoas angustiadas e preconceituosas.

Em *Belém do Grão-Pará* o primeiro espaço foi o Ver-o-Peso, onde o recém-chegado despia de sua matutice para enfrentar o mundo da cidade. Nesse espaço Alfredo exhibe suas inseguranças, por isso se pergunta: “Estaria andando direito como menino da cidade? [...] também na cidade saberiam descobrir os que vinham do sítio, tios-bimbas no caminhar e no admirar tudo?” (JURANDIR, 1960, p. 16). Dessa forma, trata-se de um dos registros de conflitos que Alfredo tinha do ambiente citadino, primeiro, as confusões sentimentais de quem deixaria para trás a família, e o modo de vida e segundo, o deslumbramento e descoberta da cidade e do estilo urbano que não conhecia. Dessa maneira, o receio de parecer *matuto* e ser chamado de “tio-bimba”, sinônimo de não ter modos, educação, postura, o perseguem. Como observamos em vários trechos da narrativa, aonde o deslumbramento e a insegurança aparecem trazendo à tona uma mistura de sensações, ora de encantamento, ora de medo em como absorver toda aquela mudança que a cidade lhe proporcionava.

Alfredo, então avançou pela proa e saltou na calçada, pisando o chão da cidade. Viu que andava sobre paralelepípedos. Numa dessas pedras levada pelo Alfer, ‘moço’ da lancha ‘Atatá’, se apoiava a trempe do fogão da nhá Porcina. Por entre as pedras no chão da cidade grelava capim. Que luz a do seu olhar cheio de uma cidade que era só sua, não daqueles barqueiros nem de sua mãe nem daquela gente alheia e indiferente que passava. Sua. Mas no ruído, nas vozes do Ver-o-Peso e no íntimo rumor de suas emoções, caía como água de fonte a voz de Andreza: ‘B’lém’. Sentiu-se ferido por uma piedade miúda e uma tristeza que agradava ao mesmo tempo seu orgulho de estar na

⁷ Indivíduo ignorante e ingênuo. Na narrativa Alfredo é visto como matuto por ser curioso, tímido e que não sabia se comportar socialmente.

cidade. Pobrezinha de Andreza, que não estava a seu lado e que, por certo, vendo o automóvel, não daria aquele grito de matutice. (JURANDIR, 1960, p. 16)

Nesse fragmento o personagem entra em conflito com sua origem interiorana, interpelada constantemente pela necessidade de se adaptar e mudar seu comportamento de modo a não parecer matuto. Mas, mesmo assim, a linguagem, e o comportamento, de alguma forma denunciava que aquele menino fazia parte de outra cultura.

Pobrezinha de Andreza que não estava a seu lado e que, por certo, vendo o automóvel, não daria aquele grito de matutice. Além das pernas trêmulas, estava sob o efeito, do balanço da viagem. O chão movia-se, os velhos sobrados cabeceavam, de leve, a cidade ia e vinha, flutuando num mar invisível, de leve. Estaria andando direito como menino da cidade? Escutara a Dadá dizer em Cachoeira: “Ah, conheço rapaz da cidade pelo modo de andar. O andar é outro.

Também na cidade saberiam logo descobrir os que vinham do sítio, tios bimbos no caminhar e no admirar tudo? Os meninos, sobretudo, por certo bem vestidos e donos de Belém, com a curiosidade afiada, gostariam de olhá-lo, ouvi-lo pasmar diante do automóvel, imitar-lhe o andar, descido o beijo de matutice.

Examinou se havia calçado as meias direitinho. Consertou o laço de sapato, operação em que foi pouco hábil. Ajeitou as ligas que apertavam. Parou, hesitante, sentindo as palavras da mãe: Tio-bimba. Deveria fingir indiferença, mostrar que era menino habituado. (JURANDIR 1960, p. 17)

Alfredo, ao desembarcar em Belém, se depara com duas cenas chocantes. Primeiramente, descobriu que crianças podem ser comercializadas como mercadorias. Isso se deu quando visualizou a menina que esperava na embarcação “Deus te Guarde” uma senhora de “posses”. Alfredo observa de longe toda a negociação do canoeiro com a rica senhora o futuro daquela criança e fica chocado com a forma como a menina é tratada.

O tripulante voltou à “Deus te guarde”, num átimo trouxe a encomenda da senhora: uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca. metida num camisão de alfacinha. A senhora recuou um pouco. o leque aos lábios, examinando-a: — Mas isto? E olhava para a menina e para o canoeiro, o leque impaciente: — Mas eu lhe disse que arranjasse uma maiorzinha pra serviços pesados. Isto aí... [34] O canoeiro respondia baixo, se enchendo de respeitosas explicações, fazendo valer a mercadoria. A menina, de vez em vez, fitava a senhora com estupor e abandono. E deu com Alfredo que o contemplava, Olhou para ele com o mesmo estupor mas tão demoradamente, como uma cega, que o menino virou o rosto. Andreza teria igual sorte? Para Andreza, a cidade seria isso também? (JURANDIR 1960, p. 17)

Esta cena, que explana uma situação de violação e exclusão, poderia ser um exemplo de denúncia social do trabalho infanto-juvenil. Uma mulher bem vestida, uma vestimenta “chique”, típicos de damas civilizadas conversava com o canoeiro sobre a “encomenda”, como era denominada a menina que vinha do interior para ser entregue a rica senhora. No entanto, a

mulher queria uma que fosse maior para trabalhar nos serviços pesados da casa, por isso a mulher o rejeitou. Dessa maneira, ao presenciar cenas como essa, Alfredo, começa a ficar nervoso e confuso imerso em uma mistura de sensações e sentimentos.

A segunda cena impactante logo no desembarque de Alfredo é quando o menino vivência e reflete como é a morte na cidade. O barco que trazia ele e sua mãe atraca próximo ao necrotério, e o menino observa a forma como eram tratados os mortos na cidade e isso o deixa chocado, pois para o menino que estava chegando, a cidade se transfigurava em um complexo estranho. Em Cachoeira as pessoas que faleciam eram tratadas de forma diferente, não eram tocados de qualquer jeito e não ficavam expostos como em um açougue. Isso chocou Alfredo, que ao aportar começava a sentir a diferença sociocultural entre as cidades de Belém e Cachoeira.

E logo sentiu obscuramente que a morte na cidade se despojava daquele pudor, decência e mistério que a todos transmitia em Cachoeira. Lá “fazia mal” deixar um morto assim, o morto era inviolável, tocava-se nele para lavá-lo, [35] vestir, cruzar-lhe as mãos, pô-lo no *caixão* ou rede, entregue Cinicamente à sua morte. Dentro do corpo mãe nenhuma tocaria depois que lhe tocara a outra, a inevitável. Não ficaria nunca ali naquela pedra, sem nome. Vela ou origem, igual peixe no gelo. Isso doeu no menino, cheio agora de súbitas perguntas, e isto e aquilo, e por que. que-que dizia o pai, e Andreza? Por que vivo, se podia ele também acabar numa pedra, aquela, retalhado. Sozinho-sozinho. Com tão íntima gordura exposta, nunca adivinhada num defunto? Se lembrou do curupira de dente verde que tira o fígado das pessoas. Aqui não tinha curupira, tinham os homens. O corpo — um charque humano — nem ao menos fedia, não dava náusea, respeito ou compaixão. Mas riso, aquela curiosidade que seca a gente, dá um embaraço... morto, morto expoliado de sua própria morte. Com o “São Pedro” no fundo, não seria ele. Alfredo, retirado d’água e ali exposto como num açougue? (JURANDIR, 1960, p. 18)

Viviane Dantas afirma que a reflexão que Alfredo faz em relação à morte está totalmente ligada a tradição do respeito e o mistério em relação à morte. O personagem se surpreende com aquele tratamento, pois para Alfredo aquele corpo se apresentava de forma grotesca, disforme, causando um choque.

A condição de Exceção e de *vida nua* demonstra-se, nesse exemplo, transcender a um despojamento que em princípio, pode-se atribuir apenas à ausência de bens materiais fundamentais. A violência despe e agride o que também constitui os bens culturais do ser humano e a configuração do grotesco, se valendo da figura do corpo abjeto, traz à superfície o ápice da *vida nua* que se escancara. (MORAES, 2017, p. 143)

Alfredo ao observar essas cenas acaba ficando muito confuso e perdido naquela Belém desconhecida e assustadora e se perde em um beco na cidade velha. “É como o rio e a doca desaparecessem, Belém se fazia mais escura apesar do sol ou por isto mesmo aquelas casardes e aqueles silêncios o deixavam de coração escuro, o andar confuso. E voltar dali, sabia?”

(JURANDIR, 1960, p. 18). Todas essas coisas deixavam o personagem aflito, pois buscava constantemente identificação com essa cidade construída por ele, mas que na primeira impressão não conseguia se encontrar.

Suas impressões não podiam ser nítidas. A cidade vagava num nevoeiro morno, com as suas fachadas fugidias, trilhos faiscando, as torres da Basílica entre as sumaumeiras, estas desfiando lenta sombra na calçada, nos telhados. Seu olhar, memória e imaginação em nada se fixavam. A cidade ondulava sempre. E ao chegar à casa dos Alcântaras, nada mais queria senão dormir. Belém era uma embriaguez. (JURANDIR, 1960, p. 22)

Ao perambular pelas ruas da cidade como *flâneur*, questionava-se ao observar a forma como os mortos eram tratados na cidade, rememorando o respeito que é dado a quem falecia em Cachoeira. Questionava-se acerca dos sobrados “de fundo escuro, meio úmidos e mofentos, com cheiros remotos de prosperidade e vinagre recente” (JURANDIR, 1960, p.17) Dessa forma, o personagem entendia que era preciso “compreender a cidade, aceita-la com vagar e cuidado, como saboreava um piquiá, daqueles piquiás descascados, cozidos pela mãe, receando sempre os espinhos” JURANDIR, 1960, p.18). Dessa maneira, a cidade de Belém era uma embriaguez que incitava Alfredo a conter ao seu instinto matuto, pois era preciso compreender e se encontrar na cidade que tanto almejava. Conforme pontua Carla Soares Pereira, em sua dissertação: *Varadouros e Silêncios: (des)caminhos da borracha em Belém do Grão Pará, de Dalcídio Jurandir, e Seringal de Miguel Ferrante*.

Na história desenvolvida em *Belém*, percebemos nítido esse caminho de reviravoltas do espaço-cidade ao espaço-memória quando, ao recolher fragmentos de seu passado, nos varadouros da memória, o menino cachoeirense revive as experiências de outrora, e é nesse ponto que acontece a desilusão, porque o perfil da Belém que se delineia no tempo presente do garoto, bem como no das pessoas que nela circulam, é marcado por uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais que fizeram daquela uma outra cidade, com formatos, ruínas e aspirações ainda da primeira. (PEREIRA, 2014, p. 83)

O Garoto ao caminhar pelas ruas de Belém pós-ciclo da borracha, observa a decadência socioeconômica e cultural, de uma cidade que havia passado por um projeto de modernização e que no momento restavam apenas as ruínas. A cidade onde a busca exacerbada de status social, dos privilégios das relações de poder era constante. Portanto, conforme relata o narrador, Alfredo, observando as hipocrisias das pessoas nesse ambiente arruinado fica frustrado e aflito por não conseguir se encontrar na cidade que tanto almejava.

Sem distrair-se, Alfredo ia ouvindo apitos, cometas, sinos, pregões, trem. Queria achar uma parecença entre as pessoas de Belém e as de Cachoeira. As fisionomias até que pareciam-se mas jeitos e conversações tão diferentes. E as casas da cidade? Janelas fechadas, persianas, os fios de luz e delas saía uma gente apressada sem nunca dar um bom dia a ninguém. Como as pessoas na

cidade se desconheciam! Abram as janelas, casas. Tão juntas, e parecem de mal, tão distantes umas das outras, se cumprimentem! (JURANDIR, 1960, p. 29)

Na medida que Alfredo percorre os espaços citadinos suas angústias, questionamentos, conflitos e reflexões sobre a cidade começam a surgir. O personagem começa a experimentar espaços diferenciados, onde culturas dispares se encontram, chocando-se diante das diferenças socioculturais.

Na maior parte da narrativa, *Belém do Grão-Pará*, Dalcídio procura mostrar o processo de transformação do menino Alfredo em relação a escola. Nesse sentido, observa-se que Alfredo transita entre o sentimento de medo, deslumbre, desejo de estudar e a repulsa diante daquilo que observa ao desembarcar na cidade e visualizar o comportamento das pessoas que o cerca. Vejamos:

Na sala, contemplando o piano, Alfredo fingia estudar. Folheava a gramática de Paulino de Brito, trazida de Cachoeira. Os verbos, não decorava. As janelas fechadas, por que? O piano pesava, os postais nas colunas desbotavam-se e por que aquela moça na fotografia antiga [53] se era agora a d. Inácia? Encaixilhados na parede os dois retratos, bonitos demais para serem o seu Virgílio e a d. Inácia. Bonitos? Não. Nem bonitos nem parecidos. Faziam de conta. E ali em cima do joelho, no livro aberto, o verbo Ter. Se lembrou do “ter” em boca de Andreza. Dizia “ter” sem o r, “tê”, dito nos lábios apenas, tão breve, muitas vezes quase num sopro. E aqui na gramática esse ter eram três letras, uma conjugação, e um pretérito e um conjuntivo... Com aquele fastio da gramática e da aritmética do Trajano, envergonhava-se e ao mesmo tempo ouvindo Andreza lhe dizer: tê, três e um é cinco, que o peixe tivesse língua? O labirinto das frações o enchia de insegurança, de súbitas covardias. Tinha de prestar exame para o terceiro ano elementar do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. (JURANDIR, 1960, p. 27)

O trecho transcrito denota a insegurança de Alfredo em relação aos conteúdos formais que precisava aprender para o terceiro ano elementar do grupo escolar Barão do Rio Branco. Nesse sentido, Alfredo vivencia o sentimento de temor e enfado entre o desejo de aprender e as dificuldades vivenciadas pelo protagonista.

Para Alfredo o estudo era então algo exclusivo do colégio, em que os verbos e os números entrassem em sua cabeça, como passarinhos na Folha Miúda, aquela árvore da beira do rio, defronte do chalé.

Saber era como viajar e ali, no 160, não havia viagem nem no Grupo montanha ou jogos em pleno jardim onde viessem dar aula os professores.

Vendo-o com a gramática fechada, pés cruzados, esquecido a olhar o piano, Emilinha advertiu:

— Meu anjo, meu anjo, você vai fazer o feio? Assim não passa no exame. Está pensando que é Cachoeira? Tem mesmo vontade de estudar? Olhe os sacrifícios que sua mãe anda fazendo. (JURANDIR, 1960, p. 28)

Além dos conflitos pessoais do protagonista, observa-se os olhares de outras pessoas sobre o processo educativo de Alfredo. Dona Emília adverte o jovem estudante sobre a

responsabilidade de Alfredo em passar e ingressar nesse colégio. Ao mesmo tempo ao perguntar Está pensando que é Cachoeira? A personagem reforça a ideia de distanciamento entre Cachoeira, seu lugar de origem e a cidade de Belém.

Portanto, diante das dificuldades enfrentadas para a realização de seu sonho, Alfredo começa afastar-se da escola e visualizar outros espaços. Como *flâneur*, observando suas gentes e vivenciando outras experiências. “Belém tomava conta dele, envolvia-o com as suas saias que eram aquelas mangueiras-mães, carregadas. O estudinho marchava, desigual, lento, entre impaciências e olhares nos ginásios que passavam pelo Grupo. Estes nem ao menos reparavam naqueles pobrezinhos do primário.” (JURANDIR, 1960, 43). As condições sociais fazem com que Alfredo perambule pela cidade como um *flâneur*, observando ruas, lugares e pessoas espalhadas nos espaços citadinos e inseridas em diversas práticas culturais. Como observamos através de uma de suas primeiras incursões pela cidade, Libânia o convida para conhecer o Bosque Rodrigues Alves. Alfredo almejava conhecer esse espaço, uma vez que já fazia parte do seu mundo imaginário. A cada experiência e decepção enfrentados pelo personagem imagina como Andreza reagia, e, com frequência relembra da irmã Mariinha que não teve a oportunidade de compartilhar dessa experiência:

Apanharam um bonde. Alfredo levava Andreza consigo, todas as meninas que nunca viram uma cidade, todas no seu bolso, na mão, agarradas ao seu pescoço, todas iam encontrar, lá no Bosque, o que mais desejavam. Ou simplesmente ver o Bosque. E achava mais cruel a morte de sua irmã, Mariinha, por não ter podido ver o que ele ia ver agora. Se o fado duma menina é morrer menina, por que não lhe dão o que tem de ver e saber no seu tempo? Mariinha precisava ver e saber tanta coisa. Tinha um olhar tão curioso. Alfredo fechou os olhos para fugir Aquele sentimento da perda de Mariinha que sempre o acompanhava. (JURANDIR, 1960, p. 66)

Através dessa visita ao bosque que Alfredo percebe a condição de Libânia, logo ele percebe a infância roubada da menina. Após ter se perdido dela no lugar, aguardava-o nervoso, preocupado. De repente, ela aparece e ele observa-a, tão “se desencantando” tal como descreve o narrador: “[127] Sentia nela algo de novo, sem entender, um segredo na fisionomia, uma tristeza de quem tivesse perdido no Bosque o que lhe restava da menina e enterrado os últimos brinquedos que nunca teve e sempre imaginou. (JURANDIR, 1960, p. 67). Portanto, o brinquedo como parte da infância das crianças, na narrativa de Dalcídio ele não aparece, como um sinal de uma lacuna infantil, retratando a vida de uma menina que sempre sofreu com a falta das necessidades básicas de todo ser humano.

Desta feita, podemos afirmar que o primeiro ano do menino na capital paraense foi marcado por um choque na vivência e no processo histórico existencial do menino ao se deparar com espaços que tanto almejava conhecer se deteriorando.

No romance *passagem dos Inocentes*, Alfredo vivenciará um novo período de experiências, pois acreditando morar no centro da cidade se frustra quando chega a capital e se depara com um espaço abandonado e uma realidade caótica. De acordo com Marcos Monteiro Almeida, “a relação entre o homem e o espaço é vital no processo de formação de seus conceitos de valor e de conteúdo moral” (ALMEIDA, 2005, p. 35). Logo percebe-se que a instabilidade dos que vivem na passagem dos inocentes, fazem com que muitas pessoas se sintam insatisfeitas em residir em um ambiente esquecido pelo poder público. Como aponta em sua análise sobre o romance:

pode-se observar o interesse do escritor em apresentar a experiência que o *locus* urbano provoca nas diversas personagens. Em sua grande maioria, são personagens advindas das localidades mais afastadas como, por exemplo, localidades marajoaras. Todos se agregam à periferia que acaba por se configurar num *gueto* que os autoprotege da condição de estrangeiros dentro do próprio estado de origem. (ALMEIDA, 2005, p. 36)

Dessa forma, é possível perceber que assim como em *Belém do Grão-Pará*, o autor enfatizará também em *Passagem dos inocentes* o elemento social e econômico. Alfredo vivenciará tudo isso na passagem dos inocentes, lugar onde residirá na cidade de Belém. A sua chegada será uma descoberta terrível, quando em um dia chuvoso se depara com esse espaço cheio de lama. Um lugar extremo e bem diferente do espaço que almejava encontrar.

Como esclarece o narrador, o jovem foi convidado a hospedar-se na casa de dona Celeste, sobrinha de seu pai. Eis a fala em que ela formula o convite: — Hein, Amélia, e o teu cavalheiro? Onde teu filho está parando agora na cidade? Qual a casa? Tu queres, eu agasalho ele lá na minha, está no teu querer, afinal é casa dum parente, tu resolves, rapariga. (JURANDIR, 1984, p. 32). Com isso, está criando o clima para a segunda estadia de Alfredo na cidade de Belém, agora na periferia da cidade.

No capítulo que tem como título “a Caminho da Mac-Donald”, Alfredo conhecerá a sua moradia com a ajuda de Leônidas, o irmão de dona Celeste, durante a trajetória até chegar a passagem dos inocentes o protagonista se despede de suas expectativas e ilusões. Se a lembrança de sua primeira chegada com sua mãe, foi de “feliz espanto”. Nesta segunda vinda ele fica curioso e triste, pois imaginava morar em um lugar no centro de Belém, uma vez que Dona Celeste afirmava em Muaná que sua casa ficava localizado em uma rua bem-conceituada que dava acesso a estrada de Nazaré. No entanto, a personagem dizia que morava na passagem

Mac-Donald por ter vergonha de dizer o seu real endereço, preferia ostentar uma riqueza que não possuía.

— Ali, no Umarizal, onde moro, moramos, eu gosto. É na Passagem Mac-Donald. Placa ainda não tem por simples esquecimento da Intendência. Eu é que acabo encomendando uma no armazém do Reduto. Foi já aprovado pelo Conselho Municipal o nome. Nome de um Inglês, morador ali perto falecido. Contam que bebia... Mas era da Port Of. era um engenheiro, sabia, Mac-Donald. Mando fazer a placa no Ferreira Gomes. (JURANDIR, 1984, p. 34)

Nesse sentido, o comportamento de Celeste se assemelha ao comportamento da família Alcântara, pois assim como Emília e Dona Inácia de *Belém do Grão-Pará*, Dona Celeste, também acredita que o local onde morava era primordial para manter um status social de família rica, importante em uma sociedade, por isso escondia que morava na passagem dos inocentes.

Ocorre que o caminho pelo qual o leva Leônidas não condiz de modo algum com essas expectativas, e Alfredo começa a desconfiar:

O chuvisco, que suspendia, voltava. A rua, sem calçamento, cavada pelas chuvas, escorregava, com uns passeios de quina roída, aqui e ali, rente das barracas; no passo do caminhante, a mangueira fazia saltar suas raízes e lá no capinzal sob um grunhir de porco e sapo, a escuridão, ali, de sentinela. (JURANDIR, 1984, p. 34)

O choque para Alfredo é inevitável, pois o lugar onde D. Cecé relatava morar de fato não existia. A passagem é o lugar aonde os sonhos se convertem em devaneios, ilusões arranhadas pela realidade tão dura e contraditória, como vemos no diálogo entre Leônidas e Alfredo:

— Mas não é a Passagem Mac-Donald, Leônidas?

— A Mac-Donald? Ah, o inglês? Celeste imagina muito, é. Queres tirar a lama do sapato? Só lá chegando, se tira. Perdi o lustro do meu neste semelhante calçamento. Ao cruzarem a entrada, a vala se escancarou, uma goela que podia levar os dois pelos porões da terra, até lá em baixo, nas casas sepultadas. Casas? Ali na boca se via um palhame grosso, arrepinado, encharcado. Da barraca do canto, a porta entreaberta, um balcão, ou que seja, e da meio escuridade sai um sujeito alto, cobrindo-se com uma capa de soldado, cambaleou, pigarreou, «lá vou pro mundo, esta lama» rosnou. Alfredo não ouviu o que o sujeito dizia mais. O encapado tomou distância, atolava-se, cambaleava, desfez-se num vão da Passagem. Leônidas acendia o seu cigarro. Caminhavam. A luz bem diminuída do poste, enterrada na lama, a ponta do pau, que nem um dente, ria. Encontraram-se numa espécie de largo, a mangueirona pesando de escuro e chuva, uma trave de futebol, e logo a Passagem se estreitou, buracos, valas, capinzal, foram na ponta dos pés cozendo-se pelas paredes das bibocas para evitar o encharcado. Leônidas segurou-lhe o braço. (JURANDIR, 1984, p. 40)

O cenário da chegada de Alfredo reforçava o seu repúdio a *Inocentes*. Um local que ficava longe do centro da cidade, desassistida pelos políticos, e também não havia sobrados e casarões. A descrição do local é chocante, a lama e as “casas sepultadas” fazem referência a

morte e a decomposição de corpos, mas nesse caso de seres vivos esquecidos pelo poder público, vivendo de qualquer jeito sem os direitos fundamentais para a sobrevivência.

Desde o primeiro contato Alfredo já compara o lugar com o inferno, pois observa que o local é sem infraestrutura, calçamento e iluminação e reflete sobre a sua condição. “Na casa da gente a gente é rei. A gente é rei. O pé pesava, o sapato uma bolsa de lama, e lama lhe escorria dentro do peito. De repente, a palavra para aquilo tudo: Covões, Covões. O juízo lhe diz: Covões. COVÕES COVÕES” (JURANDIR, 1984, p. 41). Percebe-se no personagem uma mistura de desgosto e vergonha de estar morando naquele lugar.

Alfredo ao repeti a palavra “covões”, rememora D. Inácia do romance *Belém do Grão-Pará* que ao se referir aos covões em uma conversa com sua filha diz: “Não sei se a Deus ou se ao Diabo debes agradecer, desgraçada, estar morando aqui na Gentil e não lá nos Covões dentro da bosta.” (JURANDIR, 1984, p. 41). A declaração da mulher ao se referir ao local, nos faz refletir sobre a condição dessas pessoas que moravam nesse local, como animais no meio da lama, pois sofriam diariamente pela falta de saneamento básico, tentando sobreviver em meio ao descaso do governo.

Dessa forma, ao caminhar pelas ruas de Belém seguindo dona Cecé, assume esse papel de *flâneur*, pois uma multidão de manifestantes se interpõe no caminho de Alfredo, impedindo que ele seguisse dona Celeste. A multidão rebelada protestando contra o descaso das autoridades responsabilizadas pela morte desenfreada de crianças vítimas de uma epidemia até então desconhecida pelos médicos.

Alfredo correu-que-correu para o largo da Pólvora, deslizou pela macia calçada do Rotisserie, cego para os cartazes do Olímpia, rodeia o chafariz sem água, avistou: lá se vai, lá se vai, na sina de caminhar, já noutra lado, meio desfeita na sombra bem fechada das mangueiras. [...] Em tão tamanha acumulação de pessoas que é que acontecia? Alfredo atrapalhou-se, engolido pela enchente, não sabia romper as malhas, cai num rebojo fundo, que tantas criaturas, procissão de santo não era, então que era, que era? (JURANDIR, 1984, p. 103-104)

Ao se embrenhar em meio a essa multidão de manifestantes, o protagonista observa que a população protestava contra o descaso das autoridades com os problemas da cidade. O acúmulo de lixo que traz a praga das moscas e causa a morte de muitas crianças. Nosso herói se questiona e reflete sobre o que estava acontecendo naquele lugar, e com isso começa a descrever um novo olhar sobre a cidade, ou seja, uma cidade das caldeiras, se perguntando do que se tratava aquela manifestação, até se questionando se era um círio de vingança e guerra.

Bombardear? Onde os canhões? Couraçado no porto? A Marinha com eles? Estava entre aspas o letreiro em piche. Arregalando os olhos, receando o pupunheiro (teve culpa?), que tanto acontecer de coisas, e este redemoinho,

mais que um carnaval, um círio de vingança e guerra? Descobria uma cidade, desta ainda não sabia. desta só uns cochichos, o ano passado, na casa dos primos, e ali estava ela, o peito suado, fumegante, naqueles azulões e trapos, cal e tinta, Belém das caldeiras, da graxa, do ferro da cova... As bocas acesas, os punhos queimando, a cidade empunhava aquela bandeira encarnado e branco, pavilhão de pirata? Em vez da caveira, duas mãos que se apertavam e quem a carregava tinha no peito, nos braços, um cabelume de bicho, um cabelume molhado, faiscando ao sol. (JURANDIR, 1984, p. 106)

A população reivindicava melhores condições de vida para suas famílias que estavam padecendo de doenças depois que o lixo acumulou na cidade. Acontecimentos que deixam Alfredo impressionado, pois descobria uma cidade que não conhecia. Provocando no personagem um desencantamento pela cidade que habitava seus sonhos de menino marajoara, a qual a via como um lugar para crescer e melhorar de situação econômica.

É uma manifestação que ocorre na Praça da República, onde diferentes grupos de trabalhadores, homens e mulheres com discursos autônomos, cartazes de protesto, faixas e um diálogo entre diferentes figuras anônimas do povo aglomeram-se e envolvem Alfredo, que depois de ter seguido durante muito tempo dona Cecé, num de seus misteriosos passeios de quarta-feira: Conforme observamos no discurso de uma das mulheres desinquietas abrindo a faixa:

COSTUREIRAS DA FABRICA ALIANÇA

Do rabo da enchente subiu um foguete, os bondes cessavam, e esta mulher, granduda, enrola as mangas, ajeita o cós, nuns sapatos enlameados, arrancou sobre o pedestal da estátua da República, gritou:

AS NOSSAS CRIANÇAS ESTÃO MORRENDO ONDE ESTÃO OS DOUTORES DESTA CIDADE? (JURANDIR, 1984, p. 104)

A manifestação contra o mal das moscas continua e no decorrer da narrativa observamos várias vozes de manifestante, como a mulher grávida, a voz de outra mulher, o tamanco na mão. Faixas se sucedem: Sociedade beneficente dos funileiros, federação das classes em constituição civil, união dos caldeireiros de ferro. Depois a voz do cabeludo empunhando a bandeira. Dos protestos contra o mal das moscas, tornou-se um protesto político e reivindicação social.

E as outras, onda de faixas, melhor salário, removam o lixo, salvem as crianças. Salário? Alfredo acertou o passo dos caminhantes escuros de suor e graxa, pó, carvão e barro e irrompeu a tabuleta a zarcão, fechando:

NÓS, OS COVEIROS DE SANTA ISABEL. SUSPENDEMOS O TRABALHO! QUEREMOS PAGAMENTO E CHEGA DE MORRER TANTA CRIANÇA (JURANDIR, 1984, p. 106)

Pode-se observar que os manifestantes trazem as suas denúncias em forma de grito, destacadas em letra maiúscula para enfatizar o quanto estavam revoltados com aquela situação de extremo abandono.

A VOZ DO CABELUDO, EMPUNHANDO A BANDEIRA

Decifrem a doença ou a doença devora o que geramos. Marchemos sobre o Palácio, primeiro varrer aquela conferencia, varrer a canalha!

Canalha. Alfredo, baixinho, atrapalhado, repetiu. Canalha. Onde andava a madrinha mãe para puxar o coro: Canalhas! Em plena rua, a sua palavra, madrinha mãe. E zonzou com um protesto surdo: Mas custava enterrar os inocentes? Vão apodrecer na fila. (JURANDIR, 1984, p.106)

Esse olhar de Alfredo sobre a cidade de Belém se modifica justamente quando presencia o descaso em relação à população que já não aguentando mais tanto descaso, saíram às ruas para reivindicar melhores condições de vida. Alfredo, Personagem principal, observa a situação das pessoas que moravam na área suburbana de Belém que por não pertencer às camadas socioeconômicas privilegiadas da capital paraense, sofriam com sérios problemas de saneamento básico e desigualdade social.

Podemos considerar, portanto, que a imersão na vida cidadina para quem não possui recursos é muito difícil, uma vez que essas pessoas ocupam os espaços abandonados pelo poder público, passando a viver de forma desordenada, sem condições necessárias para a sobrevivência da família, estando exposto a várias situações.

Portanto, devido as precárias condições que a população se encontravam devido o descaso dos poderes públicos, resolvem reunir-se no centro de Belém, na praça da Republica para reivindicarem uma solução para o caos que se abateu na cidade depois que a Usina da Cremação parou de funcionar. Pois com o forno parado o lixo acumulou na cidade causando uma “moléstia” nas crianças das classes populares que os médicos não sabiam diagnosticar.

— Gente, soa por aí que o forno da Cremação, adeus, se apagou, quebrou, parou de vez, reduzido a ferrugem. Não se tem mais onde incinerar o lixo e os cachorros hidrófobos. Não ouviram que principiou a dar uma moléstia nas crianças que os médicos não sabem? (JURANDIR, 1984, p. 91)

Percebe-se que essas pessoas desprovidas de qualquer direito viviam em completa miséria. Os gritos dos manifestantes denotam muito isso, o descaso do poder público deixando o lixo acumular na cidade, levando a cidade ao acúmulo de dejetos e a infestação de moscas. “Montões de lixo na cidade. Menos nas ruas dos ricos, nos tapetes, nos salões. Lá nos lindos berços não tem anjo. Tem de se varrer o lixo que por fora é limpo. A mosca que mata as nossas crianças sai deles, choca dentro deles, dos limpos por dentro podres.” (JURANDIR, 1984, p. 105). E assim, o romance de Dalcídio Jurandir dá voz aos silenciados pela história da primeira metade do século XX, a partir de seus personagens rebelados no centro da cidade reivindicando melhores condições de vida.

Observa-se que essas pessoas que reivindicavam melhores condições de vida, estavam vivendo de maneira desumana, vendo suas famílias morrerem por não possuírem um

atendimento de qualidade, esquecidos pelo poder público. Uma população que estava sobrevivendo em meio a tanto descaso, no meio da lama, do lixo e das moscas, totalmente desprovido de direitos que deveriam lhe ser assegurado pelo estado. Portanto, podemos afirmar que essas questões aparecem em seu projeto literário como violação e *vida nua*, pois é uma vida despojada de sua forma de vida, que designa uma vida desprovida de direitos.

— Sei falar não. Só sei cavar os nossos sete palmos. Mas já nos falta o folgo, vamos ficar debaixo do lixo, das moscas, nossas coveiras? Virgem de Nazaré, permita isso, não. Meu neto na Vila Teta está já de vela na mão, e o verdinho do meu compadre Gregoriano também. É o bafo neste mormaço, nestas chuvas, é o sopro do lixo amontoado, o ovo da mosca... (JURANDIR, 1984, p. 106)

As classes populares se uniram, resistindo, identificando-se foram as ruas e se solidarizaram com a miséria pela qual passavam. O menino vindo em busca do sonho de morar em Belém, perde o deslumbramento pela cidade, pois observa toda aquela situação de humilhação de uma população que não aguentava tanto sofrimento, pois tinham que morar em uma rua alagada, totalmente desprezada pelo poder público, onde padeciam de fome e de doença, sem os direitos básicos para sobreviver.

Sendo assim, esse local em ruínas, traz uma reflexão a respeito da Amazônia decadente em que as injustiças e os dramas são caracterizados através das características de cada personagem. Dessa maneira, Dalcídio ao escrever seus romances escancara toda uma sociedade decadente, desigual, um lugar onde a fome e as doenças matavam constantemente as pessoas. Assim, através do olhar de Alfredo sobre o local e as pessoas, começamos a fazer uma reflexão sobre a condição humana, a existência e o desamparo das pessoas menos favorecidas.

O autor Dalcídio Jurandir descreve em seu projeto literário um ciclo de acontecimentos que demonstram os problemas da sociedade Amazônica, fazendo-nos compreender a vivência profunda da tragédia do homem moderno envolvido entre perspectivas e decepções. Dessa maneira o autor enquanto crítico da sociedade de sua época trouxe para a literatura a decadência e o conhecimento profundo em relação ao desastre progresso da Amazônia, nos apresentando uma metáfora da barbárie e da vida expropriada, vida desprovida de direito, quando exposto a violência, ao sofrimento e o abandono.

Sendo assim, dentro desse contexto de exclusão estão as crianças agregadas que de forma desumana e altamente exploratória trabalham na casa de seus senhores em troca de alimentação e um lugar para dormir. Essas crianças com exceção de Alfredo não frequentavam a escola e eram explorados por seus senhores “em nível de tratamento animalesco”. Sobre a condição agregada em Dalcídio, iremos discutir no próximo capítulo, onde apresentaremos, o

contexto de agregação, a ideologia do favor e as consequências dessa exploração e precarização da infância. Sendo assim, as crianças seriam a plena representação dessa classe explorada, que recebe em troca dos seus serviços apenas o que é estritamente necessário para a sua sobrevivência.

4- VIDA AGREGADA EM DALCÍDIO JURANDIR.

Durante muito tempo a sociedade colonial teve sua base econômica através do trabalho de escravos, como descrito na obra, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Nesta obra o autor revela a distinção entre as duas classes sociais existentes à época: a dos senhores e a dos escravos. Entre os escravos encontravam-se as trabalhadoras domésticas que organizavam a casa, preparavam os alimentos, cuidavam dos filhos de seus senhores, dentre outras tarefas executadas por elas. Não eram assalariadas, ou seja, não recebiam absolutamente nada pelo seu trabalho e, além de tudo isso, eram vistas como pessoas inferiores, marginalizados socialmente, sem direitos. Os seus filhos desde a infância também eram exploradas em idênticas tarefas.

Sem dúvida, esse estilo, *Casa-grande & senzala*, em que a camada considerada inferior servia a classe de prestígio, incluindo jovens e adolescentes ainda não foi totalmente banido de nossa sociedade. Dessa forma, podemos observar que o trabalho infantil, como uma forma de favor, se mantém como uma herança da escravidão no Brasil.

Nos romances, *Belém do Grão-Pará e Passagem dos Inocentes* observamos a percepção do protagonista Alfredo sobre os personagens que compõem o enredo nos romances. No que se refere aos aspectos servis das obras, encontramos os agregados que são personagens marginalizados que prestam serviços aos seus senhores em troca de alimento e moradia. Segundo Gieseler de Assis, na dissertação de mestrado intitulado, *visões do agregado em Machado de Assis* (2007), analisa que:

Menos identificável que a figura do senhor e a do escravo é a do agregado. Este paira entre os dois extremos: não é escravo, mas não é plenamente livre. Sua posição na hierarquia social é bastante frágil. Este fato é agravado, pois, não sendo explícita, sua subordinação não é facilmente percebida. Entretanto, o agregado está fortemente submetido a vontade senhorial. O uso do favor e meios do senhor, muitas vezes, fazem identificá-lo mais como um aproveitador e parasita, que perceber a estrutura autoritária que rege essa existência. (ASSIS, 2007, p.13)

Diante de tal compreensão podemos observar que a condição de agregado está diretamente relacionada à ideologia do favor. Nesse sentido, compreendemos que os personagens de Dalcídio se enquadram nessa condição, por prestarem serviços a seus anfitriões em troca de moradia e de alimento para a sua sobrevivência. Conforme reitera a pesquisadora Tânia Sarmiento-Pantoja, no ensaio *Condição Agregada e vida nua em “Velas, Por Quem?”*, de Maria Lúcia Medeiros, quando afirma que:

A presença do agregado como personagem na literatura brasileira é tão ancestral quanto o caráter colonial da cultura de onde emerge. Relacionado às primeiras estruturas sociais e políticas no Brasil a figura do agregado está diretamente ligada à ideologia do favor. (SARMENTO-PANTOJA, 2016, p. 218)

Nesse sentido, observa-se, portanto, que o agregado ao viver na família como pessoa da casa acaba assumindo responsabilidades pelos serviços domésticos. Isso acontece devido a ideologia do favor, ou seja, a retribuição por parte do agregado pelo alimento e moradia. Conforme pontua Assis (2007):

[...] Embora o nome “favor” possa dar um viés de espontaneidade e de ato livre e desinteressado, a estrutura do favor nada tem de livre. O favor é antes uma obrigação que um ato espontâneo. O homem livre e pobre no contexto brasileiro da época dependia do senhor para a manutenção de sua existência. O favor concedido pelos senhores era, frequentemente, a única forma dele manter a sua existência. [...]” (ASSIS, 2007, p.13)

Nesse cenário de desigualdade social que Alfredo despia de sua matutice e passava observar a cidade dos sonhos de forma deplorável. Observará a presença marcante de situações de descaso e humilhação ao transitar por espaços demarcados pela opressão de uma sociedade opressora. Um lugar onde o “desnudamento e o despojamento do corpo social congregam um vazio jurídico que se preenche de violações constantes ao direito básico pela vida com dignidade, fraternidade, igualdade e liberdade” (MORAES, 2017, p. 10). Dessa forma, o problema da existência humana na cidade de Belém era observado por Alfredo de diversas maneiras, principalmente no que se refere aos problemas existenciais, como a miséria avassaladora retratada na narrativa *Passagem dos Inocentes*. Dessa forma, Hage (2015), ao tratar da questão do pobre na Amazônia afirma que a sensação de exclusão causa sofrimento, pois ao se perceber excluído o indivíduo procura estabelecer um caminho que se pauta na sobrevivência, pois a falta do básico, como um lugar adequado para dormir, roupas para vestir, alimentação faz com que os que têm, ou aparenta ter estimule a ditadura do favor, uma relação de troca entre os devedores e os que favorecem.

O pobre Amazônida pode ser visto, antes de tudo, como um exilado. Sua condição periférica em relação aos acontecimentos do país faz com que a sensação de exclusão se torne uma presença palpável que perturba o bem estar e a autoestima do ser humano. Ao se perceber excluído, estabelece um caminho que se pauta na própria sobrevivência, refletindo uma realidade fincada na falta do básico, mantida pela ditadura do favor: os que têm, ou aparenta ter, estimulam uma relação de troca que mantém todos enlaçados nas próprias necessidades, reféns dos próprios desejos e eternos devedores aos que favorecem, ou mesmo tempo em que se encontram também na posição de cobrar dos que favorecem. Ou seja, a realidade se baseia num círculo de favorecimento no qual todos são devedores e cobradores. (HAGE, 2015, p. 31)

Conforme salienta Hage essa relação de favor faz com que os devedores se tornem reféns dos que o favorecem. Dessa feita, Dalcídio em suas narrativas constroem personagens que são dependentes da troca de favores. No entanto, essa relação de favor condiciona em uma

relação de poder, aonde essa naturalização da violência estimulados através desse círculo de favores faz com que a dominação sobre os menos favorecidos gere um processo de dependência. Dessa forma, os romances de Dalcídio apresentam a miséria humana e a falta de perspectiva diante da constatação da violação da vida.

Viviane Dantas explica que podemos pensar a condição de agregado próxima ao conceito de vida nua, exceção e a ideia de bando pensado por Agamben. “O bando tem a ver com o abandono, com os abandonados pela lei. De acordo com o filósofo, na condição de bando, abandonados, excluídos e banidos, os homens entram em uma zona de indiferença entre o homem e o animal.” (MORAES, 2017, p. 150). Nesse sentido, a condição de agregado, despido de sua puerilidade, está presente na narrativa de Dalcídio Jurandir através das personagens infantis. Crianças que perderam o direito de ser criança, entrando muito precocemente à vida adulta. Destacam-se as personagens Libânia e Antônio de *Belém do Grão-Pará* e Arlinda de *Passagem dos Inocentes*.

Um dos maiores estudiosos do conceito de exceção, o filósofo italiano Giorgio Agamben, defende que o estado de exceção revela-se, em seu sentido formal, como um vazio legal no ordenamento jurídico sob o pretexto de necessidade de resguardar o direito e a ordem. Neste estado o soberano é quem determina as leis e cria decretos no estado a partir da exceção. Dessa forma, o que antes era uma medida restrita aos governos totalitários, fez-se um paradigma de governo das políticas ocidentais. Portanto, segundo Viviane Moraes “a Exceção se transmuta, metamorfoseia-se em outros parâmetros e situações sob a condição de *vida nua*.” (MORAES, 2012, p. 9). De tal modo que a autora nos elucida que os meios pelo qual se compreende esse pensamento é através da literatura. Sendo assim, o escritor Dalcídio Jurandir em suas narrativas sobre a cidade de Belém apresenta várias facetas que constituem um contexto de exceção. Viviane Moraes afirma que as narrativas de Dalcídio Jurandir trazem uma reflexão sobre a condição humana nas dificuldades da vida na Amazônia. Dessa forma, nesse contexto de exceção estão as crianças que de forma desumana e altamente exploratória sobrevivem em meio a solidão, a desilusão e a inquietação com o futuro.

Desta feita é possível observar que o soberano tem poder de exclusão-inclusão, pois esse soberano tem o poder de decidir sobre a instauração ou não do estado de exceção. Nas palavras de Viviane Dantas sobre o conceito de vida nua é possível compreendermos bem essa atmosfera de desvio de normas, quando conceitua que isso acontece “Porque a Exceção é uma violação do direito e a consequente suspensão deste, sendo essa medida, uma causadora da *vida nua*. O desnudamento moral e o despojamento social culminam em uma crise da existência humana” (MORAES, 2017, p. 43). Sendo assim, toda reflexão de Agamben representa a vida indigna de

ser vivida, o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante para o Estado e então pode ser eliminada. Como acentua, Rogério da Costa, no artigo, *Uma Vida (nua) é como Piscina (sem água)?* sobre a situação de vulnerabilidade das pessoas, que para a sua sobrevivência precisam manter-se acuadas diante das inúmeras formas de violência.

A *vida nua*, tal como Agamben a define, emerge como fundo de uma violência, ela é produzida ou induzida pelo poder que se exerce sobre ela, seja o poder de um soberano que pode retirar a vida, seja o poder do saber médico que coloca a vida a nu diante de si. Por isso ela é resultado de uma relação de forças, as forças que produzem uma vida na miséria, a vida de um sobrevivente, de um doente ou aquela do prisioneiro. São as forças que retiram o indivíduo de sua forma-de-vida, ao instalar um estado de exceção, que suspende seus direitos, que o coloca em vulnerabilidade. (COSTA,2011, p. 178)

Desse modo, compreendemos que as crianças que tem seus direitos violados nas narrativas se encontram numa condição vaga, destituídos de seus direitos e de sua cidadania, estando compelido a viver em “estado de exceção”. Segundo Hage, “Dalcídio Jurandir tornou uma espécie de porta-voz de uma camada social esquecida, ou melhor relegada ao esquecimento, considerada invisível pela sociedade burguesa: pobres e decaídos trafegando por uma Amazônia corroída.” (HAGE, 2015, p. 14). Portanto, pode-se observa através das crianças agregadas que vivem sob a forma de absoluta exploração, miséria, opressão e comparadas constantemente a animais. Conforme acentua o pesquisador, Jonnefer F. Barbosa, no artigo, *vida nua e formas-de-vida: Giorgio Agamben, Leitor das fontes greco-romanas, como funciona essa animalização do ser humano.*

Agamben, no nono capítulo de “*L’Aperto*”, cunha o conceito de “máquinas antropológicas”: a “máquina antropológica” dos modernos “funcionaria” a partir da “animalização do humano”, ou seja, isolando uma dimensão não- humana no ser humano, uma exclusão de um elemento interno (porém já humano), aracterizando-a como inumana: o *Homo alalus* (o *sprachloser Urmensch* de Ernst Haeckel), mas também os exemplos ontemporâneos do *néomort*, do além-comatoso, etc.; enquanto a “máquina antropológica dos antigos” atribuiria uma humanização ao animal, o homem visto como a inclusão de um fora (o animal), não apenas na imagem do *enfant sauvage*, mas também o escravo, o estrangeiro, o bárbaro, como “figuras de um animal em formas humanas.” Porém, o que se obtém em ambas as “máquinas”, como um “resíduo” não resolvido, segundo Agamben, seria apenas uma vida nua. (BARBOSA, 2013, p. 87)

Esse quadro de desumanização é presente nas narrativa de Dalcídio através dos personagens agregados que são explorados e submetidos a trabalhos excessivos sendo vítimas de maus tratos psicológicos, privadas de acesso à escola e mais grave ainda por ficarem longe do ambiente familiar.

Assim é a história de Libânia de *Belém do Grão Pará* “pés de tijolo, a saia de estopa [...]” (JURANDIR, 1960, p.4) uma serva de quinze anos de idade trazida muito menina ainda pelo pai para morar na casa dos Alcântaras. Junto a família a menina como agregada da casa trabalhará como doméstica numa condição servil, análoga à escravidão. Antônio, o menino que se diz de si mesmo “não tenho um cuí de família. Meu sangue é só eu.” (JURANDIR, 1960, p. 150). O menino que foi roubado por dona Inácia e Emília da casa de dona Etelvina. Como observamos através do diálogo entre Libânia e Alfredo: “— Tu sabes, aquele Antônio do vizinho? Aquele amarelinho que até penso que come terra? Pois madrinha Emília quer roubar ele, me se diz muito maltratado.” (JURANDIR, 1960, p. 64).

Dessa forma, Alfredo, desde a sua chegada a Belém, tenta se adequar aos padrões de um ambiente citadino decadente de um projeto falido depois da comercialização da borracha na Amazônia. Todavia, apesar de sua mãe contribuir com uma ínfima mesada mensal a família Alcântara. Alfredo também endossava o grupo dos agregado, o que o diferenciava era apenas o fato de ele ter acesso a escola. Como relatado pelo narrador: “Afinal estavam os três naquela alcova como num orfanato, como três irmãos, três pecadores três passarinhos que se agasalham nas próprias penas. (JURANDIR, 1960, p. 150).

Já no romance *Passagem dos Inocentes* Arlinda, adolescente de treze anos, fora trazida para a casa de D. Celeste, para “ajudar no serviço, veio do sítio. Eu estava na falta duma.” (JURANDIR, 1984, p. 63). Neste fragmento pode-se observar que o trabalho excessivo e a discriminação fazia parte o cotidiano de Arlinda. Logo pode-se observar que essa mão-de-obra de crianças e adolescentes é uma exploração cruel que Alfredo como um *flâneur* em vários momentos das narrativas observará e questionará a própria condição.

Ivone dos Santos Veloso (2014), o desnudamento da infância, revela um rebaixamento de um ser humano em mera mercadoria, encomenda. No romance, *Belém do Grão-Pará*, Alfredo fica chocado ao observar a denúncia de uma prática considerada vergonhosa. O relato de uma entrega informal de uma criança que vinha do interior para ser entregue a uma rica senhora para trabalhar nos serviços pesados de sua casa. Essa cena foi impactante para Alfredo que recém-chegado, à cidade de Belém presencia toda a negociação do canoeiro com a rica senhora. A menina de nove anos de idade, vindo na canoa, “Deus te guarde”, da cidade de Moju, estava sendo tratada como uma mercadoria por uma senhora ricamente vestida que aguardava a menina para trabalhar nos serviços pesados de sua casa.

O tripulante voltou à “Deus te guarde”, num átimo trouxe a encomenda da senhora: uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca. metida num camisão de alfacinha. A senhora recuou um pouco. o leque aos lábios, examinando-a:

— Mas isto?

E olhava para a menina e para o canoeiro, o leque impaciente: — Mas eu lhe disse que arranjasse uma maiorzinha pra serviços pesados. Isto aí...

O canoeiro respondia baixo, se enchendo de respeitosas explicações, fazendo valer a mercadoria. A menina, de vez em vez, fitava a senhora com estupor e abandono. E deu com Alfredo que o contemplava, Olhou para ele com o mesmo estupor mas tão demoradamente, como uma cega, que o menino virou o rosto. Andreza teria igual sorte? Para Andreza, a cidade seria isso também? (JURANDIR, 1960, p. 17)

Neste fragmento, é perceptível o choque de Alfredo ao observar a menina amarela, descalça, cabeça rapada, sendo negociada como uma mercadoria para uma senhora. Uma criança que apesar de valorizada pelo canoeiro, foi rejeitada pela senhora que ao olhar a “mercadoria” não se sentiu atraída pelo produto, pois a imagem da menina quando exposta não foi nada sedutora. A senhora precisava de uma menina maior, pois o seu interesse não era educar e cuidar da menina pobre e maltratada, mas sim o seu intuito era conseguir uma maior que fosse capaz de dar conta dos serviços pesados de sua casa. “Sob essa ótica, notamos que a infância desnuda que vemos no romance não é mais senão a exceção que virou regra, uma infância despida da sua humanidade, e que se desdobra em outras imagens que se repetem e se multiplicam no interior da narrativa.” (VELOSO, 2014, p. 6).

Conforme pontua, Marli Tereza Furtado, (2002 p. 128): “Esse quadro de denúncia social dalcídiano será completado nesta obra pelo retrato de Libânia e de Antônio”. Duas figuras extremamente importantes e que representam muito bem a figura dessa criança maltratada, que servem apenas para servir os patrões em troca de um lugar para dormir e um prato de comida, uma prática comum que é levar crianças, especialmente às de pequenas cidades para as cidades maiores a fim de que sirvam a casa alheia com trabalhos domésticos.

Dalcídio nos oferece nessa cena um panorama de como as classes sociais mais altas, na figura de uma força soberana, usam uma prática muito comum e naturalizada na sociedade urbana amazônica, a de abrigar crianças, normalmente meninas, na cidade, com a desculpa de tirá-las do isolacionismo e da vulnerabilidade à miséria. O autor denuncia, nesse episódio, a reificação do ser humano, reduzido à força de trabalho, a um produto. Na verdade, tal costume impafioso da gente da classe alta era uma forma velada de escravidão. Uma forma de como o poder oprime e viola criando uma zona de indiferença, uma condição de Exceção, ou seja, a violação de um direito, pois, de alguma forma, podemos observar nesta situação um cerceamento da liberdade. (MORAES, 2017, p. 141)

Nos romances *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* de Dalcídio Jurandir as crianças, Libânia, Antônio e Alfredo da casa dos Alcântaras e Arlinda de Dona Cecé, aparecem como agregados condenados a se conformar com tão pouco. Personagens que sofrem com as

injustiças sociais tornando-se vítimas das maldades cometidas pelos senhores, conforme nos elucida Hage:

Os caboclos na obra são a base na qual é estampado o quadro social proposto por Dalcídio Jurandir, expostos como miseráveis, transitam na narrativa pontuados por privações, caídos num abismo de necessidades, servindo de referência e negação aos personagens de outras classes, mas sempre atuando de forma mais secundária. (HAGE, 2015, p. 39)

Percebe-se na análise do pesquisador que os caboclos dos romances do Ciclo do Extremo Norte transitam nas narrativas pontuados por privações, mostrando uma realidade caótica. Personagens que por fazerem parte de uma classe desprestigiada são carentes de bens e de recursos econômicos, estando sujeitos a trabalhar em troca de casa e comida. Ou seja, “a obra dalcidiana possibilita o desmascaramento de uma realidade social que tem como alicerce uma base construída sobre a exclusão dos menos favorecidos.” (HAGE, 2015, p. 49). Personagens que se encontram nessa condição de excluídos da sociedade, submissos a seus opressores, mas que por se encontrarem impossibilitado de agir, ficam encurralados numa condição de exceção.

4.1. A Infância roubada: os expropriados em Dalcídio

Em *Belém do Grão-Pará*, Alfredo, vindo de Cachoeira do Arari, se hospedará na casa da família Alcântara e será agregado da família. Ao chegar à cidade de Belém o personagem já percebe a forma como é acolhido: “A família Alcântara não acolhia um menino especial e sim este caboclinho que sou euzinho, cabeça rapada, sobrinho de Isaura a costureira e esta, filha da tacacazeira do canto na Quintino.” (JURANDIR, 1960, p.28). Através de tal afirmativa o personagem já nos elucida sobre a diferença de classes, mas propriamente sobre a sua condição mestiça, agregado, caboclinho e sobrinho de Isaura, uma costureira que era filha de uma pessoa que vendia tacacá para sobreviver.

O personagem reconhecia a sua condição em relação à família Alcântara, e sabe que só é bem tratado porque sua mãe contribui com uma íntima mesada a seus hospedeiros, por isso é o único dos agregados que o narrador afirma possuir uma rede para dormir e participar de algumas festas com a família. No entanto, a partir do momento que sua mãe atrasa para repassar a mesada, Dona Emília começa a lhe proferir palavras como “você não é da família”, mostrando o seu poder sobre Alfredo.

pouco, exibindo, de certo modo, essa amizade nos Alcântaras. Falava do amigo, o palacete, São Jerônimo... Foi quando Emília, passando a língua nos dentes, soltou:

— Tudo muito bem, meu ilustre. Mas sua mãe se atrasou na mesadinha. Voltando do quintal, d. Inácia chegou a ouvir. — Que é que tem o moço com mesadas? Não achas, Emília, que isso é uma baixeza de tua parte?
 — Baixela, mãe? E falando assim em público? Alfredo retirou-se para a sala, o rosto quente ao pé do piano. Ficou alisando aquela mudez de madeira, ouvindo a discussão na sala de jantar. A mesada. O público! Tinha entrado naquela casa para fazer desavença? A língua de Emília nos dentes. A mãe não mandava a mesada, mas por que, por que? Certamente, por isso, teria brigado no chalé, o pai sem tirar um vale... E Alfredo viu o Lamarão no palacete e aquele frango de calça curta no sobrado de azulejos, lendo revistas novas. O público. A mesada. Sentiu a mão na cabeça, o cheiro de d. Emília: — Alfredo, aquilo foi sem querer. Tua mãe não faltará. E lá de dentro este meio grito: Tu não és da família, pica-pau? Alfredo calado, remoía: “Vou vender jornal, entregar compra... Ficar aqui de graça, não.” Ao vê-lo de cara enfezada, d. Inácia bateu o pé, levantou a sobrancelha, fingindo-se zangada. (JURANDIR, 1960, p. 44)

Dessa maneira, é possível observamos as frustrações de Alfredo em relação a cidade e as pessoas. Como um *flâneur* é notável as suas percepções críticas sobre a estrutura social da sociedade citadina. As injustiças cometidas contra os agregados foram fundamentais para que Alfredo viesse se desencantar pela cidade, que tanto desejou morar. Nesse sentido, aos poucos Alfredo vai se naturalizando com a rotina dos trabalhos e se tornando uma criança sem direito à educação e vida digna, passando a viver como um agregado na casa dos Alcântaras. E isso faz com que Alfredo questione o papel que estava assumindo, uma vez que almejava uma vida intelectual e o que lhe ofereciam era trabalho braçal, tais como:

Carregar o saco de açai, levar as pules no bicho, apanhar as achas de lenha, ajudar Libânia trazer o saco de farinha, as rapaduras lançadas pelo maquinista na passagem do trem, raptar um menino? Era a obrigação de servir a casa alheia por não ter senão trinta mil réis de mesada? Ia aos poucos compreendendo, mais exatamente, o que é isso de ‘faltar dinheiro. (JURANDIR, 1960, p. 66)

Dalcídio Jurandir é escritor capaz de repensar a Amazônia por meio da reconstrução de nosso olhar, pois as imagens decadentes da Amazônia delatam inúmeros problemas, entre eles, a pobreza e o preconceito. Fica evidente a diversidade de temas sociais que permeia a obra do autor, desde *Chove nos campos de cachoeira*, primeiro romance escrito e publicado, até *Ribanceira*, o último da série de temática Amazônica. Dessa maneira, nos romances de Dalcídio os espaços da cidade são hierarquizados, o acesso ocorre de acordo com a profissão, a cor da pele e a posição social que cada personagem ocupa.

Dessa maneira, a vida expropriada acontece à medida que o direito das pessoas é tirado dando lugar à barbárie como forma de inclusão pela exclusão. Por isso levando em consideração que onde há vida nua, há também exceção, observamos nas narrativas do escritor que o medo, angústia e desamparo, são constantes na vida dos personagens que sem perspectiva de vida

aceitam a condição imposta pela sociedade para que possam sobreviver em um lugar demarcado pela opressão de quem ocupa uma posição importante na sociedade. Temos, portanto, um autor que descreve através de seus romances a indignação frente às injustiças, questionando sempre a importância da vida oprimida pelo poder soberano.

Dessa forma, a vida expropriada pode ser percebida através da exclusão de uma parte da sociedade que sucumbem ou lutam pela sobrevivência. Logo a exclusão dos direitos dessas crianças estabelece uma relação de servidão e não uma relação de cidadania. Portanto, o soberano pode estabelecer a exceção afastando as normas, o direito à vida, fazendo com que as pessoas estejam cada vez mais contaminadas por essa exceção que vira regra.

Não é a exceção que se subtrai a regra, mas a regra que, suspendendo-se, dá lugar a exceção e somente deste modo se constitui como regra, mantendo-se em relação com aquela. O particular "vigor" da lei consiste nessa capacidade de manter-se em relação com uma exterioridade. Chamemos de *relação de exceção* a esta forma extrema da relação que inclui alguma coisa unicamente através de sua exclusão. (AGAMBEN, 2012, p. 26)

Libânia outra personagem do romance, *Belém do Grão-Pará*, é uma cabocla trazida do interior ainda pequena para servir a família Alcântara. Ela é demarcada pelo signo da exploração, exposta a trabalhos pesados e tratada inúmeras vezes de forma desumana por dona Inácia que lhe proferia palavras desagradáveis.

Em quase todas as cenas habituais daquela casa. Libânia estava. No domingo, Libânia espantava os passarinhos que vinham espia-la no beiral, caídos em perdição. Atizava o fogo, partia a lenha, maraximbé vermelha como o rosto da cabocla.

D. Inácia, na porta da cozinha observava-a:

— Estás pegando fogo de vermelha...foi mulher que te pariu, rapariga? Tu foi feita numa olaria. (JURANDIR, 1960, p. 48)

Conforme o romance relata a personagem vivia na casa dos Alcântara apenas para servir as senhoras que lhe proferiam palavras de humilhação tratando-a como “bicho do mato”, ou que fora gerada em uma olaria. Nesse aspecto percebe-se um quadro de desumanização da menina, ao perder seu status de ser humano, sendo reduzida apenas a uma vida biológica, um animal. Pode-se observar que Libânia não era maltratada apenas com palavras, mas também é apresentada como uma criança sem absolutamente nada, sem sandália para calçar, sem roupas adequadas para vestir e sem sequer uma rede para dormir. Uma menina que fazia os serviços pesados da casa e ainda saía pelas ruas de Belém para atender os caprichos da família, independente se fazia sol ou chuva. Vejamos a descrição feita da personagem.

Libânia. Mesmo, esta, rueira, encorpando a olhos vistos, já se enchendo, como toda mulher, de suas nove horas, acabaria sumindo. Era só ver os modos dela, quando voltava da rua, quente do sol, suando nas maçãs do rosto de índia, vermelha como se estivesse saindo de uma olaria, e o cheiro... A esta

observação tão súbita, seu Virgílio corou, como se alguém tivesse escutado. Libânia, pés de tijolo, a saia de estopa. Apressada e ofegante, era uma serva de quinze anos, trazida, muita menina ainda, do sítio pelo pai para a mão das Alcântaras. Entrava da rua, com os braços cruzados, carregando acha de lenha e os embrulhos, sobre os rasgões da blusa velha. (JURANDIR, 1960, p. 4)

A descrição detalhada de Libânia, feita pelo narrador, se mostra rica em pormenores que evidenciam a pobreza de sua condição. As vestimentas à idade e a história da personagem reitera a sua condição subumano. Libânia trazida muito cedo pelo seu pai para a família Alcântara é uma cabocla regada a muito trabalho e pouca roupa para vestir. Conforme relata o narrador através deste fragmento em que descalça a menina trazia de madrugada nas costas o saco de açaí, enquanto que seu Virgílio vinha de bonde com os embrulhos menores.

Também aos domingos ia ao Ver-o-Peso, ainda madrugada, para trazer às costas o saco de açaí comprado pelo seu Alcântara na beira da praia junto ao Mercado de Ferro.

O gordo vinha a bonde pela Conselheiro, com os embrulhos menores. Ela seguia o mesmo itinerário a pé, descalça, açaí às costas marcadas, doidas de caroço de açaí. (JURANDIR, 1960, p. 38)

Essa condição de Libânia faz com que em certo momento do romance Alfredo chegue a ponderar superior a menina ao afirmar: “Tinha de estar, como estudante, um degrau acima da cabocla. Ela, de pé no chão, era da serventia dos Alcântaras” (JURANDIR, 1960, p. 63)

Certa noite, durante o aniversário de Isaura, Alfredo observa cuidadosamente a condição de Libânia e nota que ela está sem sapato durante a festa. Isso o deixou muito incomodado, pois como podia até em um aniversário está descalça:

Nesse passo, chegava a Libânia, sustentando na palma da mão um bolo inglês ainda na forma, trazido do forno da padaria. Alfredo viu-lhe a fitinha no cabelo, os pés... E foi um espanto, como se nunca tivesse reparado: Mas, e o sapato? Libânia não tinha nem um sapato? Isso para Alfredo toldou um pouco o aniversário. E o mais triste era que Libânia fingia não se dar conta, fingia resignar-se a andar descalça num degrau mais baixo ainda que aquele em que se bebia, cantava e dançava no 72 ao som do violão e cavaquinho. (JURANDIR, 1960, p. 72)

Alfredo ao presenciar aquela cena ficou chocado, pois a falta de sapato nos pés de Libânia a colocava numa condição de inferioridade em relação aquele ambiente. E o que mais indignava Alfredo era a naturalidade que ela encarava toda aquela realidade, como algo normal, sem se preocupar se estava sofrendo alguma violação. Aquilo incomodou tanto Alfredo que ele não pode se conter e assim que voltou do cinema Olímpia, um espaço frequentado pela elite, resquícios ainda da *belle époque*. Lugar que os Alcântaras só tinham acesso porque a amiga de Emilinha, a costureira Isaura, era ornamentadora de um deles e ganhava entradas todas as

semanas, Alfredo visita o quarto de Libânia para perguntar porque a sua condição era tão sub-humana.

Vendo que Libânia estava ainda acordada, Alfredo foi até o quartinho dela. Acolheu-o um olhar luzindo no escuro e um “gostou do Olímpia?” que era uma carinhosa indagação. Queria Libânia saber se tudo correu bem porque tudo que houvesse de bom para ele o seria também para ela ali nas sarrapilheiras que forravam o chão, a dura tábua. Assim dizia o olhar e a mão que o convidava a aproximar-se da enxerga onde, deitada, a jovem trescalava dos cheiros da Mãe Ciana.

— Libânia... murmurou ele. Estava de pé. olhando-a. Ela, de peito para cima deixava ver apenas as faces, acesas na escuridão. Alfredo soltou como um desabafo:

— Mas, Libânia, por que tu não tens sapato? Por que tu não podes ir ao Olímpia? Por que não dormes na rede? [...]

Ela sentou-se, de perna traçada, coçando, de leve o ombro nu e num espanto: como aquele-menino... mas que perguntador, que sabedor de coisas... hum! estava por ver. E num gesto e voz de confiança:

— Vai, vai fechar esses olhinhos que amanhã a gente se fala. (JURANDIR, 1960, p. 79)

As repostas para aquelas perguntas se resumiam no fato de Libânia ser uma criada que se encontrava numa condição inferior, sem direito algum, vivendo numa condição de serva sem direito a exigir um sapato e uma rede para dormir, como explica as autoras Amanda Maia Furtado e Maria da Luz Lima Sales, no artigo *Libânia: pés no chão em Belém do Grão-Pará*,

A vida de Libânia. Marginalizada não somente na sociedade externa à casa da Gentil, mas, principalmente, dentro desse “lar”. Sem direito ao que calçar, pois os sapatos eram símbolos de outra classe da qual a cabocla não fazia parte, uma vez que tinha os pés descalços, por isso seguia dizendo disfarçadamente a Alfredo que os sapatos a incomodavam. (FURTADO & SALES, 2018, p. 72)

Tal como, afirma as autoras, pode-se observar que Libânia vivendo numa condição servil pertencia a classe explorada que recebia apenas o necessário para a sua sobrevivência. Logo, a alimentação e a moradia embora precária, eram mais importante do que qualquer outro bem que pudesse adquirir, pois a menina reconhecia a sua posição social naquela casa e talvez por isso se conformasse tão facilmente com aquela condição análoga à escravidão.

Através das entrelinhas do romance percebemos que não temos um estado de exceção, mas temos uma família autoritária que decide sobre a vida da personagem que por ser agregada precisa prestar serviços para os anfitriões em troca de moradia, embora precária e quase desumana. Torna-se revoltante a forma com que vive na casa das pessoas que o acolhe. Exposta a precariedade e comparada constantemente a animais pela madrinha mãe, era como Libânia se referia a dona Inácia como sinal de respeito, que a humilha dizendo: “Essa Libânia é um puro bicho. Eu devo te sustentar a folha, desgraçada. Tu nasceste nos matos d’água. Teu pai é um

peixe boi.” (JURANDIR, 1960, p. 137). Dona Inácia em suas palavras faz referência ao lugar de origem de Libânia, tratando-o de maneira inferior. Viviane Moraes se utiliza dos estudos de Giorgio Agamben para explicar essa situação de abandono e humilhação descrita no romance, quando afirma: “Agamben chama a atenção que a relação de abandono é típica dos espaços onde ainda vivemos, portanto, não é restrita a uma situação extrema de guerra. Onde há abandono, há violação, Exceção e *vida nua*.” (MORAES, p. 137). Diante de tal afirmação é possível refletir sobre a situação de abandono, quando em nosso próprio cotidiano, sem está ligado a nenhuma situação extrema de guerra. Pode-se deparar com uma situação de abandono e ser tratado como normal, como observamos na narrativa, quando a personagem não tem sequer um sapato para calçar e a uma rede para dormir.

Quando veio a hora da distribuição dos quartos, coube o terceiro à Libânia, como esperava. Logo ocupou-o. Nem cal haviam passado nas paredes. Era só o soalho e telhinha de vidro lá no alto. E ali embolados, os panos da “cama”. Tinha um quarto, mas um bauzinho que fosse para a roupa tinha? Roupa? Agora, no quarto, é que imaginava: como nada possuía! Receeu o soalho bichado, que cupinzal não era ali debaixo? Passeou no quarto como uma dona, [202] estirou os braços na parede que esfarelava. Olhou as escápulas de rede bem gastas, quantos “esses” não ralaram aquele ferro agora tão fino. Ah, atravessaria o quarto, de meio a meio, com uma boa rede. Estava de costas muito maltratadas de chão; também de Deus era filha, tinha nascido de uma mãe, tinha ossos que doíam. Ah, ter, ter uma rede, e era o bastante. (JURANDIR, 1960, p. 187)

A ambientação do espaço que Libânia ocupa em uma das casas dos Alcântaras reforçam a vida desqualificada que a menina estava sujeita, pois de acordo com Hage, “A pobreza por si só também é um processo de degradação, pois na ausência do mínimo necessário para viver o ser humano aproxima-se do fim.” (HAGE, 2015, p. 42). Nesse sentido, a situação degradante é exposta por meio de uma sucessão de imagens que denotam um processo de corrosão. Um lugar sem pintura, sem móveis, apenas com um embolado de panos para a menina dormir. A condição subumana em que a personagem vive denuncia um estado de desumanização. E isso é perceptível quando a própria personagem relata que estava com as costas muito maltratadas pelo chão e que no momento o que queria era apenas uma rede.

Analisando as características da personagem o pesquisador Paulo Maués Corrêa no livro intitulado *Um olhar sobre Belém do Grão Pará, compara Libânia com outra personagem, nomeada como “pequena”, do conto Velas. Por quem?, de Maria Lúcia Medeiros*. Quando afirma que a menina da canoa “Deus te guarde” já comentada anteriormente representa o passado de Libânia, ou seja, a forma como a menina chegou na casa da família Alcântara, e que

a personagem de Medeiros pode representar o futuro da personagem, servindo em senhores da casa.

Se a menina do romance pode ser lida como uma projeção do passado de Libânia, na personagem Medeiros pode-se vislumbrar uma projeção do futuro da personagem dalcidiana: passar de geração a geração servindo às senhoras brancas e aos senhores (servindo em todos os sentidos) (CORRÊA, 2008, p. 40)

Assim quando fala sobre o futuro da personagem o autor deixa claro através das entrelinhas que assim como em Medeiros, a cria da casa, Libânia, no caso também desperta no “doutor”, seu Virgílio, os desejos mais secretos.

Na confusa percepção de seu futuro, seu Virgílio olhava Libânia como a ave que poderia agasalhá-lo nas suas asas, para a maior raiva das senhoras. Vingarse do sexo feminino. Via a Libânia no quarto, no banheiro, com aqueles dezesseis anos ou quinze, com um tudo de bananeira nova ou semelhante a leitoa criada em casa para a véspera do Círio. (JURANDIR, 1960, p. 146)

O trecho supracitado, traduz esse desejo de Virgílio pela serva Libânia. No fragmento fica evidente o desejo sexual do senhor para com sua serva, ao observar no quarto, no banheiro e principalmente ao comparar a personagem com uma “leitoa.” Segundo Paulo Corrêa (2008, p.42), esse termo pode possibilitar duas interpretações. A primeira presume os termos “morte” e, subjacente, o “comer,” que como se verá a seguir um substituto para a satisfação sexual impossibilitada.

E como a mulher insistisse, levantou-se da mesa, foi onde deu com a Libânia precisamente no instante que suspendia o saiote grosso para catar uma formiga no alto da coxa. Recuou como se estivesse acossado. Voltou para devorar a rapadura e pelar a mudança. (JURANDIR, 1960, p. 97)

Percebe-se que Libânia constitui uma vida indigna de ser vivida, o limiar além do qual a vida deixa de ser politicamente relevante para o estado e então pode ser eliminada. Dessa forma, a condição da personagem é de total desamparo, acuada numa condição vaga, destituído de seus direitos e de sua cidadania.

De tanto ser humilhada pela D. Inácia que a chamava de “cabocla enjambrada, braba de pele de couro”, onde já se viu maior peste, ou dizia ainda “Tu és feita de tijolo, pau e couro de paca”. (JURANDIR, 1960, p.136). A própria Libânia se coloca como alguém sem valor quando em uma das conversas com Alfredo afirma: — Não sou uma senhorita, aquele-menino. Sou menos que bicho de estimação. (JURANDIR, 1960, p. 139). Nesse caso, a percepção da personagem é tão chocante, pois esta não se vê apenas como um animal, mas abaixo disso, a exploração era tanta que a personagem se via subumana e sub-animalizada.

— Eras da Senhorita. Eu não sou uma senhorita. Sou uma pé rapada da madrinha mãe...

— Estás alteando a voz... Mais baixo...

— Parto lenha, levo e trago. Sou lá uma senhorita. Tu mesmo sabes. Tu, tu mesmo tens desprezo de mim quando estás com tuas colegas, no aniversário, quando me vês na rua. Para não falar, também indicando para onde dormia Antônio no receio que este acordasse. Alfredo fazia com o dedo que não, agora arrependido de ter pensado aquelas coisas contra Libânia, espantado com ela, com as suas lástimas.

— Não sou uma senhorita, aquele-menino. Sou menos que bicho de estimação. (JURANDIR, 1960, p. 138-139)

Assim como Libânia, Antônio também era outro agregado da família, um menino amarelo que fora enganado por Amélia e Emília quando convencido a fugir da casa onde morava. Um menino que já levava uma vida sofrida, mas achando que viveria de forma digna exercendo os seus direitos na casa dos Alcântaras, aceita ser raptado por Amélia e Emília. No entanto, ao chegar à casa da família Alcântara percebe que sua vida se tornará da mesma forma, sendo maltratado, vivendo como bicho. E isso é perceptível através de um diálogo entre seu Virgílio e Antônio, no qual durante essa conversa, o personagem relata a sua condição e se coloca numa posição de resistente, afirmando que se soubesse não teria deixado ninguém o raptar.

Mas ele foi tomar conhecimento do Antônio, aquele ser calado e inerte trazido para ali à sua revelia, sem que ninguém lhe tivesse dito o mínimo.

— Então te roubaram, não? E elas me enganaram. Por que se se eu tal soubesse, não consentiria.

— Não sou porco pra ser roubado...

Antônio apertou os lábios e os olhos, sério. Parecia disposto a soltar mil malcriações mas veio d. Inácia que o mandou deitar-se, a Usina já tinha apitado. Onde? Lá na alcova como noutra noite, ao lado da rede de Alfredo, no chão? (JURANDIR, 1960, p. 110)

Percebe-se através do diálogo entre os personagens Antônio e Virgílio a situação precária que os agregados estavam sujeitos. As respostas de Antônio denotam uma condição inferiorizada quando compara a sua condição a de um animal, sem valor, exposto as vontades de dona Inácia. Um agregado apresentado como um amarelo muito magro, o que nos leva a compreender que essa descrição é justamente por causa da forma desumana em que vive, sem o básico necessário para uma vida digna, tais como alimentação adequada e um lugar confortável para descansar depois de um dia trabalhoso.

E ao rever Antônio, encolhidinho no chão, a um canto da varanda, cutucando o pé, ralhou: — Levante e vai dormir, rapaz. Já pra rede.

— Rede?

E cortava as costas de seu Alcântara, com um risinho, com a pergunta repetida:

— Rede?

Seu Alcântara deitou-se, como se alguém o tivesse esfolado, com o coração batendo brusco e feio como um ferro numa cova. (JURANDIR, 1960, p. 110)

Nesse relato percebemos que assim como Libânia, Antônio também não possuía uma rede para dormir. Dormia em um canto da varanda bem encolhido para se abrigar do frio. Nesse diálogo fica claro que seu Virgílio não interferia nas decisões da esposa que decidia as condições que seus agregados deveriam viver. Dessa forma, é possível afirmar que D. Inácia representa uma figuração de um poder soberano, por decidir sobre a vida nua e apresentar um modo de pensar e de proceder que se afasta do comum e usual em uma sociedade.

Antônio para disfarçar sua situação humilhante se refugiava no encantamento contando histórias de visagens, bichos, trazendo um pouco do folclore da região. Todavia, apesar da condição de agregado de Libânia e Alfredo, mas ambos dele se apiedam, haja vista que sua aparente fragilidade e pouca idade, foi de suma importância para desmascarar a brutalidade de sua condição social. As Alcântaras raptaram o menino da casa de dona Ludovina, mas não lhe proporcionaram uma vida digna, ao contrário era normal ter um “escravinho” dentro de casa, principalmente os de baixa renda, pois compreendiam que desde que não o maltratassem (o que significava principalmente "batessem") estariam fazendo muito por ele. Observa-se, no entanto, para as condições do menino:

Libânia esperou que Antônio adormecesse. Quando ferrou no sono, vendo que sossegava aquele corpo tão magoado lá nas ilhas, Guamá, esses mundões, Libânia foi atrás dum tijolo, um pedaço de madeira, um monte de jornais... E achou no quintal uma pedra que forrou bem, abatumou com papel para travesseiro do amarelinho.

— Mas a cabeça do penitente na pedra dói.

— Dói não, aquele zinho. Quanta vez já não botei a minha em cima assim. Acomodou a cabeça do feiticeiro. Viu-lhe o rosto sujo. Reinou de passar-lhe um pano molhado, asseá-lo. Teve um receio. Olhou para os pés, as pernas, chegando de fazer estremecer, aquela perna tão fininha! Um sacaí tão impossível de sustentar mesmo que fossezinho um instante em pé aquele corpo, ah, minha Nossa Senhora de Nazaré! Como não devia sofrer uma mãe lá no céu ao saber que um filho dela andava assim neste mundo com essas pernas, esse travesseiro, a tristeza essa e uma tão triste cantiga. (JURANDIR, 1960, p. 151)

Em contraponto a artificialidade das pessoas, forma-se uma cumplicidade entre os agregados, Libânia, Alfredo e Antônio que durante as noites contava histórias de bichos, de visagens e princesas, amenizando o sofrimento dos três.

Diante de todas essas atrocidades cometidas contra os agregados da família Alcântara pode-se pensar segundo o autor, Paulo Jorge de Souza Ferreira, em sua dissertação de mestrado intitulado *De Cachoeira a Belém: A Inflexão das ilusões de Alfredo*, quando comenta de maneira brilhante toda essa forma de tratamento recebido pelos agregados da família.

Esses meninos e meninas são submetidos a extenuante trabalho, melhor: São inescrupulosamente explorados, sem receberem qualquer tipo de

compensação. E revoltante a miséria em que vivem na casa das pessoas que os acolhem. Usam e abusam deles, são considerados menos do que gente. Aliás, pelo tratamento recebido nem chegam a ser consideradas pessoas. (FERREIRA, 2008, p. 64)

Da mesma forma, no romance *Passagem dos Inocentes*, a personagem Arlinda também será uma agregada que assim como Libânia foi trazida muito pequena para trabalhar nos afazeres da casa de Dona Celeste. A menina com treze anos de idade é recebida pela anfitriã da casa com inúmeras considerações preconceituosas, sempre colocando a personagem numa condição inferior, humilhando-a com perguntas que denotavam implicância e discriminação.

Tão anêmica que está, tu algum dia tomaste ao menos um calomelano? Comes terra? Tens vício? Não te acanha, me diz, não esconde, que eu te desvio. E esses panos brancos, quanta titinga, marca de ferida no braço, aqui no pescoço, na perna não tem conta. Precisa é tirar isso do corpo, isso é roupa de gente? Vou cortar teu vestido dum meu velho, agora qual, não sei ainda. Piolho, tens? Não? Me deixa ver tua cabeça, parecendo que não, é um recender de pura terra, a água do teu igarapé é bem-bem tipitinga, não, mea filha? Olha o sujo na cabeça, tem terra que dá pra grelar semente. (JURANDIR, 1984, p. 64)

Logo na chegada de Arlinda algumas condições lhe foram apresentadas para que pudessem morar naquela casa, entre eles estão os serviços domésticos, as correções e as regras que a menina tinha que seguir. Todavia, além disso, dona Celeste exigia paciência e decência, nos fazendo refletir sobre as condições que os agregados se sujeitam para conseguir um lugar para dormir e alimentação para sobreviver.

Foi então que chegou a Arlinda.

— Aqui esta mea afilhada, Alfredo, vem ajudar no serviço, veio do sítio. Eu estava na falta duma. Arlinda, agora, ouve qual tua obrigação. Treze, tua idade, é? Teu tio me falou. E olha, aqui na cidade, todo juízo é pouco. Aqui o que sobra é perdição. Cabeça na janela, nariz na porta, meu regulamento diz não. Engraçamento com gente de calça na rua nem por sombra que eu, aí, eu castigo. Sim, é da mea obrigação te corrigir, estás no meu governo, aceitei a carga. (JURANDIR, 1984, p. 63)

Dona Cecé não possuía bens materiais que caracterizasse uma autentica madrinha burguesa, mas só pelo fato de proporcionar moradia, supõe que estava dando oportunidade para que a menina pudesse viver e até arrumar um marido que a cuidasse. Como afirma:

— ... tu não vieste para um castigo, isto aqui não é um degredo, Arlinda, aqui podes encorpar, ou não cresces, és baé? Pior era se teu tio — Deus te livre — te metesse no orfanato. Amanhã, possível, estás aí emplumada, saindo daqui pela mão dum rapaz trabalhador. Doutro mundo, não. (JURANDIR, 1984, p. 64)

No entanto, Alfredo observando as atitudes de Dona Celeste percebe que inúmeras vezes ela se contradiz. Primeiro diz que não é malvada, mas impõe várias condições para que a menina morasse em sua casa. Afirma que gosta do comportamento da menina, mas logo em seguida

suspeita que a garota seja sonsa. Quer ser servida por Arlinda, mas exige que a sirva sempre de bom humor. Inicialmente, Dona Cecé sugere que Arlinda não trabalhará muito, mas logo em seguida elenca vários afazeres domésticos. Afazeres que exigirão tanto esforço da personagem que possivelmente não tenha tempo para fazer amizades e se divertir como as outras meninas de sua idade. Sendo assim, Arlinda parecia não ter escolha, tinha que realizar todas as tarefas com bom humor e paciência e ainda tolerar os abusos de Beleforonte, independente de qual fosse.

Ah se cada criatura tivesse o seu sossego. Ou é por sonsa? Aqui está esse meu filho, um que nunca sossega nem no sono, o Belerofonte, não te zanga com ele, aquela-menina, que senão vai ser o teu inferno. Tem uma paciência, mea afilhada, que paciência é que faz a convivência. Estás e não estás na casa alheia, vieste me servir, só que não sou malvada, tenho às vezes meus vinagres, mas não te queima a boca, te tratar te trato, contanto que tu possa de bom coração cara desamarrada servizinho um pouco o bastante que quero para movimento de fogão, encher o pote, rachar um pau de lenha, o lixo na baixa, a vigiação do porco, o asseio no quintal, atender ao Belerofonte, ir numa compra, tirar de minha mão certos cuidados. Uma sei que não sabe, é o abc. (JURANDIR, 1984, p. 64)

Alfredo observava a forma como a D. Cecé se dirigia a menina e aquelas palavras começaram a lhe doer, pelo fato de perceber que ele também se encontrava naquela situação de agregado e longe da família. O personagem se reconhecia enquanto tio bimba e também possuía marcas de feridas em todo o corpo, não muito diferente da condição de Arlinda. Por isso, questionava-se sobre a real intenção de D. Cecé, pois não compreendia o que ela de fato desejava.

Alfredo se fixou na patroa, a saber se o que ela dizia era de bem, de mal; «a tia bimba» (falava com ele), a «marca das feridas» (com ele também). O que escutava, doer lhe doía, sim. Tio bimba também a próxima, ali zonza, fininha que nem a irmã do Antônio dos Alcântaras. Mas Antônio, aquele, era sempre vento arisco, e estazinha de ar parado, cabisbaixa, sem boca nem olhos, as lágrimas abrindo um claro no sujo suado do rosto, caindo no balde. Comia terra? D. Celeste só no perguntar já não estava maltratando? Debaixo da benevolência dela, na unha do Belero, quanto não ia padecer a filha alheia? Se a menina com a cabeça respondia que não tinha vício nem piolho, a d. Celeste não parecia até contrariada, querendo que a sossegada tivesse? (JURANDIR, 1984, p. 65)

Para Alfredo as perguntas dirigidas a Arlinda eram desnecessárias e se indignava com a situação, pois as condições para que Arlinda morasse naquela era extremamente humilhante. Uma condição que trazia a memória de Alfredo a irmã de Antônio da narrativa *Belém do Grão-Pará*, assim como a condição do próprio Antônio. No entanto, ele faz uma observação dizendo que Antônio era esperto, enquanto que esta menina não tinha forças para se defender. Diante de tal situação, é interessante a reflexão que ele faz, quando diz que só no perguntar já não

estava maltratando? O personagem compreendia que a intenção de D. Cecé de fato não era ajudar e sim maltratar, humilhar e subjugar a personagem colocando-a numa condição inferior.

No fragmento a seguir nota-se que enquanto Alfredo preparava em casa a lição da escola, repara como o filho de dona Cecé, Belerofonte, compraz-se em tiranizar a menina Arlinda:

Atrás dela com tranco, cuspo, mordida. pontapé beliscão vou te meter num saco te atirar na carrocinha dos cachorros, galinha amarrada na cintura da próxima — sapateava o Belerofonte — Arlinda abria a boca, abria? Com aquele não ter língua seu falar era servir. Uma e outra vez, o jeito dum carneirinho a faca no pescoço, leve enrugar de quem vai romper num choro, berro, ira. logo desenrugava, o beicinho mordido, as lágrimas engolidas. (JURANDIR, 1984, p. 88)

Percebe-se que além dos serviços excessivos a menina ainda tinha que suportar as constantes perturbações de Belerofonte, filho de dona Celeste. Dessa forma, compreende-se que Arlinda ao ser tratada dessa maneira, está sendo vítima de exploração, humilhação e violação de todos os seus direitos que compõe o conceito de cidadania. Todavia, além da exploração, Arlinda ainda foi acusada pelo Antonino Emiliano de roubar os vestidos de dona Celeste. Ele havia vendido os vestidos da esposa no Ver-o-Peso e para não falar a verdade acusou Arlinda dessa barbaridade. Alfredo fica indignado com a perversidade, crueldade e coragem de Emiliano ao acusar a menina.

Vou sossegado sabendo que ela não vai agora ao Muaná. E tu sabes, não queria te dizer, mas os dois vestidos que a Arlinda roubou, ela não roubou, eu vendi no Ver-o-Peso, eram ainda muito bons. Tive uma precisão, um dia desses. Não posso agora dizer que a Arlinda não roubou. Parente, ainda estás menino. Amanhã, vais entender.

— Entendo, entendo.

Alfredo repetia «entendo entendo» como se lhe dissesse: todos vocês não prestam, todos vocês não prestam. Vou dizer, sim, que a Arlinda não roubou. Rompia uma ira por dentro, sufocada, pior que aquele rosto ali na esquina. Ladrão de vestido, jogando a culpa na inocente:

— Foi para isto que me acordou, me chamou? O sr. vai deixar que a menina passe por uma ladrona?

— Não roubou o «Pégaso»? (JURANDIR, 1984, p. 114)

Nessas narrativas transparecem as angústias e os anseios de uma sociedade que sofre com a decadência social, moral e, sobretudo humana no humilhante ambiente em que vivem as crianças que trabalham nas casas domésticas, vivendo em uma condição análoga ao escravismo, como Libânia, de *Belém do Grão-Pará*: “Libânia, pés de tijolo, a saia de estopa apressada e ofegante, era uma serva de quinze anos, trazida, muita menina ainda, do sítio pelo pai para a mão das Alcântaras.” (JURANDIR, 1960, p. 4). Arlinda de *Passagem dos Inocentes* “E esses panos brancos, quanta titinga, marca de ferida no braço, aqui no pescoço, na perna não tem

conta. Precisa é tirar isso do corpo, isso é roupa de gente” (JURANDIR, 1984, p.64). Dessa forma, é importante salientar a gravidade da condição do agregado, pois a humanidade e dignidade dessas crianças são atingidas de tanto serem exploradas.

As personagens Libânia e Arlinda representam essa condição de vida roubada, protegida pelo sistema jurídico, ao mesmo tempo em que é abandonada por ele. Aquela vida onde sua existência ou inexistência não importa ao sistema. É interessante que Giorgio Agamben ao discutir a vida nua, afirma que as pessoas em geral que se encontram nessa condição não conseguem perceber que é do estado o poder de definir qual vida é digna de ser vivida e qual não é. Em outras palavras, é o poder do soberano que decide o momento onde a vida deixa de ser politicamente relevante e passa a ser sem-valor.

Dessa maneira, nesse universo corroído pela degradação temos os agregados Libânia, Antônio, Arlinda e o próprio Alfredo que vivendo de forma miserável se resumem a um agrupamento de exilados de quase tudo. Crianças tratadas como animais, levando uma vida desqualificada, sem direitos, a margem de uma vida qualificada. Restando apenas a esperança da evasão seja pela fuga, seja pelas histórias contadas à boca da noite pelo menino Antônio.

Considerações Finais

Este trabalho constrói uma análise comparada com os romances *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos inocentes* de Dalcídio Jurandir. No entanto, é relevante salientar que o fato de não conhecer de forma precisa a cidade de Belém e ter iniciado os estudos somente no PPGCITI tornou-se uma dificuldade a mais, pois conhecer a cidade de Belém me ajudaria a compreender melhor os espaços descritos nas narrativas. Tais como as ruas, os bairros considerado nobres, compreensões que proporcionaria o melhor entendimento dos romances, pois como um lugar de memória, seria possível a partir de sua narrativa sobre a cidade de Belém, “viajar” por diversos lugares (Guamá, covões, São Brás, Nazaré, Mercado do Ver-o-Peso, Umarizal, etc.).

Dessa forma, pelos olhares de Alfredo percebe-se a tessitura ficcional de uma produção literária que demonstra o compromisso do autor em problematizar os problemas existenciais dos seres humanos. Deste modo, ao descortinar os dramas humanos o autor nos conduz a refletir sobre a diversidade de temas sociais que permeiam a obra do escritor, tais como a vida das pessoas em situação econômica menos favorecida, definição social de tal grupo, a pobreza de seus meios materiais e suas estratégias para sobrevivência. Portanto, a proposta em se observar e pensar a cidade a partir do olhar de Alfredo como um *flâneur*, comprova-se produtivo quando através do olhar do personagem observamos a Belém contraditória e ao mesmo tempo fascinante e desvalida.

O projeto literário de Dalcídio Jurandir, não se prende tanto à Amazônia em sua complexa biodiversidade, mas, especialmente os problemas universais, como os dramas humanos, relacionado a pobreza, a raça, o próprio preconceito, a doença, vivenciados tanto no arquipélago do Marajó, quanto no ambiente metropolitano de Belém. Essas ruínas deixadas com o término do ciclo da borracha são vistas pelos personagens de forma assombrosa. Portanto, através dos inúmeros trabalhos publicados sobre as narrativas de Dalcídio Jurandir, foi possível observar que quase todas fazem menção à ruína deixada pelo ciclo da borracha. Ruína que não atingiu apenas o chalé, os casarões em Belém, mas principalmente a vida das pessoas em sociedade sem ter o mínimo para sobreviver. Como observamos através da leitura dos romances e das pesquisas sobre as obras. Em especial o protagonista Alfredo que se refugia em um mundo imaginário para tentar se livrar da experiência com a morte, pobreza, ruína e decadência. Experiências que fizeram com que Alfredo idealizasse um mundo imaginário, como uma forma para a realização dos sonhos e desejos.

Nesse sentido, o escritor insere seu projeto estético por diferentes espaços que perpassam entre a ilha do Marajó e a cidade de Belém. No entanto, as análises se prenderam

em dois romances: *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos Inocentes* que correspondem aos dois primeiros anos de experiência citadina de Alfredo. Desta forma, este trabalho procurou, tão somente, traduzir a descoberta que Alfredo faz da cidade a partir de sua própria experiência urbana. Para isso, foi essencial levar em consideração a sua visão, perscrutar seu ponto de vista, atentar para a sua sensibilidade e procurar abarcar e compreender o sentido de suas vivências

Para a leitura do romance nessa perspectiva foi imprescindível entender as mudanças processadas através no olhar que o protagonista apresenta antes de residir em Belém e, na forma como esse olhar se modifica quando passa a conhecer a cidade e conviver com as hipocrisias das pessoas, que mesmo vivendo em decadência só se preocupavam em manter as aparências, buscando preservar seus valores e subalternizar outros indivíduos.

Dessa forma, a partir de olhar de Alfredo enquanto *flâneur* foi possível reconstruir a cidade de Belém. Trazer a ruína, a decadência e desnudar as mazelas sociais de uma sociedade excludente.

Ainda sob o viés da observação Charles Baudelaire constrói em sua poética outra categoria de observador o *voyeur*. Nesse sentido, compreendemos que essa categoria pode ser outro caminho analítico para a discussão das narrativas de Dalcídio. Para explicar essa categoria, Helissa de Oliveira Soares, em sua Dissertação de Mestrado intitulado *A moderna engenhosidade de Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire* afirma que como poeta, o francês se vale de várias máscaras, sendo que uma delas é o *flâneur* e outra o *voyeur*. Sobre o *voyeur* Helissa busca a definição no dicionário da Língua Portuguesa:

A definição da palavra no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* nos dá: “voyeur (palavra francesa) s. m. Pessoa que assiste, para sua satisfação, às manifestações de sexualidade de outrem” É assim que conhecemos e usamos a palavra *voyeur*, para designar a pessoa que se satisfaz observando as práticas sexuais de outrem. (SOARES, 2013, p. 67)

A figura do *voyeur* é marginal, está distante fisicamente dos acontecimentos, mas está inserido neles através do seu olhar insistente. Como um simples observador que analisa detalhadamente, com a intenção de não perder nenhuma minúcia que possa lhe causar prazer. No romance, *Belém do Grão-Pará*, percebemos a presença do olhar *voyeur*, quando D. Inácia convida Isaura para observar seu marido, Virgílio, se aproximando de Libânia na casa da estrada de Nazaré, quando ela estava dormindo com a intenção de concretizar seu desejo sexual,

D. Inácia na Ala sacudia a rede de Isaura, que ficara nessa noite em Nazaré.
— Isaura, murmurou, vem ver o espetáculo.
No quintal, incrédulas, depois num assombro e agora com uma tensa curiosidade, as duas podiam ver o gordo. Sem camisa, curvado, sobre o chão do quarto onde dormia Libânia. Não viam senão metade do corpo dele mas nitidamente as mamas, o ventre, a cabeça que a Isaura pareceu dum gorila

branco. D. Inácia mais parecia curiosa que indignada. Para a costureira tornava-se difícil sustentar a curiosidade sobretudo em presença da parte ofendida que era a madrinha mãe. Não sabia de quem se espantava mais se do padrinho ou da madrinha. Mas que Libânia estava alheia àquela situação, isso sabia. (JURANDIR, 1960, p. 147)

Nesse fragmento o narrador, enfatiza-se em D. Inácia o voyeurismo, “No fundo, d. Inácia parecia deliciar-se com aquela situação do marido curvado diante de uma cabocla adormecida no chão”. Dessa forma, compreendemos que o *voyeur*, observa e aquilo que contempla lhe causa prazer. Todavia, em Dalcídio também encontramos outra formulação de *voyeur*, como aquele que observa perplexo os abusos sobre outros personagens, reflete interiormente, mas fica apático, pois vive em condição subalterna.

Alfredo ao observar os abusos sofridos pela menina Arlinda se comporta como um *voyeur*, pois contempla a personagem ser maltratada por Belerofonte, filho de dona Celeste, mas devido a sua condição subalterna de também agregado naquela casa, se sente impossibilitado de defendê-la, por isso, apenas reflete sobre a situação, sem realizar ação alguma para mudar aquele quadro.

Belerofonte! Belerofonte! Não me puxa a orelha da pirralha, me deixa a menina! Mas, Belerofonte! Não arriba a sainha dela, menino sujo, demoninho, demônio me larga a menina, Belerofonte! Criatura, tenho que te fazer ao menos uma calça, Alfredo, me faz esta caridade, te distrai com Belerofonte, te peço que resolva as questões dele passadas no caderno. [...] Alfredo, o sol lhe queimava os olhos. Mais que o sol, era Arlinda, uma menina daquela na mão de Belerofonte? Alfredo indagava, a mão em pala nos olhos, vendo linhas no ar trançarem-se. Nem de longe com a Libânia se assemelhava. (JURANDIR, 1984, p. 65)

Segundo Nelci dos Santos, o nome “Belerofonte”, pertencente ao imaginário da Grécia. “Provavelmente fora escolhido pelo seu pai, Antonino Emiliano, pois este tinha o hábito de ler um livro sobre a mitologia” (SANTOS, 2005, p.79) Segundo a lenda é um herói da mitologia grega, belo, forte e valente, considerado um semideus. Belerofonte era filho de uma humana com um Deus. No que concerne ao Belerofonte da trama *Passagem dos Inocentes*, percebe-se que ele muito se distancia desse contexto politeísta, uma vez que o espaço físico e social muito está atrelado ao catolicismo.

Portanto, o presente trabalho expõe as mazelas sociais a partir do olhar de Alfredo enquanto *flâneur*. Nesse sentido, as narrativas apresentam uma realidade social cujo o signo é a exploração, exclusão e as desigualdades de uma sociedade que embora decadente, buscava manter pelo menos nas aparências o status de bem sucedidos.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua (zoé)* I. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

AGAMBEN, Giorgio, 1942- *Estado de exceção* / Giorgio Agamben; tradução de Iraci D. Poleti. – São Paulo: Boitempo, 2004 (Estado de sitio)

ALMEIDA, Marcos Monteiro. *Cidade e Antíteses: Uma Leitura do romance Passagem dos Inocentes de Dalcídio Jurandir*. Universidade Federal Do Pará, Belém/ 2005.

ASSMAR, Olinda Batista. *Dalcídio Jurandir: Um Olhar sobre a Amazônia*. Rio De Janeiro, Galo Branco, 2003.

ASSIS, Flávia Gieseler de. *Visões do agregado em Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Brasília, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. apresentação Marcelo Jacques tradução, introdução e notas Ivan Junqueira. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Etiquetas: Edição Bilíngue, Literatura estrangeira. PNL Sec. Poesia, 2015.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Ilustrações de Constantin Guys. Bira câmara editor. São Paulo, 2010.

BARBOSA Wilson Ferreira. *A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940 – 1980)* Porto Alegre – RS Janeiro/2016

BARBOSA, F. *A vida nua e formas de vida: Giorgio Agamben, Leitor das fontes greco-romanas*. HYPNOS, São Paulo, número 30, 1º semestre 2013, p. 79-97.

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*, 2a edição tempo brasileiro rio de janeiro – 2000

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*/tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. _ 1. Edição _ São Paul: Brasiliense, 1989. _ (Obras escolhidas; v.3)

COSTA, Rogério da. *Uma Vida (nua) é como Piscina (sem água)? Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 171-183, dez. 2011. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641248014>

CORRÊA, Paulo Maués. *Um Olhar sobre Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir*. Belém: IAP, 2008.

FERREIRA, Paulo Jorge de Moraes. *De Cachoeira a Belém: A Inflexão das ilusões de Alfredo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém 2008.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir*. UNICAMP/Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas, SP: 2002.

FURTADO, Amanda Maia. SALES, Maria da Luz Lima. *Libânia: pés no chão em Belém do Grão-Pará*. Revista do curso de graduação em letras e do programa de pós-graduação em comunicação, linguagens e cultura da universidade da Amazônia. VOL. 15 | N. 1 | JUL. 2018 ISSN 1415-7950

FREIRE, José Alonso Torres. *Entre construções e ruínas. Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. São Paulo 2016.

HAGE, José Elias Pereira. *Figurações do pobre em Dalcídio Jurandir: Do Chalé à rua das Palhas em Chove nos Campos de Cachoeira*. Universidade Federal do Pará, Belém/2015.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade/ tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1999.*

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. 3. ed. Belém: Cejup, 1991. 294p.

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994. 396p.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará*. Livraria Martins, São Paulo 1960.

JURANDIR, Dalcídio. *Passagem dos Inocentes*. Belém: Falangola, 1984.

LIMA, Maria Cecília de. *Discursos sobre Gênero e identidade e identidade In: OTTONI, Maria Aparecida Resende: LIMA, Maria Cecília de (orgs.). Discursos, Identidades e Letramentos: abordagem da análise do discurso crítica*. São Paulo: Cortez, 2014.

MAIA, Maíra Oliveira, *PARA ALÉM DA DECADÊNCIA – “A Aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir*. Universidade Federal do Pará. Belém/2017

MORAES, Viviane Dantas. *A vida nua em Dalcídio Jurandir: Metamorfoses do Estado de Exceção*. Universidade federal do Pará. Belém/ 2017.

MORHY, Samia, LIMA, José Júlio, PONT Vidal Celma. *A modernização nos governos de Antonio Lemos (1902-1912) e Getúlio Vargas (1937-1945): a mudança cultural do local da moradia e seu reflexo no processo de degradação do Centro Histórico de Belém/PA, IX Mestres e Conselheiros - Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG - de 21 a 23/06/2017.*

NUNES, Paulo Jorge Martins. *Útero de Areia, Um estudo do romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Belo Horizonte, 2007

NUNES, Benedito, PEREIRA, Ruy, PEREIRA, Reolon Pereira *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia/– Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa Dalcídio Jurandir, 2006.*

PANTOJA, Edilson. *Morte, desamparo, nihilismo e liberdade abalo e entusiasmo ante chove nos campos de cachoeira, de Dalcídio Jurandir*, (Dissertação de Mestrado em Estudos Literários) Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, 2006.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano- paris*. Rio de Janeiro, Porto alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PRESSLER, Karl Gunter. *O Comunista e o Escritor Dalcídio Jurandir*. Belém: Editora Açai, 2013.

PEREIRA, Carla Soares. *VARADOUROS E SILÊNCIOS: (des)caminhos da borracha em Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir, e Seringal, de Miguel Ferrante*, Dissertação de mestrado- Universidade da Amazônia, Programa de pós-graduação em mestrado comunicação linguagens e cultura, Belém 2014.

PRESSLER, Gunter Karl, MENEZES, Flávia, NETO, Mário Santos. (org.) *Dalcídio Jurandir bibliografia geral e estudos críticos*. La coruña- Espanha, 2014.

SANTOS, Neilci do Socorro Coelho dos. *Dona Cecé: Um Feminino Singular em Passagem dos Inocentes de Dalcídio Jurandir*. Universidade Federal do Pará, Belém-Pará, 2005.

Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902 pelo intendente Senador Antônio José de Lemos. Pará- Brasil typografia de Alfredo Augusto Silva. 12 praça Visconde do Rio Branco 1902.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. “*Condição Agregada e vida nua em “Velas, Por Quem?”*”, de Maria Lúcia Medeiros. In: ALMEIDA, Carlos Henrique Lopes de;

SARMENTO-PANTOJA, Augusto (Organizadores). *Literaturas: Diálogos e Resistências*. Belém: UFPA, 2016.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ed. Belém: Paka –Tatu, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente” Antônio Lemos (1969-1973)*. Belém Paka –Tatu, 2002)

VIANNA, Márcio. SUDÉRIO, Marcílio. *Manaus e sua paisagem cultural: orla fluvial e o patrimônio da cidade-metrópole*. Revista CAU/UCB | 2016 | Artigos